



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Fausye Mendes de Carvalho Gama Failace

**“Deformidades do rock, fascistas, reacionários, blá-blá-blá”: a atuação de Lobão e Roger Moreira na atualização das direitas no Brasil (2013-2018)**

São Gonçalo

2025

Fausye Mendes de Carvalho Gama Failace

**“Deformidades do rock, fascistas, reacionários, blá-blá-blá”: a atuação de Lobão e Roger Moreira na atualização das direitas no Brasil (2013-2018)**



Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Território, Relações de Poder e Movimentos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Vaz da Motta Brandão

São Gonçalo

2025

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

F161 TESE	<p>Failace, Fausye Mendes de Carvalho Gama. “Deformidades do rock, fascistas, reacionários, blá-blá-blá” : a atuação de Lobão e Roger Moreira na atualização das direitas no Brasil (2013-2018) / Fausye Mendes de Carvalho Gama Failace. – 2025. 118f. : il.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Rafael Vaz da Motta Brandão. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.</p> <p>1. Direita e esquerda (Ciência política) – Brasil – Teses. 2. Rock – Brasil – Teses. 3. Lobão, 1957- – Teses. 4. Moreira, Roger Rocha, 1956- – Teses. I. Brandão, Rafael Vaz da Motta. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.</p>
CRB7 – 6150	CDU 32(81)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Fausye Mendes de Carvalho Gama Failace

**“Deformidades do rock, fascistas, reacionários, blá-blá-blá”: a atuação de Lobão e Roger Moreira na atualização das direitas no Brasil (2013-2018)**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Território, Relações de Poder e Movimentos Sociais.

Aprovada em 24 de fevereiro de 2025.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Rafael Vaz da Motta Brandão (Orientador)  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof. Dr. Gelsom Rozentino de Almeida  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof. Dr. Romulo Costa Mattos  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

São Gonçalo

2025

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus e a Nossa Senhora Aparecida por serem refúgio nos dias mais difíceis e pelo sustento até aqui, desde o processo seletivo. Ainda neste ensejo, agradeço as orações incansáveis da minha mãe Eliete, de minha avó Ivete e de minha madrinha Eliane. Agradeço as risadas e conselhos da minha tia Bel. Agradeço também ao meu porto-seguro: minhas irmãs, Raphaele e Carolina. Obrigada por cada leitura atenta, por cada revisão altas horas da noite e por cada conselho. Agradeço a meus primos Bruno, André e Filipe, pelas trocas infundáveis sobre música, especialmente sobre o rock, pelas *jams* tão profissionalmente improvisadas e tão especiais nesta família repleta de músicos. *In memoriam*, agradeço a meu saudoso pai, Raphael Gama Filho, ou Ragafi, como ele costumava assinar nos instrumentos por ele fabricados. Muito deste trabalho partiu das vivências com ele. O que sei hoje sobre música, sobre rock, sobre como transformar um pedaço de madeira bruta em uma guitarra, eu aprendi com meu pai. Ao meu saudoso avô Vicente, nordestino forte, sertanejo do sertão do Maranhão, agradeço por ter me ensinado muito sobre resiliência, humildade e que o *mais simples fosse visto como o mais importante*. Agradeço ao Failace, companheiro que eu escolhi para dividir a vida, por todo apoio incondicional, por cada afeto, cada abraço e cada palavra de acolhimento. Junto dele agradeço a Thayná, minha filha do coração, por todo amor e paciência neste período. Agradeço a todo apoio que recebi de minhas diretoras Tereza e Natascha e da minha coordenadora Norma Celeste. Agradeço imensamente a minha pedagoga Rosayna, por sua leitura atenta, pontual e muito construtiva. As minhas amigas Bia, Marcelly e Marcelle, por suas escutas sensíveis e por todos os cafezinhos pós expediente que tomamos. Agradeço a minha amiga Simone por todas as revisões e formatações feitas com muito profissionalismo e com o maior carinho. Agradeço aos novos amigos que a pós me trouxe, cada almoço, cada cervejinha no bar da frente, cada troca de ideias. Aos queridos professores que pude reencontrar, depois de 10 anos “fora” da FFP, da qual tenho muito orgulho de ter toda minha formação acadêmica cursada nesta instituição. Por último, mas não menos importante, ao meu querido orientador de longa data, Rafael Brandão, por todo apoio e incentivo de sempre, por sempre acreditar em mim e no meu trabalho mesmo nos momentos que até eu mesmo duvidava. Obrigada por toda parceria e paciência e por nunca ter soltado minha mão. Muito obrigada a todos que fizeram parte desse processo!

## RESUMO

FAILACE, Fausye Mendes de Carvalho Gama. “*Deformidades do rock, fascistas, reacionários, blá-blá-blá*”: a atuação de Lobão e Roger Moreira na atualização das direitas no Brasil (2013-2018). 2025. 118f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2025.

Essa dissertação teve como objetivo analisar a relação entre determinados músicos do rock nacional e o movimento de atualização e reativação das direitas no Brasil no recorte temporal compreendido entre os anos 2013 a 2018. O movimento de atualização das direitas no Brasil vem se desenvolvendo gradualmente a partir redemocratização. A partir da década de 1990, podemos observar uma reorganização das estratégias de ações políticas por parte da burguesia baseadas em diversas organizações formuladoras de projetos de poder e produção de consensos. Essas organizações vão desde instituições educacionais vinculadas a grandes empresas, passando por *think tanks* até as mídias sociais que, nas eleições de 2018, foram amplamente instrumentalizadas e utilizadas pela direita, sobretudo na propaganda bolsonarista. Emergido de forma mais intensa nos protestos contra o governo Dilma Rousseff e nos ataques ao Partido dos Trabalhadores a partir da Operação Lava-Jato, este fenômeno angariou importantes apoiadores no meio artístico-musical e, em particular, no cenário do *rock*, com nomes como Lobão, Roger Moreira (Ultraje a Rigor), Digão (Raimundos), dentre outros. Esta parcela de artistas brasileiros identificada com o gênero do *rock* passou a adotar não somente um discurso, mas também posturas e práticas conservadoras. Alguns desses posicionamentos envolveram apoio direto ao candidato Jair Messias Bolsonaro e foram explicitadas em entrevistas em canais no Youtube e, principalmente, em redes sociais, nas quais os músicos em questão atuaram mais diretamente enquanto caixas de ressonância para o discurso reacionário.

Palavras-chave: nova direita; rock nacional; atualização das direitas; Lobão; Roger Moreira.

## ABSTRACT

FAILACE, Fausye Mendes de Carvalho Gama. *"Rock deformities, fascists, reactionaries, blah-blah-blah"*: the role of Lobão and Roger Moreira in updating the right in Brazil (2013-2018). 2025. 118f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2025.

This research aimed to analyze the relationship between a group of national rock musicians and the movement to update and reactivate rights in Brazil from 2013 to 2018. The movement to update rights in Brazil has been gradually developing since redemocratization. Since the 90s, there has been a reorganization of political action strategies by the bourgeoisie, involving various organizations that formulate power projects and produce consensus. These organizations include educational institutions linked to large companies, think tanks, and, notably in the 2018 elections, social media, which was used masterfully by the right, especially in Bolsonaroist propaganda. Emerging more intensely in the protests against the Dilma Rousseff government and in the attacks on the Partido dos Trabalhadores and Operation Lava-Jato, this phenomenon attracted important supporters in the artistic-musical world and, in particular, in the rock scene, with names such as Lobão, Roger Moreira (Ultraje a Rigor), Digão (Raimundos), among others. This group of Brazilian rock artists began to adopt not only conservative discourse but also conservative stances. Some of these positions involved direct support for candidate Jair Messias Bolsonaro and were explained in interviews, on YouTube channels, and mainly on social networks, where the musicians in question acted more directly as sounding boards for the reactionary discourse.

Keywords: newright; brazilian rock; rights update; Lobão; Roger Moreira.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Postagem de Lobão em sua página do Facebook em 19/10/2014 com adesivo pedindo “Fora Dillma” com dois L verde amarelo .....	45
Figura 2 –	Capa do disco “O Rock Errou”, de 1986 .....	64
Figura 3 –	Postagem de Roger referindo-se ao povo brasileiro como burro .....	76
Figura 4 –	Capa do LP “Nós vamos invadir sua praia” (1985) .....	78
Figura 5 –	Postagem do documento do Serviço Público Federal .....	80
Figura 6 –	Resposta de Lobão a uma seguidora referente ao que ele chama de “ditadura cubana” e aos direitos humanos .....	88
Figura 7 –	Resposta a um seguidor que diz que ele deveria ser grato pela proteção que recebeu na ditadura .....	89
Figura 8 –	Postagem em sua página do Instagram em 10/10/2013 divulgando o primeiro hangout do Lobão Entrevista com a participação de Olavo de Carvalho .....	94
Figura 9 –	Convocação para assistir ao hangout com Olavo de Carvalho e também para as manifestações de março de 2015 .....	94
Figura 10 –	Capa do disco “O Rigor e a Misericórdia” 2016 .....	96
Figura 11 –	Postagem convocando os seguidores a pensarem nas tags que iriam subir para apoiar Jair Bolsonaro .....	101
Figura 12 –	Comemoração da vitória de Jair Bolsonaro .....	101
Figura 13 –	Roger criticando o Bolsa Família .....	104
Figura 14 –	Roger diante de uma imagem de Lula como “presidiário” .....	104
Figura 15 –	Roger ao lado de Jair Bolsonaro, pouco antes das eleições de 2018 ....	105
Figura 16 –	Tuíte em apoio a Bolsonaro .....	106
Figura 17 –	Roger em defesa do armamentismo, umas das principais pautas da extrema-direita .....	106

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BC	Banco Central
BNDES	Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social
CIPE	Center for International Private Enterprise.
CNV	Comissão Nacional da Verdade.
CPT	Comissão Pastoral da Terra
CUT	Central Única dos Trabalhadores
DCE	Diretório Central dos Estudantes
EPL	Estudantes Pela Liberdade
FASFIL	Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos
FEBRABAN	Federação Brasileira dos Bancos
FHC	Fernando Henrique Cardoso
FMI	Fundo Monetário Internacional
IBAD	Instituto Brasil Democrático
IEE	Instituto de Estudos Empresariais
IL	Instituto Liberal
IMIL	Instituto Millenium
IPEA	Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas
IPES	Instituto de Estudos e Políticas Sociais
IPI	Imposto Sobre Produtos Industrializados
MBL	Movimento Brasil Livre
MEI	Micro empreendedor Individual
MPL	Movimento Passe Livre
MSM	Mídia Sem Máscaras
MSST	Movimento dos Trabalhadores Sem Teto
OMC	Organização Mundial do Comércio
ONG	Organização Não-Governamental
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
OSCS	Organizações da Sociedade Civil

PAC	Plano de Aceleração do Crescimento
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PDC	Partido Democrata Cristão
PEN	Partido Ecológico Nacional
PIB	Produto Interno Bruto
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PPB	Partido Progressista Brasileiro
PRC	Partido Revolucionário Comunista
PSC	Partido Social Cristão
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PSI	Programa de Sustentação do Investimento
PSL	Partido Social Liberal
PT	Partido dos Trabalhadores
PUC	Pontifícia Universidade Católica
ROL	Revoltados Online
SAG-DIEESE	Sistema de Acompanhamento de Greves do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos
SELIC	Sistema Especial de Liquidação e de Custódia
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
UCC	União Contra a Corrupção
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
1	<b>OS GOVERNOS PETISTAS E AS INSATISFAÇÕES POPULARES: AS MANIFESTAÇÕES QUE MARCARAM O SEGUNDO MANDATO DE DILMA ROUSSEFF</b> .....	29
1.1	<b>O governo Dilma Rousseff e o golpe de 2016: a consolidação do projeto antipetista</b> .....	31
1.2	<b>As jornadas de junho de 2013</b> .....	36
1.3	<b>As eleições de 2014 e a Operação Lava Jato</b> .....	43
1.4	<b>Jair Bolsonaro e a construção de um “mito”</b> .....	48
2	<b>DIZEM QUE O ROCK ANDOU ERRANDO</b> .....	55
2.1	<b>Os anos 80 e a construção do antipetismo</b> .....	56
2.2	<b>Penso em tudo, até em revoluções</b> .....	62
2.3	<b>“Eu sou assim meio atrasadão, conservador, meio reacionário e caretão”</b> .	73
2.4	<b>O sucesso dos primeiros lançamentos</b> .....	77
3	<b>REACIONÁRIOS E BLÁ-BLÁ-BLÁ</b> .....	83
3.1	<b>Vamos tirar o hype da esquerda!</b> .....	84
3.2	<b>Entre o rigor e a misericórdia</b> .....	95
3.3	<b>O retorno de Roger Moreira à mídia e apoio incondicional a Jair Bolsonaro</b>	102
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	110
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	114

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objetivo analisar a relação de dois importantes músicos do rock nacional dos anos 1980 e 1990 com o movimento de atualização das diretas no contexto brasileiro, que começou a ganhar contornos mais nítidos a partir do ano de 2013 (Singer, 2021). Essa articulação das diretas vinha sendo gestada desde a década de oitenta, mais precisamente com a redemocratização e, segundo Casimiro (2018), ainda estaria em curso. No entanto, nos últimos anos, principalmente a partir do segundo mandato presidencial de Lula da Silva e dos governos subsequentes de Dilma Rousseff podemos observar sua articulação de forma mais sistematizada. A insatisfação de frações da burguesia com os governos petistas e necessidade de retomada de um plano hegemônico das classes dominantes foram capilarizadas para a sociedade através de múltiplos aparelhos privados de hegemonia financiados por capital nacional e estrangeiro. Esses aparelhos, tornaram os valores liberais e conservadores mais palatáveis, apresentando essa visão de mundo como única alternativa possível para reerguer o país afundado em “corrupção, roubalheira e crises”. Mobilizou boa parte de uma sociedade descontente através das redes sociais e dos grandes conglomerados da comunicação que, exaustivamente, atribuíram a pecha de corrupta somente à administração petista e às coligações que a apoiaram. Essa adesão contou, sobretudo, com o apoio das classes médias e também com o apoio de alguns setores da classe artística e musical.

Destacamos então os sujeitos de nossa análise que são duas figuras centrais no cenário musical dos anos 1980 no Brasil: Lobão e Roger Moreira que, junto com suas bandas, desempenharam papel importante na cena do rock brasileiro. Seus álbuns, à época, contavam com canções que falavam de amor, de temas juvenis e cotidianos. Entretanto, algumas canções ficaram marcadas com um cunho político e de protesto. Ambos foram jovens crescidos sob um estado de exceção e que em sua adolescência e juventude experienciaram uma sociedade em processo de redemocratização. A canção *Inútil*, por exemplo, já foi tema das Diretas Já, embora hoje possamos analisá-la sob outro prisma. Lobão, por sua vez, contou entre suas canções, com composições críticas à ditadura, como “Canos Silenciosos” e “O Rock errou”, além de críticas sociais, como podemos observar na canção e no clipe da música “Revanche”, “O eleito”, dentre outras.

O título foi retirado de um trecho de um livro de Lobão, *60 anos a mil*. Referindo-se a seu outro livro, o *Guia politicamente incorreto dos anos 80 pelo rock*, Lobão relembra a primeira parceria musical que teve com Roger Moreira, em 2017. Juntos compuseram a canção

*O Bobo*, a qual mais adiante abordaremos. O que gostaríamos de destacar aqui é que a composição seria uma “resposta” às críticas que ambos vinham sofrendo, sobretudo a partir de 2013. Neste trecho, Lobão afirmou que a canção tem o intuito de “dar uma sacaneada em alguém ou algum segmento adversário, uma vez que nós dois, como todos sabem, somos tidos e havidos como dois estupores, duas deformidades do rock, fascistas, reacionários, blá-blá-blá...” (Lobão, 2020, p.179).

O *corpus* documental de fontes utilizadas na pesquisa é composto por matérias de jornais e de revistas especializadas, biografias e livros produzidos por eles, entrevistas concedidas na imprensa, análise de material fonográfico e audiovisual dos referidos artistas, além de fontes digitais, como blogs, sites e redes sociais, o que demonstra sua viabilidade.

Embora os sujeitos estudados nesta pesquisa tenham manifestado esse posicionamento de forma mais incisiva na primeira metade dos anos 2000, é a partir da ascensão dos governos petistas e, sobretudo do governo Dilma Rousseff, que uma parcela de artistas brasileiros (não somente do gênero rock, mas também de outros gêneros musicais) passou a adotar, de forma mais contundente, um discurso e posturas conservadoras, e não raro, reacionárias. Essas posturas foram explicitadas em entrevistas, algumas vezes em shows, mas principalmente nas redes sociais. Alguns, como no caso dos sujeitos de nossa dissertação, aderiram a um discurso contra a ordem, contra as instituições públicas e leis de fomento cultural. Bradavam contra os governos petistas, pois temiam a possibilidade da implantação de um regime comunista no país por parte destes. Já outros artistas do rock brasileiro, como os cantores Dinho Ouro Preto (Capital Inicial) e Paulo Ricardo (RPM)<sup>1</sup> seguiram pelo viés do discurso anticorrupção, pois passaram a apoiar publicamente a Operação Lava-Jato e o *impeachment* contra a presidenta Dilma Rousseff. Posteriormente Dinho declarou-se arrependido e afirmou que foi um erro ter apoiado a Lava-Jato.<sup>2</sup> Por outro lado, o guitarrista e vocalista Digão, da banda Raimundos, de forte sucesso no final dos anos 1990, apoiou veementemente o candidato Jair Bolsonaro nas eleições 2018 e 2022 através de postagens ofensivas nas suas redes sociais, atacando todos que discordavam de sua orientação política<sup>3</sup>. Ricardo Confessori, baterista da banda brasileira de heavy metal Shaman também foi um dos apoiadores incondicionais de Jair Bolsonaro, atacando

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2017/03/1868564-artistas-confirmam-presenca-em-ato-pro-lava-jato-na-avenida-paulista.shtml>. Consultado em: 30 dez. 2024.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/07/14/dinho-ouro-preto-admite-arrependimento-em-apoiar-sergio-moro-e-lava-jato.htm>. Consultado em: 30 dez. 2024.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/05/09/cancelado-pela-esquerda-digao-se-defende-sem-moral-para-falar-de-mim.htm>. Consultado em: 30 dez. 2024.

fãs nas redes sociais e acarretando o fim da banda em 2022, por conta de seu posicionamento político.<sup>4</sup> Podemos destacar também Evandro Mesquita (Blitz) que atuou em redes sociais militando contra o Partido dos Trabalhadores, convocando seguidores para atos contra a presidenta Dilma Rousseff, além de aderir ao movimento Vem Pra Rua. Entretanto, em 2022, participou de vídeos do “vira voto” para Lula da Silva. O ex-baixista do Barão Vermelho, Rodrigo Santos, assim como Roger Moreira, comparou os governos petistas a ditadura. Tentou organizar no seio da classe artística midiática um movimento antipetista, mas não logrou êxito. Santos lançou uma biografia em 2015, mas o livro versa basicamente sobre música e sua recuperação do vício das drogas, não tratando nada que remeta a algum posicionamento político neste (Mattos, 2023, p.194). Rogério Flausino (Jota Quest) exaltou uma manifestação de agosto de 2015 na Avenida Paulista, publicando uma foto antiga (março de 2015) de uma outra manifestação no mesmo local, para tentar indicar o sucesso da manifestação de agosto, com a seguinte legenda: “Vaziona a paulista, né...”. Os internautas o desmascararam, mas mesmo assim ele não apagou o *post*, nem se retratou por estar postando notícia falsa. Em 2014, o cantor Marcelo Falcão (O Rappa), em um festival de rock em Ribeirão Preto, fez um discurso que foi pauta das esquerdas nas ruas em relação aos megaeventos esportivos e ao final, alertou que as eleições estariam chegando e que o povo não podia se esquecer disso. Foi a deixa que o público precisava para xingar a presidenta Dilma. Falcão, porém, se posicionou tentando se isentar, afirmando que ele nuncaalaria aquilo, mas que o desabafo “era do público e de todo mundo” (Mattos, 2023, p. 196).

Nossas hipóteses partiram, primeiramente, de uma análise da origem de classe de Lobão e Roger como um dado importante, mas não historicamente elucidativo por si só. O conforto financeiro de que ambos dispuseram, o lugar de onde eles falam e para qual público eles falam é fator condicionante. Neste sentido, nossa hipótese partiu da ideia de que esses músicos já demonstravam esse posicionamento ideológico mais direitista em alguns aspectos. Embora não possamos homogeneizar as atuações de Lobão e Roger, pois por mais que tenham semelhanças de vida, de carreira e de origem de classe, têm suas especificidades que os diferem. Lobão por exemplo, por um tempo podemos constatar em sua produção uma tentativa de imprimir um caráter um pouco mais progressista, não necessariamente contra a direita ou esquerda, mas uma contestação contra a ordem vigente seja ela qual for. Roger, por sua vez, nunca rebuscou sua ideologia e suas visões de mundo. Lobão, por um tempo, ainda tentou se alinhar com uma esquerda política, mesmo que, segundo ele, por um “modismo” (cabe ressaltar que seu apoio

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/o-som-e-a-furia/a-banda-de-heavy-metal-que-implodiu-por-causa-dos-ataques-bolsonaristas>. Consultado em: 30 dez. 2024.

ao PT durou 11 anos) e por oportunidades para se encaixar em um período recém saído dos anos de chumbo antes de se autoproclamar como sendo “de direita”, como nos aponta Rocha (2018). Para além disso, outro dado importante agregado a nossa hipótese é o fato de que naquele contexto de 2013, adotar o discurso anticorrupção, antipetista e, posteriormente manifestar apoio ao candidato Jair Bolsonaro, alavancaria suas carreiras, que já estavam combatidas. Roger Moreira vai compor a banda de apresentação do programa diário de Danilo Gentili, desde 2013. Não andava de avião desde 1995, o que limitou as possibilidades de show e não lançava álbuns desde 2012, quando gravou o álbum “O embate do século”, junto com a banda Raimundos (conhecida pelo reacionarismo de alguns integrantes neste mesmo contexto de 2018).<sup>5</sup> Lobão fez sucesso quando se lançou no ramo editorial publicando livros recheados de críticas aos governos petistas e aos “intelectuais de esquerda”. Ainda continuou produzindo discos, embora não tenha feito mais tanto sucesso com suas produções musicais. Seus últimos álbuns de composições inéditas são de 2016, quando lançou “Entre o Rigor e a Misericórdia” e um single “O que é a solidão em sermos nós”.<sup>6</sup>

Alguns trabalhos já foram desenvolvidos acerca desta relação da cultura, principalmente da música e especificamente do rock com a ascensão de governos de direita no Brasil.

Romulo Mattos vem se dedicando à pesquisa sobre música e cultura, produzindo sobretudo muitos artigos, publicações em blogs, capítulos de livros, *podcasts* sobre o rock brasileiro e também sobre a “guinada à direita” de alguns desses músicos neste contexto atual. Sobre o autor, destacaremos aqui dois capítulos que foram de suma importância para esta pesquisa. Um deles integra o livro “Junho: dez anos que abalaram o Brasil”, no qual ele faz uma análise de como os agentes do campo musical brasileiro se comportaram politicamente neste contexto dos processos de 2013 até a ascensão de Bolsonaro, que ele pontua como *neofascismo no poder*. Essa análise abrange não só músicos do rock nacional, mas também outros estilos musicais como o sertanejo e também a chamada MPB. Em outro capítulo do livro “A onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil”, Mattos discorre especificamente sobre a guinada à direita de Roger Moreira e Lobão. Contextualizando sobre suas carreiras e suas origens de classe, analisa possíveis elementos que pudessem explicar essa guinada.

---

<sup>5</sup> Disponível em: [https://www.discogs.com/pt\\_BR/master/1646436-Ultraje-A-Rigor-Vs-Raimundos-O-Embate-Do-S%C3%A9culo-Cara-A-Cara?srltid=AfmBOoqk5SR4TMVAJbodwNHNUXSg2B16H\\_5t-Z2CQL7W0IdAlGg\\_vW8L](https://www.discogs.com/pt_BR/master/1646436-Ultraje-A-Rigor-Vs-Raimundos-O-Embate-Do-S%C3%A9culo-Cara-A-Cara?srltid=AfmBOoqk5SR4TMVAJbodwNHNUXSg2B16H_5t-Z2CQL7W0IdAlGg_vW8L). Consultado em: 05 jan. 2025.

<sup>6</sup> Disponível em: [https://www.discogs.com/pt\\_BR/artist/471679-Lob%C3%A3o?srltid=AfmBOoqneW6D6fjki2-THRU3NgEpy\\_RPHU9uLD6Hmfw6lKTxlTwO1Jj](https://www.discogs.com/pt_BR/artist/471679-Lob%C3%A3o?srltid=AfmBOoqneW6D6fjki2-THRU3NgEpy_RPHU9uLD6Hmfw6lKTxlTwO1Jj) Consultado em: 05 jan. 2025.

O artigo de Rodrigo Cesar Ribeiro Horta, “Os protestos de 2013 nos acordes do rock nacional”, analisa algumas canções e cliques marcantes do rock dos anos 1980 e 1990, que foram ressignificadas e utilizadas no contexto das manifestações de 2013. As canções vão de Engenheiros do Havá, passando por Raul Seixas, Biquini Cavado, Charlie Brown Junior e O Rappa. Mas os campeões de aparição de trechos de música nos cartazes, foram, sem dúvida, “Que país é esse?” da Legião Urbana e “Brasil” de Cazuza.

Mais especificamente sobre um dos objetos de nossa investigação, encontramos uma dissertação de mestrado em Ciências Sociais, da pesquisadora Ana Carolina Campos Pereira Serpa Martins. Ana Carolina desenvolveu uma pesquisa sobre a controversa trajetória de Lobão, cujo título é “Lobão: do Vímãna à Veja”, na qual ela traça uma análise sobre sua infância na zona sul do Rio de Janeiro, sua carreira nos anos 80, sua prisão, sobre os desafios de se manter na cena musical brasileira mesmo depois de romper com as gravadoras e produzir seu material de forma independente e sua atuação político-partidária nos movimentos antipetistas. Analisa também a forma como Lobão, mesmo em meio a tantas polêmicas, conseguiu se manter na mídia durante todos esses anos. Realizamos também a leitura da dissertação de mestrado em Ciências Sociais de Raffael Silveira Sena, intitulada “Da transgressão ao conservadorismo: a escalada da extrema direita na cena metal”. Sena analisa, em sua pesquisa, através de entrevistas, as vivências e visões de mundo de uma determinada parcela que compõem o movimento musical *black metal* e como esse movimento vem adotando posicionamentos conservadores, e de que forma esse processo ideológico é construído e por qual razão seus apreciadores estão sendo atraídos por essas ideias.

Cabe ressaltar aqui que não foram encontrados um grande número trabalhos acadêmicos mais aprofundados como dissertações ou teses sobre a temática da relação entre a nova direita no Brasil e seus apoiadores no cenário do rock, ou sobre rock e novas direitas, principalmente na área da História. Grande parte dos trabalhos acadêmicos encontrados são da área da Sociologia. Dessa forma, a partir das leituras e breve exposição de nossa revisão bibliográfica, lançamos mão de alguns conceitos importantes que nortearam esta pesquisa.

### **A nova direita e a atualização do seu modus operandi no Brasil**

Natascha Strobl (2022), observa que, no final dos anos 1960, na França, ocorreu o desenvolvimento de um núcleo pertencente à extrema-direita que desencadeou muitas inovações. Dentre essas inovações, podemos ressaltar o que a autora chama de *nova direita*, que se consolida a partir de uma sobreposição entre o conservadorismo burguês e a extrema-

direita tradicional, unidos por círculos de conservadores e fascistas. A partir do século XXI, essa *Nouvelle Droite* ou Nova Direita vai atualizando seus mecanismos de atuação e elegendo novos espaços de disputa. Ao invés de fazer política em sentido estrito, onde seriam necessárias fundações de partidos, lograr êxito em eleições ou ocupar os espaços nos parlamentos, buscaram atingir cada vez mais os espaços “fora” do campo político. Para tanto, nos baseamos nos estudos de Antonio Gramsci, principalmente na seu conceito de *hegemonia*. Gramsci escreve boa parte de sua produção preso no cárcere sob o regime fascista italiano. Strobl nos mostra que segundo Gramsci, em uma sociedade industrial complexa, o combate e a coerção não são suficientes para se alcançar e manter o poder. Ou seja, para que se apliquem os planos e ideias seria necessário, primeiro, conseguir uma ampla aceitação social. Só então a mudança na liderança do Estado poderia ser bem sucedida a longo prazo (Strobl,2022, p.22).

Para Gramsci, o poder formal seria a última etapa de uma profunda transformação social. Considerava que o papel democrático de um partido progressista era tornar visível e tangível a cultura da classe trabalhadora. Para ele, os intelectuais, ligados à classe trabalhadora (Gramsci chamava-os de intelectuais orgânicos) teriam que formar uma ampla aliança com os intelectuais tradicionais (artistas, escritores, que se veem como uma classe em si mesma, fora da sociedade, embora desempenhassem um papel importante nela), assim como com as demais forças sociais, para enfim chegar ao poder como “bloco histórico”. Mas isto requer uma hegemonia cultural, ou seja, no plano do discurso público ou no âmbito da educação, deve haver um acordo para que as próprias ideias, as próprias práticas e a própria linguagem respondam a sensibilidade de uma maioria (Strobl, 2022, p. 23).

Os atores da extrema direita, por sua vez, têm cada vez mais adotado as teorias de Gramsci, principalmente a da hegemonia. No entanto, ao fazê-lo, eles esvaziam da teoria gramsciana tudo o que é democrático ou marxista. Seu objetivo não era melhorar as condições da maioria das pessoas superando o sistema capitalista, mas sim através da hegemonia chegar ao poder. O *gramiscianismo de direita* como Strobl denomina, e que considera “injusto” com Gramsci, é o eixo norteador teórico no campo de atuação da nova direita. E a estratégia adaptada atua sobre o campo da linguagem. Enquanto que em Gramsci a hegemonia está para além do domínio do discurso, a nova direita se centra na linguagem e a utiliza como arma. Não só para persuadir, mas sim para destruir o discurso democrático. Para tanto, tem-se adotado de meios apropriados, que contemplam desde o estabelecimento de determinados estruturas até o desenvolvimento de narrativas e técnicas de argumentação. Strobl afirma que os protagonistas da *Nouvelle Droite* seriam todos homens de instituições acadêmicas de elite. Procedentes de um suposto centro da sociedade, viam-se a si mesmos como “intelectuais orgânicos” e se

esforçavam para conquistar os membros da elite culta como “multiplicadores” (Strobl, 2022, p. 24).

Neste sentido, podemos inferir que a nova direita tendeu a buscar novos campos de atuação, sobretudo no espaço pré-político, ou seja, fora do campo político no sentido estrito, nos partidos políticos ou parlamentos, por exemplo, apropriando-se da teoria gramsciana da hegemonia (Strobl, 2022).

André Kaysel (2015) nos apresenta alguns pontos de referência que podem nos auxiliar a balizar uma genealogia das direitas no Brasil. Segundo ele, para entendermos essa “onda reacionária” que assola o país, sobretudo em sua história mais recente, é necessário que compreendamos a longa história que as direitas tem no Brasil e que tal fenômeno não ocorre como “um raio em céu azul” (Kaysel, 2015, p.49). No entanto, é importante ressaltarmos que os elementos que compõem as direitas no Brasil podem sugerir a falsa impressão de uma certa homogeneidade, ou seja, de um bloco homogêneo. Ao contrário, apesar de algumas similitudes, as direitas contam com frações de grupos com forças bastante heterogêneas e pertencentes a diferentes tradições (Kaysel, 2015, p.50). Ele inicia o “percurso” pontuando as relações ambíguas entre o conservadorismo e o liberalismo do Brasil, do Império à Primeira República, perpassando pela crise desta na década de 1920 e ascensão de algumas correntes direitistas (catolicismo, corporativismo e integralismo), que ganhariam mais força nos anos 1930.

A partir desse movimento iniciado com a Revolução de 1930, podemos observar que o perfil ideológico das organizações partidárias no Brasil começa a se delinear de forma mais definida. Segundo o autor,

Em meados daquela década a cena pública seria polarizada por duas organizações que possivelmente iniciam a oposição entre direita e esquerda no Brasil: a Ação Integralista Brasileira (AIB), agremiação de inspiração fascista fundada em 1932 e encabeçada pelo escritor modernista Plínio Salgado, e a Aliança Libertadora Nacional (ALN), frente antifascista e antiimperialista, organizada em 1934-1935, liderada por Luís Carlos Prestes e pelo PCB. Contando com centenas de milhares de simpatizantes nos principais centros urbanos do país, polarizando as camadas médias e a intelectualidade, o integralismo e o aliancismo serão as duas tentativas pioneiras de estabelecer partidos com expressão de massas em uma sociedade na qual a política até então se restringia quase exclusivamente aos círculos oligárquicos (Kaysel, 2015, p. 56).

Em um terceiro momento, podemos observar que a partir de 1945 tem-se início um processo de transição democrática, em virtude da crise instaurada no Estado Novo após o ingresso de brasileiros ao lado dos Aliados na Segunda Guerra. O referido processo prevê a convocação de novas eleições presidenciais e uma nova Assembléia Constituinte, bem como

dá origem a um novo sistema de partidos políticos, legalizados, varguistas e anti-varguistas. Conforme o autor,

[...] enquanto as máquinas das interventorias do Estado Novo e o sindicalismo corporativo forneceriam as bases para a formação das duas agremiações varguistas – o Partido Social Democrático (PSD) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) -, as oposições ao regime e a Vargas se aglutinariam na União Democrática Nacional (UDN) (Kaysel, 2015, p. 59).

A seguir, Kaysel passa a analisar a crise que precedeu o golpe de 1964, com a renúncia de Jânio Quadros em 1961 e a ascensão de João Goulart ao poder. As fortes mobilizações por parte dos camponeses e trabalhadores rurais acarretaram um grande impacto nas classes dominantes e nas forças políticas conservadoras da sociedade brasileira. Neste contexto, René Armand Dreifuss (1987) aponta que, na década de 1960, houve a formação de um “bloco histórico multinacional-associado”, ou seja, uma alternativa de poder liderada por empresários ligados e financiados pelo capital multinacional. Essas forças políticas e sociais vinham se articulando em uma trama de organizações da sociedade civil. Dentre essas organizações, podemos destacar o Instituto de Estudos e Políticas Sociais (Ipes) e Instituto Brasil Democrático (Ibad) que atuaram diretamente angariando o empresariado e definindo as configurações do Estado no contexto pós golpe de 1964 através de grupos empresariais organizados e financiados por capitais brasileiros e estrangeiros (Kaysel, 2015, p.63).

Sob base gramsciana, René Dreifuss desenvolve o primeiro trabalho de grande pesquisa documental sobre o modo que se articula a *sociedade civil* no Brasil. Em sua pesquisa, resultante de tese de doutoramento, Dreifuss nos aponta, no período que antecede 1964, a existência de uma grande rede de organizações empresariais coordenadas e/ou financiadas direta ou indiretamente por entidades estadunidenses e que orbitavam em torno do IPES e IBAD (Fontes, 2010, p.225).

Segundo Carlos Nelson Coutinho, a essa “trama privada” Antonio Gramsci denominou de *sociedade civil* articulada por seus *aparelhos privados de hegemonia*. A sociedade civil junto à sociedade política formam o Estado em seu sentido integral e amplo, isto é, a *hegemonia revestida de coerção*.

Partindo do conceito de Estado Ampliado, podemos conceber o Estado como uma indissociabilidade entre sociedade civil e sociedade política. Para Gramsci, o Estado não deve ser compreendido unicamente como aparelho governamental, mas sim relacionado dialeticamente com a sociedade civil, formando o Estado Integral ou Estado Ampliado. No

entanto, essa própria noção de Estado ampliado perpassa conflitos. Como afirma Virgínia Fontes:

Em Gramsci a sociedade civil não pode ser seccionada ou amputada da totalidade na qual emerge: responde a uma extensão da socialização do processo produtivo, mas não atua apenas nos espaços produtivos. Compõe-se de aparelhos privados de hegemonia que, ao mesmo tempo em que procuram diluir as lutas de classes, expressam e evidenciam sua difusão e generalização no conjunto da vida social. A sociedade civil, para Gramsci, é parte integrante do Estado e somente por razões analíticas pode ser destacada (Fontes, 2010, p.216).

O conceito de *sociedade civil* atualizado por Gramsci tem como base o legado de Marx, Engels e Lenin, no sentido de uma tradição revolucionária (Coutinho, 1999, p.83 *apud* Fontes, 2010, p.132) e é inseparável da noção de totalidade, ou seja, da luta entre as classes sociais (Coutinho, 1994 *apud* Fontes, 2010, p.132), ponto divergente do conceito em sua origem liberal. Constituindo um duplo espaço de lutas *intra* e *entreclasses*, o conceito de sociedade civil em Gramsci implica os “fundamentos da produção social, da organização das vontades coletivas e de sua conversão em aceitação da dominação, através do Estado” (Fontes, 2010, p.133).

A hegemonia se dá para além do consentimento político, podendo ser através da coerção e do controle, ou através do *consenso* construídos e difundidos a partir desses Aparelhos Privados de Hegemonia. Esses aparelhos agem nos imaginários sociais, exercendo um poder através da naturalização de valores para a dominação de classes. A persuasão e o convencimento seriam tarefas permanentes que a as classes dominantes engendraram para garantir a adesão dos subalternos, sem excluir também as formas coercitivas, uma vez que a sociedade civil está “entremada ao Estado” (Fontes, 2010, p.136).

Existem muitos aparelhos responsáveis por formar esse consenso: a igreja, como um espaço de ordem, a escola, sindicatos, partidos e meios de comunicação. No âmbito da comunicação social, estes muitas vezes atuam como partido, à medida que exercem um papel importante na difusão da hegemonia. Dão visibilidade a acontecimentos, ideias e principalmente sustentação ideológica que favoreça a classe dominante. O grupo Globo, por exemplo, tem autonomia empresarial para ter sua própria agenda em interesses próprios. O próprio contexto das manifestações de junho de 2015, o prelúdio do golpe em 2016, a Operação Lava-Jato que estampara todas as edições do principal jornal exibido em horário nobre da referida emissora são claros exemplos de que os meios de comunicação exercem papel fundamental na produção de *consensos*, políticos e ideológicos, uma vez que agem diretamente para garantir a hegemonia e a legitimação dos interesses de grupos dominantes.

Podemos observar como foi instrumentalizado e amplamente difundido nas mídias tradicionais e de grande vulto o discurso anticorrupção. A reeleição de um governo de esquerda era apresentada como um mal a ser evitado e representaria a continuidade da corrupção, a manutenção de um governo populista que “traiu” o povo com ações ilícitas. A direita reascendeu, então, como o símbolo da moralidade, do nacionalismo, da probidade, da defesa da “família tradicional”, da pátria e do liberalismo econômico, com uma política econômica capaz de livrar o país da recessão, do desemprego e da estagnação do PIB, por defender a menor intervenção do Estado na economia. É fundamental destacar também o papel das redes sociais e canais no YouTube, dentre outros, na difusão e naturalização desses valores. De acordo com Virgínia Fontes,

A sociedade civil é o momento da formulação e da reflexão, da consolidação dos projetos sociais e das vontades coletivas. Sua imbricação no Estado assegura que a função estatal de educação – o “Estado educador” – atue na mesma direção dos interesses dirigentes e dominantes, através da mediação dos partidos políticos, tanto oficiais como os que, extraoficialmente, difundem e consolidam as visões de mundo como a imprensa e a mídia (Fontes, 2010, p. 138).

Flavio Casimiro (2018) traça um minucioso estudo sobre as estratégias que a burguesia brasileira tem lançado mão para atualizar e redefinir as suas bases de dominação e atuação política e ideológica, principalmente a partir do processo de redemocratização do Brasil em 1980. Este processo tem como base material uma infinidade de organizações e se delinea com contornos mais definidos a partir da década de 1990. O vertiginoso crescimento de Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos (Fasfil) nos anos 1990 configurou “uma plêiade de aparelhos privados de hegemonia com pesos e formatos organizativos diversificados” (Fontes, 2010, p. 271). De 1996 até 2002, no Brasil, esse número cresceu de 105 mil a aproximadamente 276 mil entidades, ou seja, um crescimento de cerca de 157%, correspondendo a 169 mil novas organizações (Fontes, 2010, p. 283).

De acordo com estudos do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea), em 2010, o Brasil contava com cerca de 290,7 mil Fasfil’s, dentre essas: 28,5% com teor religioso; 15,5% voltadas para associações patronais e profissionais; 14,6% voltadas para o desenvolvimento e defesa de direitos; 18,6% com cunho de políticas governamentais, englobando áreas da saúde, educação, pesquisa e assistência social, totalizando um montante de 54,1 mil entidades. Aliado a isso, em seus estudos mais recentes, o Ipea apontou que no ano de 2017 o Brasil contava com cerca de 820 mil Organizações da Sociedade Civil (OSCs), dentre as quais 709 mil representavam associações sem fins lucrativos, 99 mil representavam as

organizações religiosas e 12 mil de fundações privadas. Somando todas essas referências, chegamos a um total de 715 mil novas instituições de naturezas diversas e variadas (Casimiro, 2020, p.26-27).

Em seu estudo, Flávio Casimiro se dedica às organizações de atuação mais política e ideológica, que figuram tanto no sentido doutrinário, difundindo diferentes nuances do pensamento liberal, formando jovens lideranças, recrutando seus intelectuais orgânicos, quanto no campo mais estrutural, propondo políticas públicas, elaborando diretrizes e estratégias de atuação atreladas a frações e setores da burguesia brasileira. Entretanto, cabe destacar que uma atuação não exclui a outra, sendo perfeitamente possível esses aparelhos atuarem nas duas frentes simultaneamente, ou seja, no sentido mais doutrinário e no sentido mais pragmático e estrutural. Essas estratégias compõem projetos de poder e fazem parte da rearticulação dos mecanismos de dominação no conjunto da luta de classes (Casimiro, 2018, p.18).

Esses aparelhos privados, aos quais Casimiro (2018) se refere, atuam como verdadeiros sustentáculos para a atualização da hegemonia burguesa no Brasil. Através de seus mecanismos cada vez mais sofisticados, articulam-se intensamente pontos de doutrinação ideológica liberal conservadora, com a finalidade de cada vez mais universalizar e capilarizar os interesses de classe na forma de consenso.

Aqui não pontuaremos todos esses aparelhos, mas destacaremos alguns dos mais importantes e influentes destes e que de certa forma têm ligações ou influência, mesmo que indiretamente sobre nosso objeto de pesquisa. O primeiro que iremos destacar configura, no Brasil, um dos primeiros aparelhos com essa finalidade, sem contar o IPES e IBAD, conforme já pontuamos. O Instituto Liberal (IL), é inaugurado em 1983, período em que uma nova conjuntura política no país já se configurava. Projetando muitos intelectuais coletivos, abriu caminho para diversas outras instituições com esse teor, as quais algumas já até se autodeclararam como *think tanks* ou centros de pensamento, numa tradução mais literal.

Logo de sua inauguração, o IL manteve sede no Rio de Janeiro. De acordo com seu estatuto é vedada a vinculação político partidária do instituto e configura-se como instituição sem fins lucrativos. Foi fundado por grupos intelectuais e empresariais orientados por uma ideologia liberal cujo objetivo era a difusão do pensamento liberal entre as elites que formam opinião no Brasil, sobretudo embasados nos grandes clássicos da Escola Austríaca de Economia.<sup>7</sup> No entanto, conforme já fora citado anteriormente, é preciso que compreendamos

---

<sup>7</sup> Escola de pensamento econômico que surge no século XIX em Viena, na Áustria e tem como características principais a defesa da liberdade econômica, liberdade de comércio, da vida e da propriedade, e se contrapõe às

o Instituto Liberal não somente como difusor das matrizes do pensamento liberal no Brasil, mas principalmente atuando e influenciando fortemente “o córtex político, organizando mecanismos de ação política, formando novos quadros, realizando articulações intraclasse e desenvolvendo objetivos tático-operacionais (Casimiro, 2018, p.261).

A lista de apoiadores e financiadores do IL é extensa e bem heterogênea. Agregando distintas frações da burguesia brasileira, contou com o apoio de vários grupos econômicos industriais, tais como: mineradoras como a Samarco S.A, empresas de alugueis de carros como a Localiza Rent a Car, empresas de aviação como Vasp e Varig, lojas de departamento como a Mesbla S.A, construtoras como a Construtora Norberto Odebrecht, empresas do Grupo Eike Batista, dentre outros. Empresas ligadas ao setor financeiro também contam entre os grupos de apoiadores do IL: Banco Bradesco S.A, Banco Itaú S.A, Unibanco, Banco Bamerindus do Brasil S.A., Citibank, o Banco Bozano Simonsen S.A. além da própria Bolsa de Valores do Paraná. No campo de apoiadores no setor midiático contamos com a Organização Globo Ltda (Casimiro, 2018, p. 276-277).

Além disso, o Instituto Liberal despertou interesse de grupos de organizações internacionais, sobretudo estadunidenses, que ofertaram suporte financeiro e organizacional como a *Atlas Network*, *Rockefeller Institute*, dentre outros. Aqui destacaremos os projetos financiados pelo *Center for International Private Enterprise* (CIPE). O projeto chamado *Série Notas*, ficou conhecido como *Programa de Assessoria Legislativa para a América Latina* e foi executado em vários países da América Latina. Dentre os objetivos do programa estão o auxílio na promoção de reformas econômicas voltadas para o mercado, fomento de mecanismos que desenvolvam o setor privado nacional e internacional visando fortalecer os princípios da liberdade de mercado e da empresa privada no mundo, bem como o fortalecimento da cultura empresarial e a sustentação de organizações empresariais no setor privado (Casimiro, 2018, p. 278-280). Em 2013 o Instituto passou por uma reestruturação geral, que vai desde seu quadro de dirigentes até seu conteúdo e concepções, aglutinando técnicas e novos recursos audiovisuais principalmente com as tecnologias possibilitadas pelas mídias sociais. Nesta ocasião, quem ocupou o cargo de presidente do Instituto Liberal foi Rodrigo Constantino, economista e colunista da Revista *Veja*, importante militante da extrema-direita no Brasil e membro de outro importante instituto nesses mesmos moldes do IL, o Instituto Millenium.

---

economias concentradas na mão do Estado. Carl Menger é considerado seu primeiro pensador, e, no século XX, contando com importantes nomes para a direita liberal como Friedrich Hayek e Ludwig Von Mises. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/escola-austriaca-de-economia>. Consultado em: 06 nov. 2024.

O Instituto Millenium (Imil) foi fundado em 2005, pela economista Patrícia Andrade e recebe o nome inicial de Instituto da Realidade Nacional. A partir de 2006, no XIX Fórum da Liberdade,<sup>8</sup> realizado em Porto Alegre, é que o Instituto Millenium é oficialmente lançado com essa nomenclatura tal qual conhecemos hoje (Casimiro, 2018, p.347). O Imil define-se em sua página oficial como:

Somos uma associação civil sem fins lucrativos e sem vinculação político-partidária, reconhecida como uma entidade que defende interesses públicos e, principalmente, valores e princípios democráticos que pautam o desenvolvimento do país. Com um quadro de formadores de opinião e influenciadores, atuamos como *think tank* que promove valores e princípios que garantem uma sociedade livre, com liberdade individual, economia de mercado, democracia representativa e Estado de Direito.<sup>9</sup>

Em 2009 o Imil teve seu reconhecimento como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip). Assim como outros centros de pensamento, o Imil articula intelectuais orgânicos que representam o pensamento liberal e os núcleos conservadores sob a defesa da propriedade privada, da redefinição do papel estrutural que o Estado desempenha enquanto instituição, assim como da economia de mercado (Casimiro, 2020, p.31). Segundo Lucas Patschiki, o Imil configura um “aparelho privado de hegemonia por excelência”, uma vez que ele atua como uma nomenclatura de classe visando expandir o grupo social do qual ele é oriundo, ao passo que não está diretamente ligado às relações de produção, nem de venda ou distribuição (Patschiki, 2014, p.799, *apud* Casimiro, 2020, p.31). Dentre seus apoiadores contamos com nomes como Henrique Meirelles (ex-presidente do Banco Central e ex-ministro da Fazenda), Giancarlo Civita (presidiu a Administração do Grupo Abril), João Roberto Marinho (presidente do conselho editorial, vice-presidente das Organizações Globo e filho de Roberto Marinho), Paulo Guedes (foi ministro da economia no governo Jair Bolsonaro), Pedro Bial (apresentador e jornalista da Rede Globo), Rodrigo Constantino (economista, colaborador da revista *Veja* e de jornais como *Valor Econômico* e *O Globo*, diretor do Instituto Liberal), Jorge Gerdau Johannpeter (presidente do conselho de administração do Grupo Gerdau e

---

<sup>8</sup> O Fórum da Liberdade é um importante evento para a agenda liberal do país e que acontece anualmente desde 1988, promovido pelo Instituto de Estudos Empresariais (IEE). Nomes como Jorge Gerdau, Luciano Hulk, Paulo Guedes, Fernando Collor de Mello, Fernando Henrique Cardoso, Rodrigo Constantino, Kim Kataguiri são alguns dos nomes que já compuseram as mesas de palestra do Fórum. Olavo de Carvalho foi participação importante no evento desde 2000, palestrando em várias edições. Segundo próprio site do evento, o Fórum da Liberdade “proporciona debates entre grandes palestrantes e fomenta alternativas objetivas e viáveis para equacionar os problemas do Brasil e da América Latina. A qualidade e a riqueza dos temas, dos debates e dos palestrantes garantem repercussão internacional ao evento, com intensa cobertura da imprensa nacional e de outros países”. Disponível em [www.forumdaliberdade.com.br](http://www.forumdaliberdade.com.br). Consultado em: 06 nov. 2024.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://institutomillenium.org.br/sobre>. Consultado em: 06 nov. 2024.

dirigente de outros APHs), dentre outros. Além disso, o Instituto conta com o apoio econômico de frações da burguesia que articulam fortemente setores da mídia e grandes grupos empresariais como Gerdau, Odebrecht, Globo, dentre outros “que não só financiam seus projetos, como também participam da tomada de decisões e da articulação político-ideológica, por meio de suas respectivas representações na Câmara de Mantenedores” (Casimiro, 2020, p.32). Do ponto de vista institucional, organiza-se de forma muito bem estruturada e complexa, setorizada por câmaras que contemplam desde Câmaras de Curadores e Fundadores, passando pela Câmara de Mantenedores e Financiadores, bem como a Câmara de Instituições, além de uma equipe executiva e de Conselhos de Governança, Fiscal, Gestor e Editorial (Casimiro, 2018, p.349).

Dessa forma, conforme já fora citado, além de dispor de poder econômico por meio de frações da burguesia das quais é representante, o instituto também dispõe fortemente de importantes elementos para a formação de consensos, uma vez que está diretamente ligado a nomes dos setores midiáticos e editoriais influentes no país. Esses nomes figuram também entre os seus especialistas e columnistas que irão atuar nos seus eventos, nos meios acadêmicos, midiáticos e que irão pulverizar os seus valores para além da bolha institucional (Casimiro, 2018, p.356).

Para tanto, o Imil organiza eventos com essa proposta de difusão dos valores do instituto. O primeiro foi realizado em 2005, ainda sob o nome de Instituto da Realidade Nacional e foi voltado para o público universitário com o intuito de divulgação. Contou com a presença de nomes políticos importantes, bem como da imprensa, empresários e acadêmicos de universidades renomadas no Brasil, do setor público e privado. Em 2008, já como Instituto Millenium, realizou o ciclo de debates denominado *Brasil+20* e tinha como slogan “O Brasil que a gente quer, o Brasil que a gente faz”. A organização ficou por conta da Associação dos Amigos Alunos da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro(PUC-RJ), da Empresa Júnior PUC-RJ e do próprio Imil, financiados pela Souza Cruz e por uma corretora de valores chamada Geração Futuro, além do próprio orçamento disponível do Imil. Os debates eram direcionados, sobretudo, a alunos da PUC-RJ e da Fundação Getúlio Vargas e contavam com grandes nomes de diversas esferas e foram mediados por Pedro Bial. O apresentador e jornalista da Rede Globo compõe também a Câmara de Fundadores e Curadores do Instituto Millenium. Segundo relatório do próprio instituto, entre os anos de 2009 e 2010, o Imil organizou colóquios, seminários, jantares e debates. Em 2011 outros eventos foram organizados, incluindo o *Fórum Democracia e Liberdade de Expressão*, realizado no Rio de Janeiro e patrocinado também pela Souza Cruz (Casimiro, 2018, p.365-370). Alguns dos debatedores deste evento

foram o jornalista William Waack, por muitos anos âncora do *Jornal da Globo* e que, em 2017, foi afastado do telejornal por ter emitido falas de cunho racista durante bastidores de uma transmissão sobre as eleições nos Estados Unidos<sup>10</sup> e também Marcelo Madureira, humorista e apresentador, ambos outrora pertencentes à Rede Globo. Madureira engrossou as fileiras anticomunistas e antipetistas e na ocasião deste evento afirma que foi “forjado no pior partido político que o Brasil já teve”, que já foi militante do Partido Comunista Brasileiro, do movimento estudantil e que conhece “todos os caras que estão aí no poder, eram os caras que não estudavam e que roubavam nas eleições do Diretório Central dos Estudantes (DCE), e que faziam da prática do roubo uma prática política”.<sup>11</sup> Embora tenha manifestado apoio a Jair Bolsonaro nas eleições de 2018, o humorista mostrou-se arrependido e tornou-se crítico a Bolsonaro logo nos primeiros anos de seu mandato. Nas eleições de 2022, Madureira apareceu ao lado de Luiz Inácio Lula da Silva, a quem declarou seu voto na ocasião, justificando ser “em defesa da democracia”.<sup>12</sup>

Entretanto, um dos pontos que gostaríamos de destacar aqui em relação ao Imil é sua capacidade de mobilizar articulistas, como são denominados pelo Instituto, ou seja, de recrutar convidados que não necessariamente tenham algum vínculo formal direto, podendo ser militantes, seguidores, que procuram ou são procurados pelo Imil para a produção de conteúdos, artigos, *podcasts*, desde que coadunem com os valores pré-estabelecidos pelo instituto e que também podem ser divulgados em outros APHs.

Neste rol podemos apontar também o cantor Lobão, sujeito de nossa pesquisa e que participou de alguns desses eventos e produções organizados pelo Imil. Um deles foi o *podcast Millenium em Revista #4 – Semana IMIL JOVEM* em comemoração ao Dia Internacional da Juventude em agosto de 2011, falando sobre o papel do jovem na política. Não foi possível obtermos acesso ao *podcast*, que se encontra fragmentado e com trechos já fora do ar. Contudo, o registro da participação de Lobão no Imil é possível de ser encontrado no próprio site do instituto.<sup>13</sup> O músico também participou da palestra de abertura no XXIV Fórum da Liberdade, em abril de 2011. Ao lado do jornalista e escritor Eduardo “Peninha” Bueno, debateu sobre

---

<sup>10</sup> “Tá buzinando porque, seu merda do cacete? Não vou nem falar porque eu sei quem é (...)É preto. É coisa de preto.” Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=WR2CcTWeM\\_A](https://www.youtube.com/watch?v=WR2CcTWeM_A). Consultado em: 08 nov. 2024.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://institutomillenium.org.br/marcelo-madureira-parte-1/>. Consultado em: 08/ nov. 2024.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2022/10/10/ex-casseta-critico-ferrenho-do-pt-marcelo-madureira-declara-apoio-lula-124685.html>. Consultado em: 08 nov. 2024.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://institutomillenium.org.br/oua-podcast-especial-semana-imil-jovem>. Consultado em: 06 nov. 2024.

diversas questões, atribuindo a dificuldade de se exercer uma liberdade individual mais plena à má qualidade da educação no Brasil. Lobão iniciou sua intervenção falando sobre liberdade, dentro de sua história, declarando que se sentiu muito “tolhido” em sua atividade, e justamente depois que o país tinha perdido a “pecha” da ditadura. Afirmou também que o brasileiro sofria de uma grave falta de autocritica e que o grande problema da nossa democracia enquanto o seria o fato de você opinar, não ter medo de se expressar dentro dos limites do bom convívio e de você ser contundente em suas opiniões. Apontou que foi muito caricaturado, recebeu a alcunha de louco, sobretudo por falar o que pensa. Finalizou enaltecendo o evento do Fórum da Liberdade, por ter uma fatia da sociedade que realmente está disposta a pensar sobre essas questões de liberdade, ficou emocionado por ter pessoas pensando como ele e que se sentia muito sozinho em suas opiniões, sobretudo no meio artístico. Afirmou que “um povo que não tem autonomia intelectual não pode conceber o que significa liberdade (...) que tem que fortalecer o empreendedorismo e o mérito no Brasil”.<sup>14</sup> Aqui podemos depreender de sua fala quando ele pontua a liberdade no sentido de não ser tolhido em suas opiniões, quando postula que é preciso fortalecer o empreendedorismo, quando fala em meritocracia, que ele está não só imbuído dos valores liberais do instituto, mas sim os difundindo também.

É fundamental ressaltarmos o papel que esses aparelhos privados de hegemonia cumprem enquanto *partidos políticos* no sentido gramsciano. Lucas Patschiki em sua tese sobre outro importante aparelho, o Mídia Sem Máscaras (MSM), nos aponta o papel desempenhado por este na atualização das direitas no Brasil. Segundo o autor,

Afirmar o MSM como partido é compreender como uma associação da sociedade civil cumpre uma ação partidária: através de seus intelectuais organiza e dissemina um discurso político ideológico; forma quadros e militantes de base, além de arregimentar simpatizantes utilizando como estratégia principal a guerra de posições, ou seja, organizativamente atuando em uma série de organizações e frentes (sua rede extrapartidária), que visam operar ofensivamente em momentos de crise aberta. Esse “momento de crise”, a crise de hegemonia de Gramsci, é tratado como horizonte de expectativa para o MSM, ou seja, um espaço para sua atuação plena. Neste sentido, a crise aberta se apresenta, dentro do discurso do MSM como momento onde todas as forças políticas iriam apresentar-se “desmascaradas”, o que justificaria toda sua organização durante os anos (Patschiki, 2012, p. 71-72).

Fundado em 2002, o MSM é definido como “um *website* destinado a publicar as ideias e notícias que são sistematicamente escondidas, desprezadas ou distorcidas em virtude do viés esquerdista da grande mídia brasileira”.<sup>15</sup> Ou seja, se propõem a traduzir textos, a pesquisar

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=37evY2jeSZM>. Consultado em: 06 nov. 2024.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://midiasemmascara.net/quem-somos/>. Consultado em: 10 nov. 2024.

temas e abordar notícias “fora” das mídias tradicionais que eles pontuam como tendenciosa, esquerdista e manipuladora, justamente por haver um “controle esquerdista na mídia”. Contou com a participação de cinquenta e três colunistas, tendo Olavo de Carvalho como um dos seus principais editores, responsável pela aba *Quem Somos* do site. Patschiki aponta, ainda, que mesmo a articulação do MSM contando com número considerável de juristas renomados, é principalmente em torno de Olavo e de sua família que o Mídia Sem Máscaras orbita. Ele próprio, na descrição do site do MSM afirma ser um “empreendimento pessoal, de escala familiar, como uma padaria ou uma quitanda. A redação constitui-se de mim, de minha esposa e de duas das minhas filhas” (Carvalho *apud* Patschiki, 2012, p.80).

Olavo de Carvalho nasceu em 1947, em Campinas. Aos dezessete anos começou a trabalhar no jornal *Notícias Populares* e, aos dezoito, filiou-se ao PCB. Olavo permaneceu ligado ao partido até 1968, assistindo as forças de Carlos Marighela e o embrião do que seria o movimento guerrilheiro. A justificativa para o abandono do partido seria justamente a luta armada, com a qual Carvalho não concordava. Justificativa infundada, segundo Patschiki, pois neste período “os que abandonavam o partido o faziam para entrar na luta armada (a não ser que tenha abandonado o partido com os marighelistas antes da mudança estratégica e tenha omitido a informação)” (Patschiki, 2012, p. 26).

Olavo de Carvalho frequentou como ouvinte aulas de filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e da Universidade de São Paulo (USP) e após esse período, cursou três anos de Filosofia no Conjunto de Pesquisa Filosófica da PUC-RJ. Não concluiu devido ao falecimento do principal mentor do curso, o padre Stanislavs Ladusãns. Segundo o próprio Olavo em entrevista, não deu prosseguimento porque não existia no país curso de filosofia que o interessasse, considerando todos bastante “ruins” (Cidral, 2000 *apud* Patschiki, 2012, p. 28). Neste tempo, ganhou uma licença de jornalista e fez trabalhos com ou sem vínculos para diversos jornais e revistas como *Folha da Manhã*, *Jornal da Tarde do Estado de São Paulo*, *Cláudia*, *Nova*, dentre outros. Olavo de Carvalho afirmou que se retirou dos 20 aos 47 anos para estudar e entender o que se passava no Brasil, em virtude de ter muitos amigos presos, torturados pela ditadura, percebendo que o país estava indo “ladeira abaixo para as trevas” (Bertol, 2000 *apud* Patschiki, 2012, p. 28).

Na década de 1980, Olavo publicou alguns livros com a temática de astrologia, além de artigos em revistas, traduções e apostilas. Começou a dedicar-se à Filosofia novamente em meados da década de 1980, realizando palestras, conferências e cursos. Em 1989, com a formatação de seus Seminários de Filosofia em cursos permanentes, Olavo de Carvalho deu um importante passo como comentarista político. Em 1998, lançou seu site, passando, a partir daí,

a atuar de forma mais contundente nas redes de internet, ainda incipiente para publicações de trabalhos e artigos, embora seja através dela que Olavo fez as divulgações de seus Seminários e textos. Em um texto intitulado *Aos visitantes desta homepage* publicado em seu site sem data explicitada, Olavo fez um apelo de financiamento de sua página, alegando ter muitos gastos, embora já tenha feito suas palestras muitas vezes gratuitamente, ele estaria tendo muitos dispêndios com viagens, hotéis, contas de telefone, e pede, para que os internautas que pudessem, que deixassem sua contribuição e que esta iria para uma Organização Não-Governamental (ONG) chamada Instituto Brasileiro de Humanidades e que os valores doados eram dedutíveis no Imposto de Renda dos doadores (Patschiki, 2012, p.44). Segundo Carvalho

Não, ninguém me subsidia. Teriam a obrigação de fazê-lo, mas não o fazem. Se o fizessem, meu trabalho, que sem recursos já alcança repercussão bastante para espalhar o pânico entre a canalha intelectual esquerdista, produziria efeitos de maior envergadura ainda [...] Todas as contribuições irão para o Instituto Brasileiro de Humanidades, uma ONG regularmente constituída, de modo que poderão ser descontadas do imposto de renda. Desde já, obrigado (Carvalho, *apud* Patschiki, 2012, p.45).

O Instituto Brasileiro de Humanidades contou com um congresso em Vassouras, no Rio de Janeiro no ano 2000, servindo, enquanto ONG, como financiador para Olavo de Carvalho e posteriormente para o Mídia Sem Máscaras, em 2002.

É importante pontuar aqui que os discursos antiesquerdista e anticomunista de Olavo já vinham sendo proferidos desde meados da década de 1990, condicionados pela “necessidade do combate ideológico contra a esquerda, seus movimentos sociais e partidos, especialmente o Partido dos Trabalhadores (PT)” (Patschiki, 2012, p.67).

A própria conjuntura política e econômica nos possibilita compreender a ascensão de grupos partidários com o teor do Mídia Sem Máscaras, que surgiram a partir de uma onda mundial de partidos fascizantes advindos com a crise do capital (Patschiki, 2012, p.85).

A dissertação está estruturada em três capítulos. No primeiro, abordamos brevemente os governos de Luiz Inácio Lula da Silva e a transição para os governos de Dilma Rousseff. Após isso, analisamos o contexto das primeiras manifestações de 2013, as Jornadas de Junho, a reeleição de Dilma, passando pela Operação Lava-Jato e seguida das manifestações de 2015 e das manifestações pró-impeachment. Pontuamos como a nova direita através de seus aparelhos privados de hegemonia produziu visões de mundo e formou consensos, capilarizando cada vez mais sua ideologia. Atualizando suas formas de dominação, articulou o golpe de 2016 contra a presidenta Dilma, ganhando o apoio de parte da sociedade e de classes artísticas e

desembocando no governo interino de Michel Temer e as manobras que foram feitas até que se consolidasse o projeto hegemônico das classes dominantes com a eleição de Jair Bolsonaro.

No segundo capítulo, pontuamos o final da ditadura civil-militar e a transição gradual para um regime democrático. Abordamos também uma breve história da criação do Partido dos Trabalhadores na década de 1980 para analisarmos o que isso representou para a sociedade, sobretudo para as classes trabalhadoras, bem como suas contradições e de que forma veio sendo construído o sentimento de antipetismo. Abordamos a efervescência da cena musical do rock nacional dos anos 1980, que ganhou bastante projeção com suas bandas e músicos. Também analisamos a trajetória e o auge das carreiras de Lobão e Roger Moreira, seus álbuns compostos nos anos 1980. Por meio de suas letras, clipes e algumas entrevistas buscamos entender suas visões de mundo e seus posicionamentos políticos à época.

Por fim, no terceiro capítulo, partimos para as análises de livros publicados, algumas canções e entrevistas, e principalmente de postagens em redes sociais para então compreendermos a guinada à direita de Lobão e Roger Moreira, os dois personagens tratados nesta dissertação.

## 1 OS GOVERNOS PETISTAS E AS INSATISFAÇÕES POPULARES: AS MANIFESTAÇÕES QUE MARCARAM O SEGUNDO MANDATO DE DILMA ROUSSEFF

A vitória de Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições presidenciais em 2002 traz consigo as expectativas de mudanças, ainda que leves, na política econômica e de transformações de grande vulto na esfera social. Com o avanço do neoliberalismo na década de 1990, os movimentos trabalhistas estavam diante de um novo quadro no mercado de trabalho, com as condições e relações de trabalho bastante precarizadas. O movimento dos trabalhadores passava a enfrentar as condições mais adversas: estagnação econômica, desindustrialização, o advento das novas tecnologias, bem como o aumento do trabalho informal e do desemprego estrutural. Neste sentido, a eleição de Lula à presidência, trouxe novas expectativas, ainda que com base na conciliação dos interesses de trabalhadores, empresários e representantes do próprio governo (Almeida, Neto, 2012, p.47).

É importante pontuar como foi essa virada para esse novo modelo de desenvolvimento econômico e social, uma nova alternativa política que se configurou com o advento dos governos petistas no Brasil. As condições que puseram em risco os grupos políticos e o modelo neoliberal implantado por Fernando Collor e intensificado nos governos de Fernando Henrique Cardoso, favoreceram algumas mudanças nas condições políticas. Entretanto, no novo modelo econômico, inicialmente, as mudanças não ocorreram de forma significativa devido ao acordo feito por Fernando Henrique Cardoso com o Fundo Monetário Internacional (FMI), garantindo a manutenção da política econômica. Aliado a isso, a “moderação” que Lula adotou em sua campanha comprometeu as “mudanças substantivas na política, no modelo econômico e na hegemonia exercida pelo capital financeiro”, não só não rompendo com o neoliberalismo, mas também mantendo o “tripé macroeconômico: metas de inflação, câmbio flutuante e meta fiscal”, assemelhando-se às bases de política econômica de Fernando Henrique Cardoso (Almeida, Brandão, Campos, 2020, p.17-18). Já no final dos anos de seu primeiro mandato, em 2005, seu governo é marcado por uma crise que ficou conhecida como o “escândalo do Mensalão”.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> Em linhas gerais, o escândalo conhecido como “Mensalão” diz respeito a um suposto esquema de compra de votos na qual os deputados aliados seriam “pagos” mensalmente para que as propostas favoráveis ao governo Lula fossem aprovadas no Congresso. O caso do Mensalão acabou por derrubar o presidente do PT, José Genoíno, o ministro-chefe da Casa Civil, José Dirceu, o tesoureiro do PT, Delúbio Soares e outros assessores do PT. No

A sua segunda candidatura, em 2006, teve uma campanha bastante acirrada, com Anthony Garotinho (PSB), Heloísa Helena (PSOL) e Geraldo Alckmin (PSDB), com Lula vencendo este no segundo turno com 60,83% dos votos válidos contra 39,17% de votos em Alckmin.<sup>17</sup> Os grandes meios de comunicação do país contribuíram com os caminhos que a disputa percorreria, uma vez que adotaram postura duramente crítica ao governo Lula, aliados a denúncias que o governo vinha passando, definiu e acabou por afastar os votos da classe média em Lula naquele momento (Almeida, Brandão, Campos, 2020, p.26). André Singer traz uma abordagem sobre esse novo realinhamento eleitoral que se configura no Brasil na segunda eleição de Lula, fenômeno que denominou de *lulismo*. Segundo o autor,

O pivô do lulismo foi de uma parte a relação estabelecida por Lula com os mais pobres, os quais, beneficiados por um conjunto de políticas voltadas para melhorar as suas condições de vida, retribuíram na forma de apoio maciço e, em algumas regiões, fervoroso da eleição de 2006 em diante. Paralelamente, o “mensalão” catalisou o afastamento da classe média, invertendo a fórmula de 1989, quando Lula foi derrotado exatamente pelos mais pobres, que tinham votado em Collor (Singer, 2012, p.16).

Nos dois mandatos de Lula e no primeiro mandato de Dilma Rousseff podemos observar que a proposta econômica dos governos de conciliação de classes buscou fundamentar-se em estratégias novo-desenvolvimentistas (Melo, 2020, p.180). Ou seja, caracterizou-se por buscar a conciliação entre as frações da burguesia e entre o trabalho e capital, mediando os interesses de classe, enquanto que na economia suas escolhas políticas acabaram por manter a hegemonia do capital financeiro, ao mesmo tempo que ampliou o mercado interno incorporando cerca de 50 milhões de pessoas que deixaram a pobreza absoluta. A implantação do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) que investiu cerca de R\$ 500 bilhões de reais em construção de estradas, aeroportos, portos e infraestrutura, aliado a uma intensificação do processo de modernização de boa parte das indústrias brasileiras colocou os grandes conglomerados nacionais no rol do capital-imperialismo, como assinala Virgínia Fontes (Fontes, 2010, *apud* Almeida, Brandão, Campos, 2020, p.26-27).

Praticou-se um governo de conciliação de classes, uma vez que mediou certos interesses do capital financeiro internacional, do grande capital nacional, setores médios, trabalhadores e o subproletariado. Deve-se destacar que, naquele período, se vivenciava um superciclo das *commodities*, que possibilitou a base material para o

---

entanto, a CPI foi findada sem que fosse votado o relatório final do caso (Almeida, Brandão, Campos, 2020, p.25-26).

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2006/10/30/presidente-lula-e-reeleito-com-mais-de-58-milhoes-de-votos>. Consultado em: 23 nov. 2024.

atendimento de algumas demandas dos vários setores sociais. A essa plataforma econômica e política nomeou-se de novo-desenvolvimentismo. (Melo, 2020, p.179)

Cabe destacar aqui que o *boom* ou superciclo das *commodities*, de 2003 a 2013, impactou o mercado mundial no século XXI, devido ao crescimento econômico da China, que ampliou a compra de insumos brasileiros e de exportação. Durante um bom tempo, o ciclo das *commodities* conseguiu amortizar os efeitos da crise de 2008 nos países chamados emergentes, principalmente da América Latina (Melo, 2020, p.182-183). Como nos aponta Lourenço Neto, a crise mundial atingiu o Brasil por volta do ano de 2009 e fez com que o PIB caísse 0,1%. Entretanto, no ano seguinte podemos observar um crescimento considerável do PIB, o maior desde o período conhecido como “milagre econômico” da ditadura civil-militar, fechando o ano de 2010 com 7,5% e um período de três anos de crescimento e um ano de queda (Lourenço Neto, 2020, p.117).

Armando Boito Jr observa que a política econômica de ambos os governos (Lula e Dilma) contemplou em seus aspectos basilares majoritariamente os interesses de uma determinada fração da burguesia que ele denomina *grande burguesia interna*. Essa burguesia nacional teria ascendido politicamente no seio do bloco de poder vigente no Estado brasileiro por volta dos anos 2000 e, na primeira década do século XXI, composta por empresas de construção civil, de bancos, do agronegócio e setor industrial. (Boito Junior, 2000, p.67-88 *apud* Melo, 2020, p.179). Através de fóruns com a finalidade consultiva, o grande empresariado brasileiro participou das decisões e rumos que a política econômica brasileira tomava. Por ter seus interesses políticos contemplados, essa fração burguesa reconheceu nesta política econômica petista, pelo menos até o segundo mandato de Dilma (Boito Junior, 2018, p.150)

### 1.1 O governo Dilma Rousseff e o golpe de 2016: a consolidação do projeto antipetista

Dilma Rousseff, eleita primeira presidenta do Brasil, tomou posse em 2011, junto com o candidato à vice-presidência Michel Temer, mantendo a articulação política lulista com o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) (Almeida, Brandão, Campos, 2020, p.31-34).

O primeiro governo de Dilma Rousseff, em 2011, já começara a receber algumas críticas em relação ao novo modelo desenvolvimentista petista por parte da imprensa e de políticos que se identificavam com o liberalismo, mesmo o Brasil sendo considerado no exterior como um

caso de sucesso em superação da crise, alcançando a sexta posição de maior economia mundial, com um PIB de 2,7% neste mesmo ano. As comparações com o crescimento econômico do governo anterior eram inevitáveis e a então presidenta Dilma Rousseff buscava incessantemente manter o crescimento da economia em ritmo acelerado, mesmo que as condições econômicas nacionais e internacionais atravessassem tal crescimento. O PIB em 2012 fechou em 1,92%. Através de sua equipe econômica, Dilma exigiu que medidas fossem tomadas para a manutenção do crescimento do PIB em 2013, por meio de uma política oficial que buscava altas taxas de crescimento, chamada Plano Brasil Maior, que depois ficou conhecido como Nova Matriz Econômica, ou, para alguns analistas, Agenda FIESP (Lourenço Neto, 2020, p.119).

Em tese, o plano buscava a solução para o baixo crescimento econômico nos mesmos moldes utilizados por Lula na crise de 2008, ou seja, forçando a economia com políticas expansionistas de créditos e investimentos públicos. Com a intenção de ampliar a capacidade anticrises cíclicas na economia brasileira, o governo Dilma acaba implementando várias medidas favoráveis aos empresários (Melo, 2020, p.192). Dentre as medidas podemos destacar algumas importantes como: a pretensão de reduzir os juros reais para consumidores e investidores, principalmente da taxa Sistema Especial de Liquidação e de Custódia (Selic),<sup>18</sup> desoneração de impostos e tributos, sobretudo sobre a folha trabalhista, represamento das tarifas de energia elétrica e a desvalorização do real (Lourenço Neto, 2020, p.118-120).

Para conseguir a queda dos juros, o Banco Central (BC) reduziu a taxa básica de juros de 12,5% para 7,25% ao ano num período compreendido entre agosto de 2011 e abril de 2013, com a taxa Selic apresentando o valor mais baixo de todos os tempos, desde sua criação em 1986. Com a inflação acumulada em 12 meses chegou a 6,59%, em abril de 2013, ou seja, no final do ciclo, a taxa de juros chegou a menos de 1% ao ano, juros considerados baixos para o Brasil que era considerado campeão de juros. A fim de normalizar ainda mais os custos do crédito, o poder Executivo vai fazer pressão nos bancos privados através dos bancos públicos para que aqueles baixem ainda mais o seu *spread*<sup>19</sup>(Singer, 2016, p.28). Dilma tinha o intuito de que a Selic mais baixa chegasse às operações de crédito, o que acarretaria a diminuição do

---

<sup>18</sup> A taxa Selic consiste em uma taxa básica de juros da economia que influencia outras taxas de juros no país, como taxa de empréstimos, financiamentos e aplicações financeiras. A definição da taxa Selic é o principal instrumento de política monetária utilizado pelo Banco Central para controlar a inflação. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/controleinflacao/taxaselic>. Consultado em: 25 nov. 2024.

<sup>19</sup> Spread bancário é simplesmente a diferença entre os juros que o banco cobra ao emprestar e a taxa que ele mesmo paga ao captar dinheiro. O valor do spread varia de acordo com cada operação, dependendo dos riscos envolvidos e, normalmente, é mais alto para pessoas físicas do que para as empresas. O Brasil é famoso por ter um dos maiores *spreads* bancários do mundo. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&id=2051:catid=28](https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2051:catid=28). Consultado em: 26 nov. 2024.

*spread*. Consequentemente, tal ação resultou na diminuição dos lucros bancários, causando descontentamento entre os banqueiros e seus apoiadores das mídias de grande circulação. Sua insatisfação foi amplamente divulgada em revistas como a *Veja*, dentre outras, que indicavam o ato do Poder Executivo, personificado em Dilma, como “enfrentamento intervencionista em relação ao mercado financeiro” (Melo, 2020, p. 193).

A ampliação do crédito subsidiado pelo Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) teve um aporte de R\$ 400 bilhões de reais já no primeiro mandato de Dilma, potencializando, dessa forma, o Programa de Sustentação do Investimento (PSI) destinado à produção, aquisição e exportação de bens de capital. Em 2011, várias medidas de favorecimento às indústrias foram implantadas. Com o Plano Brasil Maior são pensadas cerca de 287 medidas que contemplam desde a redução do Imposto Sobre Produtos Industrializados (IPI) até medidas relacionadas ao microempreendedor individual (Singer, 2016, p.28-29).

Sobre as desonerações tributárias, o Plano Brasil Maior previa, conforme já fora citado, a redução do IPI principalmente sobre a compra de máquinas, materiais de construção, caminhões, equipamentos, bem como a redução de créditos tributários para exportadores. A intenção era a redução da carga fiscal para os setores considerados “produtivos” visando uma posterior reforma tributária, mais robusta, apostando na coalizão com os empresários industriais. Segundo Laura Carvalho, essa renúncia tributária acarretou grandes perdas de arrecadação pelo governo federal, que chegaram a R\$450 bilhões de reais em 2014 (Carvalho, 2018, p.61-69 *apud* Melo, 2020, p.193-194). Cabe ressaltar aqui também a desoneração no que tange à folha de pagamentos que em 2014 atingiu cerca de 42 setores e poupou cerca de R\$25 bilhões de reais anuais aos empresários (Singer, 2016, p. 29).

Nas reformas do setor elétrico, atendendo às reivindicações da indústria que visavam aumentar a competitividade em relação aos produtos importados e a redução de custos, foi editada e implementada a Medida Provisória nº 579. Tal medida teve o intuito de reduzir em 32% o preço da eletricidade para o comércio e indústria e 18% para o consumo residencial (Melo, 2020, p.194). Entretanto, a referida medida acabava por alterar os acordos com as empresas de energia, pois alguns contratos que já estavam fechados para anos posteriores (2015 e 2017) tiveram de ser antecipados para que o repasse dos investimentos, já amortizados, fossem retirados das tarifas. Isso acaba acarretando também perda para os investidores uma vez que implica na diminuição do valor de mercado das empresas energéticas envolvidas (Singer, 2016, p.30).

Em relação ao câmbio, podemos destacar também a desvalorização do real pelo Banco Central, que a partir de fevereiro e março de 2012 agiu desvalorizando a moeda de “aproximadamente R\$ 1,65 por dólar, patamar no qual se encontrava ao final do segundo mandato de Lula, para R\$ 2,05, alcançado em maio de 2012, numa queda de 19,52%” (Singer, 2016, p.31). Além disso, a fim de proteger o produto nacional e encarecer os produtos importados, elevou os impostos IPI de cem produtos, com taxas que antes chegavam a 13% e naquela ocasião poderiam chegar até 35% que é o valor máximo permitido pela Organização Mundial do Comércio (Melo, 2020, p.194).

Entretanto, mesmo com as medidas que objetivavam o favorecimento do capital produtivo, de uma burguesia industrial e empresarial, Dilma acabou entrando em confronto com as poderosas frações de classes, principalmente devido à forte redução de juros e do *spread* dos bancos privados, que não tendo alternativa, acabaram recuando em 2012. O Banco do Brasil havia feito uma redução pesada de juros, assim como a Caixa Econômica Federal, elevando os limites de linhas de créditos para empresas e consumidores, acirrando a concorrência com bancos como Bradesco, Itaú e Santander. Em abril de 2012, a Febraban (Federação Brasileira dos Bancos) finalmente recuou e começou a movimentação para a diminuição do *spread* (Singer, 2016, p.35).

Para Ruy Braga (2016), no entanto, as análises da crise atravessada pelo Brasil no governo Dilma Rousseff costumam pontuar alguns fatores que descolados da totalidade não explicam as mudanças nas estruturas de classe que ocorreram durante os treze anos de administração petista. Aliado a isso, ele nos aponta que há uma falha nessas análises, sobretudo na explicação da crise econômica internacional de 2008, que em geral, não consideram o fato de que o “aprofundamento das tensões entre a regulação política e a acumulação econômica enfraqueceu progressivamente a habilidade do governo federal em pacificar os conflitos sociais”. Ou seja, em sua análise, ele nos mostra o motivo pelo qual as classes subalternas brasileiras começam a se movimentar principalmente a partir de 2013. A partir de uma chave de leitura que foca não só, mas principalmente, a evolução do comportamento político do *precarizado* e das classes subalternas, diretamente ligados a essa tensão decorrente daquele novo modelo desenvolvimentista brasileiro, a regulação política e acumulação econômica puderam contribuir para a derrocada da hegemonia petista e levar as massas de trabalhadores precarizados às ruas, principalmente no junho de 2013 (Braga, 2016, p. 55-56).

A conjuntura econômica favorável aliada a um *reformismo fraco*<sup>20</sup>, que combinava desconcentração de renda entre os que vivem do trabalho e o crescimento econômico, atraiu o precariado brasileiro e garantiu, aparentemente, o sucesso dos governos Lula. Além disso, quando pensamos as negociações coletivas, com a representação sindical e as categorias bem mais estruturadas, podemos depreender melhorias na renda dos trabalhadores de algumas categorias, através de acordos cujos ganhos chegaram a 1,5% e 3% acima da inflação, além do aumento da criação de empregos formais (Braga, 2016, p.56). Por outro lado, a rotatividade e a flexibilização do emprego impactaram diretamente na oferta de empregos mais qualificados. Com essas condições de trabalho mais precarizadas, aos poucos a experiência política da massa de trabalhadores com esse modelo de desenvolvimento foi se tornando crítica a atuação e controle dos movimentos sindicais, que vinham desde 2008 promovendo paralisações e greves. O discurso explanado, mas não assumido de fato, pelos militantes sindicais lulistas era de que o movimento trabalhista só poderia recuperar sua força e atuação de lutar pelos benefícios da classe trabalhadora frente às grandes empresas quando houvessem conquistado o governo federal, com a figura de Lula que personificava perfeitamente esse movimento. Entretanto, quando tal fato ocorreu, os dirigentes sindicalistas lulistas são cooptados pelo aparelho de Estado, coadunando os interesses de uma burocracia sindical que rapidamente toma contornos de uma nova burguesia de Estado em detrimento dos interesses históricos dos trabalhadores. Neste sentido, consistiria, segundo Braga, no ponto de tensão entre o modo de regulação e o regime de acumulação. As lideranças sindicais mais antigas acabam abandonando a organização da militância de base para serem inseridas em funções administrativas no governo Lula, relegando as demandas do proletariado precarizado que, por sua vez, “se vê obrigado a mobilizar-se politicamente, ainda que à revelia dos sindicatos” (Braga, 2016, p.58-60).

Além disso, concomitantemente com o anúncio das propostas de desonerações tributárias às indústrias, Dilma anunciou o congelamento por 10 anos os salários dos servidores públicos federais com a justificativa de que era necessária uma “austeridade fiscal para enfrentar a crise” (Melo, 2020, p. 196). Em resposta a essas tensões, podemos observar um acirramento das lutas sociais, sobretudo a partir de 2013. O Sistema de Acompanhamento de Greves do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (SAG-Dieese) registrou em 2013 cerca de 2.050 greves, quando no ano anterior foram registradas 877 greves. Este número de 2012 já seria um novo recorde histórico de greves, superando os anos

---

<sup>20</sup> Expressão popularizada por André Singer. Para saber mais ver SINGER, André, *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador* (São Paulo, Companhia das Letras, 2012) *apud* BRAGA, Ruy em *As contradições do lulismo: a que ponto chegamos?* org. SINGER, André, LOUREIRO, Isabel. (São Paulo, Boitempo, 2016).

1990. Greves bancárias, de professores, de funcionários públicos, operários da metalurgia e da construção civil foram aos poucos propondo a reconciliação com as mobilizações sindicais. A guinada política neoliberalista do segundo mandato de Rousseff, associada ao acirramento da crise econômica, delineou a transição do modelo de desenvolvimento brasileiro. As altas taxas de rotatividade, com o mercado de trabalho aquecido, os ritmos de produção intensificados e, por conseguinte, o adoecimento e morte dos trabalhadores e ampliação do despotismo empresarial culminaram em um ciclo grevista histórico para o país (Braga, 2016, p.70-89).

## 1.2 As jornadas de junho de 2013

O ano de 2013 foi um período marcante na história recente do Brasil. A partir daquele momento, muitas mudanças ocorreram, e os impactos destas mudanças, mesmo que indiretamente, podemos observar até os dias de hoje. No contexto político, gostaríamos de ressaltar os movimentos de junho de 2013, emblemático período que tomaremos como ponto de partida.

Segundo Marcelo Badaró Mattos (2023), é possível encontrarmos múltiplas interpretações acerca das Jornadas de Junho de 2013. Particularmente em sua análise, Badaró parte de uma interpretação na qual ele considera algumas leituras como resultantes do conflito político aberto com as Jornadas. No entanto, se analisarmos cada uma delas separadamente, seria insuficiente para elucidar o que de fato foram as Jornadas de junho, principalmente por algumas destas análises serem esvaziadas da dinâmica mais profunda desses conflitos, a *luta de classes*. (Mattos, 2023, p.14).

Em 2013, uma massa jovem saiu às ruas protestar contra o aumento das tarifas de ônibus, potencializando também as reivindicações dos trabalhadores e movimentos grevistas que não tinham mais o PT nem a Central Única dos Trabalhadores como referências de luta naquele momento (Melo, 2020, p.198). O Movimento Passe Livre (MPL) teve papel fundamental nas Jornadas. Foi criado em 2005 e desde aquele ano vinha convocando atos dessa natureza. Em 2013, foi o MPL que organizou as manifestações que pleiteavam a anulação do reajuste das passagens dos transportes em São Paulo. O MPL foi criado durante o Fórum Mundial Social e tinha o intuito de unificar, no país, essas lutas com as mesmas pautas, uma vez que já haviam conseguido resultados significativos em algumas capitais do país, como

Salvador (2003) e Florianópolis (2004). (Mattos, 2023, p.15). Ou seja, quando se nacionalizaram as manifestações de 2013, essa pauta dos reajustes já havia sido superada.

Abriu-se, assim, a brecha para outras pautas bastante sociais, principalmente as relacionadas com serviços públicos de educação e saúde. A partir daí, começou-se a traçar um perfil de manifestantes “de frações jovens, de escolaridade média e salários mais baixos, da classe trabalhadora, com suas pautas.” (Mattos, 2023, p.16). Mesmo assim, segundo Mattos (2023), vale ressaltar que quando essas manifestações se tornaram movimentos de grandes massas e com as primeiras adesões de pautas conservadoras ou não raro, reacionárias, organizadas muitas vezes por redes sociais, os partidos de esquerda e as organizações sindicais foram bem hostilizadas em algumas manifestações. Com a iminência da Copa de 2014 sediada no Brasil e com as obras por todo o país em detrimento de tal evento, reivindicações pautadas em frases como “Não vai ter Copa”, e saúde e educação no “Padrão Fifa” eram frequentes nas manifestações. (Mattos, 2023, p.16).

Ainda segundo Badaró (2023) as manifestações de Junho de 2013 tinham suas bases nas lutas sindicais, principalmente no que tange às pautas dos movimentos sociais, saúde e educação, impulsionando lutas e greves não só no referido ano, como foram as greves dos profissionais da educação da rede pública de ensino em vários estados do Brasil. No Rio de Janeiro, os profissionais da educação contaram com uma longa greve, recebendo o apoio de massas de populares contra desmandos do governo estadual e municipal. Em 2014, os profissionais da limpeza urbana do Rio de Janeiro também deflagraram uma greve em pleno carnaval carioca, mesmo contra a direção sindical que não foi a favor da greve, contou com o apoio da população em favor de melhores condições de trabalho e salários (Mattos, 2023, p.17).

Deste modo, Badaró destaca a importância do papel que os movimentos sociais desempenharam nas manifestações de junho de 2013 e nos anos que se seguiram após estes. Um exemplo foram as greves dos metroviários em São Paulo às vésperas da Copa do Mundo em 2014, bem como os movimentos de oposição e ocupação orquestrados pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) contra as grandes obras urbanas e despejos em detrimento do evento do mundial de futebol. Além disso, ampliou cada vez mais a pluralidade desses movimentos, como movimentos LGBTQIAPN+ e os movimentos liderados por mulheres como as campanhas do #meuprimeiroassedio. A partir de 2015, esse novo ciclo de movimentos feministas coordenou manifestações de grandes vultos. O próprio movimento “Ele Não!” surgiu a partir das manifestações massivas nos movimentos feministas do 8 de março e se tornaria uma expressão de ordem contra a eleição de Jair Bolsonaro durante a campanha de 2018. (Mattos, 2023, p.22).

Badaró também aponta que algumas chaves de leitura acerca do Junho de 2013, sobretudo por analistas mais alinhados com os governos petistas, sugerem que essas manifestações tenham sido um ponto de partida para as manifestações dos anos seguintes contra a presidenta Dilma Rousseff em 2015 e em 2016, quando do seu impedimento, numa ideia de “continuidade”. Contudo, podemos observar, mas sem umnexo direto, a tímida atuação de uma direita política a partir de um dado momento das Jornadas de Junho. A crise econômica de 2014 e o desgaste do governo em meados de 2013 agravaram ainda mais as tensões. Segundo o autor, “os protestos de massa demonstravam, para as diversas frações burguesas, que a administração petista já não era mais eficiente em garantir a paz social baseada na lógica da conciliação de classes” (Mattos, 2023, p.24). Mesmo nessa conjuntura, a presidenta Dilma conseguiu se reeleger, às custas de um discurso fortemente comprometido com interesses populares e, quando se reelegeu, abandonou estas promessas em detrimento das pressões da classe dominante.

Gilberto Calil (2016) também confirma a tese de que as Jornadas de Junho tiveram, inicialmente, um caráter progressista, com base nas mobilizações populares, e que o Estado e as classes dominantes, por sua vez, tentaram rechaçar tais mobilizações, principalmente através de repressivas forças policiais. Esta era, inclusive, uma dentre as pautas de reivindicações: a violência policial com a qual estavam sendo reprimidas as manifestações. Neste contexto, grupos reacionários e identificados com posições políticas à direita ensaiaram articulações, embora ainda de forma incipiente. Destacamos aqui, segundo Calil, a União contra a Corrupção (UCC), criado nas redes sociais e a “Marcha da Família contra o Comunismo”, convocadas por Maycon Freitas.<sup>21</sup> Freitas foi, à época, designado demasiadamente pela revista *Veja* em suas páginas amarelas como “a voz que emergiu das ruas” e que “reuniu milhares de pessoas em manifestações no Rio”.<sup>22</sup> No entanto, Calil afirma que as referidas manifestações contaram com menos de cem pessoas, entre “neonazistas e neointegralistas” (Calil, 2016, p.205).

Deste modo, podemos depreender que existe até uma relação entre as jornadas de junho e as manifestações direitistas de 2015, que culminariam no golpe de 2016, mas não em uma continuidade direta. Principalmente em relação à forma pela qual a classe dominante reagiu às manifestações, apoiada pela mídia e a pressão que esta fez para inserir nas manifestações projetos de emenda constitucional antiprogressistas e o discurso anticorrupção (Mattos, 2016,

---

<sup>21</sup> Maycon Freitas é técnico de segurança do trabalho, foi dublê na Rede Globo de Televisão e fundador da página União Contra a Corrupção no Facebook.

<sup>22</sup> Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/07/revista-veja-cria-uma-novo-lider-das-massas.html>. Consultado em: 30 out. 2024.

p.94). Inicialmente a mídia atacava os protestos como “badernas e atos de vandalismos”. Segundo Demian Melo, os próprios editoriais dos grandes jornais incitaram a Polícia Militar a tomar uma atitude drástica a fim de conter os manifestantes. Entretanto, a truculenta ação policial do dia 13 de junho na Avenida Paulista acabou atingindo não só os manifestantes, mas também muitos jornalistas da *Folha*, do *Estadão*, dentre outros, provocando uma série de indignações nas redações. “Com o mais alto cinismo” a revista *Veja* passa a apoiar as manifestações, as depredações dos bancos estampando em sua capa deste mesmo mês sobre a “revolta dos jovens: depois do preço das passagens, a vez da corrupção e da criminalidade”<sup>23</sup>. Após essa mudança nas linhas editoriais já se começava a perceber uma nova configuração de manifestantes que estava indo às ruas nos protestos que se seguiam dias depois. Começaram a aparecer os cartazes contra a corrupção, contra a PEC 37 e a disseminação do discurso do “sem partido”, incitando a agressão aos militantes e grupos de esquerda, inclusive do MPL que organizou as primeiras manifestações. Não obstante, os populares insuflados pelo consenso que estava sendo formado pelos meios de comunicação, acabaram acatando e apoiando essas ações repressoras, contrapondo o que a mídia difundia como “minorias de vândalos” aos “manifestantes pacíficos” (Melo, 2023, p.168-170). Talvez essa tenha sido a deixa para que as direitas se articulassem para “retomar” o controle e invertessem os rumos das manifestações dali em diante. O apoio às repressões policiais e o sentimento “pró-PM” suscitaram uma série de ações de uma classe média branca do país de tirar fotografias sorrindo ao lado de policiais e que segundo Melo (2023) teria sido o cerne do que posteriormente consolidaria as bases da formação subjetiva no campo das direitas, com Bolsonaro como liderança de campo da extrema-direita (Melo, 2023, p.172).

No entanto, é preciso cautela com esta associação direta. Mesmo considerando o caráter heterogêneo que permeou as manifestações multitudinárias das Jornadas de Junho de 2013, não podemos esquecer que elas abriram uma nova perspectiva nas dinâmicas das lutas de classe. O chamado à classe trabalhadora a se mobilizar, a construção das pautas buscando direitos sociais básicos, como transporte público de qualidade e preço justo, verbas para saúde e para a

---

<sup>23</sup> A reportagem principal totaliza nove páginas, com imagens de protestos em quatro capitais: São Paulo, Rio de Janeiro, Goiânia e Porto Alegre e trechos com entrevistas de manifestantes que estiveram nos protestos do dia 13, quinta-feira. A reportagem evidencia o alto número de presos em confronto com a polícia, maior desde o período da ditadura militar, e de imediato analisa: “Há uma grande chance de que boa parte da rapaziada que, na semana passada, foi às ruas esteja apenas dando vazão às pressões hormonais pelo exercício do socialismo revolucionário” (Veja, 2013, p.86). Explica que os protestos começaram com a organização do MPL “um grupo nanico criado por estudantes de São Paulo”, que defendem a “estatização das empresas de transporte e a gratuidade das passagens” (Veja, 2013, p.86) composto principalmente por estudantes da USP, filhos de classe média e alta (Faenello e Silva, 2017). Disponível em: [https://uece.br/eventos/gthpanpnh/anais/trabalhos\\_completos/298-45183-16082017-104702.pdf](https://uece.br/eventos/gthpanpnh/anais/trabalhos_completos/298-45183-16082017-104702.pdf). Consultado em: 15 dez. 2024.

educação, o combate à violência policial não só nas manifestações (que foram bastante truculentas), mas também no cotidiano de moradores de comunidades e principalmente de jovens periféricos, sobretudo negros e pardos, conferiam este caráter classista. Podemos ressaltar também um movimento sindical revigorado após o 2013, apesar de desde o ano anterior já vir adquirindo força. As greves dos setores da educação pública, dos garis em 2014 em pleno Carnaval carioca, contrariando uma direção sindical que não os apoiava, mas contando com o apoio da população, bem como a greve dos metroviários no mesmo ano, aderiram a mesma prática de levar a greve e as manifestações para as ruas. A resposta que alguns setores da classe dominante, temerosa pelo que as Jornadas poderiam suscitar posteriormente e dos rumos que poderiam tomar, como a inserção, ainda que de forma incipiente, das pautas reacionárias e direitistas (Mattos, 2016, p.96).

Cabe aqui ressaltar também a diferença entre os perfis dos manifestantes e das organizações que mobilizaram as manifestações. Enquanto as jornadas de junho foram mobilizadas primeiramente pelo MPL e compostas por jovens trabalhadores com renda em geral de um a cinco salários mínimos (Braga, 2015, *apud* Mattos, 2016, p.94), os movimentos direitistas que foram se chegando a ganhando força posteriormente, contava com assalariados médios e o que Badaró Mattos chama de “empreendedores capitalistas” (Mattos, 2016, p.94).

Entretanto, mesmo com seu sentido social e de classes, podemos inferir que o junho de 2013 representou uma fragmentação no seio da classe trabalhadora que apoiava o PT. A crise econômica a partir de 2014, aliada ao desgaste que o governo Dilma vinha sofrendo, foi criando elementos que dificultavam a reeleição da presidenta em 2014. Rousseff conseguiu lograr êxito nas eleições de 2014 adotando um discurso muito comprometido com os interesses das classes mais populares. No entanto, esses interesses acabam ficando relegados em detrimento de pesados acordos econômicos, respondendo às pressões das classes dominantes. Mesmo assim, após os acontecimentos de junho de 2013, a classe dominante percebeu que “a administração petista já não era mais eficiente em garantir a paz social baseada na lógica da conciliação de classes”. Não obstante, parecia demonstrar neste quadro, uma ineficiência em relação “ao corte de gastos em políticas sociais, visando à transferência do fundo público para o grande capital, assim como de retirada de direitos, no ritmo e na profundidade que o grande capital passava a exigir” (Mattos, 2023, p.24). Conforme Felipe Demier,

A forma pela qual a classe dominante reagiu a Junho, *ainda em junho*, está diretamente ligada não só ao Golpe de 2016, mas também, e por conseguinte, ao bolsonarismo, que, para salvar, ao seu modo destrutivo, o conteúdo de “tudo que está aí”, se volta contra a forma de “tudo que está aí” (Demier, 2023, p.55)

O ponto de virada começou a ser articulado de fato em 2014, quando foram formadas algumas e reestruturadas outras organizações que iriam atuar diretamente na convocação das manifestações dos anos subsequentes (Mattos, 2023, p.27). O MBL surgiu como um braço da organização Estudantes Pela Liberdade (EPL), que atuava no Brasil como franquia do *think tank* estadunidense *Students for Liberty*, que por sua vez estava ligado ao Atlas Network. O MBL surgiu como uma opção do EPL para atuar diretamente nas manifestações devido ao seu caráter supostamente “apolítico” e “sem partido”, pois o EPL era financiado por capital estadunidense e, pelas regras fiscais de lá, não poderiam financiar grupos de ativistas políticos (Amaral, 2015, *apud* Melo, 2023, p.176).

Já no ano de 2015, essas manifestações, convocadas por diversos agrupamentos, tiveram uma outra perspectiva. Era bem mais encorpada em relação a seus apoiadores, com o perfil mais conservador e reacionário, principalmente no que tangia ao pedido supostamente constitucional do afastamento da então presidenta Dilma Rousseff, reeleita pelo Partido dos Trabalhadores em 2014. De acordo com Gilberto Calil, “constituindo-se nas maiores manifestações de perfil conservador/reacionário desde as Marchas da Família com Deus pela Liberdade, realizadas em 1964” (Calil, 2016, p.206). Ou seja, nos anos que antecederam e ao longo de 2015 muitas organizações que representavam os interesses das classes dominantes foram formadas e conferiram uma “nova” articulação no que tange às mobilizações de rua. Grupos organizados principalmente na internet atuaram fortemente na formação de uma (nem tão) nova visão de mundo e formação de consenso. De forma resoluta, avançaram rapidamente no recrutamento de manifestantes que logo sentiram-se representados por aquele discurso da pauta anticorrupção, de oposição ao governo vigente, conferindo um cariz conservador e reacionário às manifestações que se seguiram a partir daí. Segundo Felipe Demier,

Contudo, desde as Jornadas de Junho, e sobretudo em função da opção burguesa de levar essa ideologia *anticorrupção* às ruas, isto é, de passá-la da letargia para a euforia, da prostração à mobilização, abriu-se a possibilidade para que os adeptos daquela segunda opção, os apáticos e “descrentes com a política” viessem a funcionar como base de massas para as alternativas protobonapartistas, dirigidas por procuradores e juizes “apocalípticos” imbuídos em uma *cruzada anticorrupção*. O caminho para o bolsonarismo já estava sendo pavimentado (Demier, 2023, p.62-63).

Dentre os representantes principais dessas organizações, podemos destacar o já citado Movimento Brasil Livre (MBL) e o Revoltados Online, encorpando o que Casimiro (2016) caracteriza como “nova direita”. Esse processo, conforme já fora citado por Casimiro (2016) e por Calil (2018), vinha sendo gestado desde a redemocratização na década de 1980, mas que tomara maiores proporções em tempos mais recentes. Segundo Calil, esse processo de longa

duração estava diretamente ligado à própria dinâmica da luta de classes no sentido de que a ideia que a classe dominante vendeu sobre os programas neoliberalistas como “modernizantes” se aglutinava a esses setores conservadores e reacionários “sedimentando uma sociabilidade liberal de cunho devastadoramente imperialista, antidemocrático e antipopular” (Calil, 2018, p.5 *apud* Mattos, 2023, p. 25). De acordo com Rocha,

Por meio do então incipiente MBL, os militantes conseguiram se organizar melhor para participar das várias manifestações que ocorreram naquele mês de junho em todo o território nacional. Porém, ao fim do ano, a página do movimento no Facebook, que contava com cerca de vinte mil curtidas, acabou sendo abandonada por seus fundadores que passaram a dedicar seu tempo a outras atividades. Foi apenas no ano de 2014 que a militância ultraliberal, que já circulava em uma rede descentralizada e capilarizada de grupos e organizações que abrangia todo o território nacional, começou a ganhar alguma visibilidade no cenário político nacional. Sobretudo com a candidatura de Paulo Batista a deputado estadual por São Paulo. Batista é um pequeno empresário do ramo imobiliário que foi durante dez anos diácono de uma igreja local, e cujo pai havia sido vereador na cidade de Valinhos no interior do estado de São Paulo. Inspirado pela experiência política de seu pai, passou a se considerar liberal por volta de 2006 (a partir de leituras que realizou para um curso superior de marketing), e decidiu se candidatar sem qualquer auxílio de entidades religiosas, pois, segundo ele, essas entidades possuíam práticas políticas com as quais não concordava. Logo encontrou refúgio no Partido Republicano Progressista, sigla que lhe oferecia a possibilidade de se candidatar de forma independente (Rocha, 2018, p.161).

Nas eleições de 2016 o MBL lançou 44 candidatos, dentre os quais oito foram eleitos.<sup>24</sup> Deste modo podemos inferir, segundo Calil, que a ascensão conservadora no Brasil não era um processo novo, mas sim que já vem sendo gestado pelo menos desde a década de 1980. Por outro lado, ela vai encontrar bases para sua articulação na aglutinação entre aparelhos privados que vão sistematizar a propagação ideológica de valores liberais na economia e conservador nos costumes, com a “rendição” política e ideológica do Partido dos Trabalhadores. A partir de 2015 a direita vai tomar as ruas como há muitos anos não fazia, desde as Marchas da Família com Deus pela Liberdade, durante a ditadura. Mesmo com seus números superdimensionados pela mídia e pela Polícia Militar (estimando cerca de 2 milhões de pessoas nas manifestações de 15 de março de 2015), havemos de concordar que a capacidade de mobilização da direita com seu perfil reacionário e/ou conservador, estava se ampliando de forma sem precedentes (Calil, 2020, p.174).

---

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/mbl-elegeu-oito-de-seus-45-candidatos/>. Consultado em: 21 dez. 2024.

### 1.3 As eleições de 2014 e a Operação Lava Jato

Para analisarmos a configuração política do Brasil a partir de 2014 precisamos levar em conta a nova conjuntura marcada sobretudo pela polarização das eleições daquele ano. O PT havia logrado êxito nos quatro últimos pleitos, incluindo 2014. Entretanto, nestas eleições e nos meses subsequentes a elas, podemos observar um quadro de *crise política* e queda de popularidade da presidenta reeleita que não exclui, mas está para além das disputas ideológicas entre uma “direita golpista” ou “revanchista de um terceiro turno eleitoral” contra uma “esquerda possível” no governo. É necessário, pois, levarmos em conta os interesses de classes que permeiam este processo. Embora tenha logrado êxito, a disputa com o candidato Aécio Neves do PSDB foi bastante acirrada. Na pesquisa de intenções de voto divulgada pelo *Datafolha*<sup>25</sup> já era possível perceber que a popularidade da coalizão liderada pelo PT vinha, pouco a pouco perdendo espaço nos centros urbanos (Mattos, 2016, p.96-98). Uma margem de vitória bem estreita (3,28% de diferença) ilustra bem o quão dividido estava o país naquele momento. Após o resultado final da eleição, o candidato derrotado Aécio Neves (PSDB) ingressou junto ao Tribunal Superior Eleitoral um pedido de auditoria dos resultados alegando fraude no pleito, já causando um desgaste no governo que nem iniciara (segundo mandato). Formou-se, então, uma ampla coalizão política agregando a oposição liberal, setores da imprensa empresarial e da grande mídia, frações da burguesia nacional e internacional, uma nova oposição com inclinações à extrema-direita e frações do Poder Judiciário e Legislativo. Esta coalizão foi personificada na Operação Lava-Jato e na figura do então vice-presidente Michel Temer, que materializou um plano golpista durante o segundo mandato de Dilma Rousseff (Pestana, 2020, p.148).

A adesão de amplos setores da sociedade a esse projeto golpista foi bastante heterogênea. Cabe ressaltar o apoio manifesto de uma parcela da classe artística e musical que engrossou as fileiras de apoiadores da Operação Lava-Jato e também das manifestações pró-impeachment. Conforme Rocha,

Apenas seis dias após a vitória da petista, Paulo Batista convocou, a partir de sua página do Facebook, o primeiro protesto pró-impeachment de Dilma Rousseff, que teve 100 mil confirmações online e foi apoiado por Olavo de Carvalho, um dos principais responsáveis pela difusão da ideia de que existiria uma “hegemonia cultural esquerdista” em curso no país. De acordo com a imprensa, o protesto teria reunido

---

<sup>25</sup> Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2014/10/1538369-dilma-52-e-aecio-48-chegam-empatados-ao-dia-da-eleicao.shtml>. Consultado em: 17 dez. 2024.

cerca de 2,5 mil pessoas munidas de bandeiras do Brasil e cartazes com dizeres como “Fora PT”, “Fora Dilma” e “Fora corruptos”. Participaram também outros grupos e movimentos que não faziam parte das redes da militância liberal, como o “Revoltados Online”, o recém-eleito deputado federal Eduardo Bolsonaro, o cantor Lobão, grupos antipetistas e grupos que defendiam a volta da ditadura militar. Quinze dias após o primeiro protesto, foi convocada uma segunda manifestação na Avenida Paulista pelo grupo “Revoltados Online”, para o dia 15 de novembro. A militância liberal organizada em torno da campanha do “Raio Privatizador” decidiu ressuscitar o Movimento Brasil Livre criado por Fábio Ostermann durante as manifestações de Junho de 2013 em substituição ao “Renovação Liberal”, cujo nome “não havia colado” (Rocha, 2018, p.166).

Muito ativo em suas redes sociais, o cantor Lobão faz diversas postagens diárias criticando o governo Dilma e também subindo *hashtags* convocando para as manifestações de 2015 e convidando seus seguidores para assistir seu programa de entrevistas com Olavo de Carvalho chamado *Lobão Entrevista*. Integrantes do MBL, do Vem Pra Rua e do Revoltados Online foram alguns dos convidados de seu programa.<sup>26</sup> De acordo com o cantor em seu livro de memórias, “o impeachment de Dilma Rousseff se tornou algo palpável, e os movimentos de rua pró-democracia, como o Vem Pra Rua e o Movimento Brasil Livre começaram a ganhar um grande vulto” (Lobão, 2020, p.105). Artistas da Rede Globo que apoiaram Aécio Neves, gravaram vídeos confirmando presença nas manifestações e pedindo o impedimento da presidenta eleita democraticamente. Dentre eles, podemos destacar músicos como Paulo Ricardo da banda RPM, Roger Moreira do Ultraje a Rigor, Wanessa Camargo (encarregada de cantar o hino nacional no evento). Atores como Caio Castro, Malvino Salvador, Kadu Moliterno, Humberto Martins, Marcelo Serrado, Alessandra Maestrini e ex-atletas como Ronaldo, O Fenômeno, também participaram.<sup>27</sup> Há, inclusive, um episódio em dezembro de 2014, quando da quinta manifestação contra Dilma após o pleito, o candidato derrotado Aécio Neves confirmou e garantiu a Lobão sua participação neste ato. Contudo, no dia, Aécio não só não apareceu, como viajou para a praia com sua família<sup>28</sup>, deixando o cantor muito desapontado:

Fomos a Brasília tentar convencer Aécio a participar da próxima manifestação na Avenida Paulista, o aguardamos por dois dias para um encontro, tiramos foto e conseguimos sua palavra de que ele iria, sim, comparecer. Pois bem, Aécio foi tomar banho de mar numa praia do Sul – se não me engano, em Santa Catarina – e, no dia da manifestação, em plena Paulista, perdi as estribeiras com ele. Num arroubo de cólera, pus-me a gritar: “Furão! Furão!” (Lobão, 2020, p.107).

<sup>26</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/user/lobaoentrevista>. Consultado em: 04 jun. 2024.

<sup>27</sup> Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/03/famosos-pro-aecio-apoiam-impeachment-de-dilma.html>. Consultado em: 27 out. 2024.

<sup>28</sup> Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/12/aecio-deixou-lobao-na-mao.html>. Consultado em: 27 out. 2024.

Figura 1 - Postagem de Lobão em sua página do Facebook em 19/10/2014 com adesivo pedindo “Fora Dillma” com dois L verde amarelo



Fonte: Facebook Lobão, dia 19 de outubro de 2014. Acesso em: 25 maio 2024.

Como podemos observar, a impopularidade e o descontentamento de diversos segmentos da sociedade com os governos petistas, sobretudo o de Rousseff, era nítido. Agravando ainda mais a impopularidade dos governos petistas, a partir de 2014 entrou em curso a *Operação Lava-Jato*, que investigou supostos esquemas de financiamentos de campanhas eleitorais e pagamentos de propina que beneficiariam com esquemas fraudulentos de licitação algumas das mais importantes empreiteiras brasileiras ligadas a agências estatais, sobretudo a Petrobras. Além das grandes empreiteiras do país como Andrade Gutierrez, Queiroz Galvão, Camargo Corrêa e Odebrecht, estariam envolvidos lideranças políticas importantes e seus partidos políticos. A força-tarefa teve início em Curitiba e logo se espalhou por estados e repartições judiciais pelo Brasil. As operações judiciais e investigações seriam feitas por uma parceria entre a justiça, a Polícia Federal e o Ministério Público Federal, averiguando diretores das estatais que beneficiariam empreiteiras em troca de propina e financiamento para campanhas eleitorais. No entanto, a operação tomou rumos tendenciosos e arbitrários quando tenta obter “provas” através de escutas telefônicas ilegais, amplamente divulgadas na grande imprensa; quando executa prisões em pleno ano eleitoral de 2017 e que mudariam convenientemente o curso do pleito;<sup>29</sup> quando fomenta o mecanismo da “delação premiada” para, possivelmente colher depoimentos que interessem aos seus condutores, tal como nos Estados de exceção e, sobretudo quando tenta imprimir somente a alguns partidos e siglas específicos a pecha da corrupção, especificamente os agentes e siglas ligados a Lula e Dilma

---

<sup>29</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/lula-e-condenado-na-lava-jato-no-caso-do-triplex.ghtml>. Consultado em: 18 dez. 2024.

Rousseff. O juiz Sérgio Moro, ao redor do qual foi construída a figura de “herói”, foi responsável pelos principais atos da operação e teve um percurso bastante polêmico no curso desta. Foi ele quem publicizou os áudios obtidos por meio de grampos ilícitos. Participou de muitas premiações por parte da Rede Globo e da Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos. A propósito, o referido juiz havia frequentado cursos ministrados por especialistas estadunidenses e pelo Departamento de Justiça. O teor das aulas versava sobre lavagem de dinheiro e crimes financeiros e foram promovidas pela embaixada dos Estados Unidos através do *Projeto Pontes* que

desde 2009 treinou juizes e promotores brasileiros (dentre eles Sérgio Moro) no “combate à corrupção”. Tal operação gestou a formação da força-tarefa da Lava-Jato e é um dos indícios da participação dos Estados Unidos, via lawfare, no golpe de 2016 (Kanaan, 2018).

Isso nos possibilita depreender o apoio e a participação de órgãos e entidades estrangeiras, sobretudo estadunidenses, nos desdobramentos da operação e na deflagração do Golpe de 2016 contra a presidenta Dilma. Este não seria, no entanto, o primeiro caso de envolvimento ilícito entre aparelhos estatais e empreiteiras envolvendo pagamentos de propinas e práticas fraudulentas. Segundo Pedro Campos, “trata-se de mais um episódio envolvendo agentes que visitavam continuamente as páginas da imprensa brasileira desde a redemocratização em acusações de corrupção” (Campos, 2020, p.99-101).

A Operação Lava-Jato foi amplamente divulgada todos os dias nos meios televisivos e editoriais. A revista *Veja* publicou inúmeras capas sobre a operação e muitas capas enaltecendo Sérgio Moro. Enquanto isso, o governo Dilma caía em popularidade ainda antes de sua posse. Na economia, ao adotar sua política econômica de austeridade aumentou o desemprego e a perda dos lucros dos empresários causando descontentamento entre estes e a classe média e não contava mais com o seu apoio de base. A busca pela governabilidade através do apoio dos empresários a tornaria refém do ajuste recessivo. Assim, “o impeachment se popularizou a medida que a crise econômica e a Operação Lava-Jato destruíram a confiança no governo, sem que um bom desempenho econômico pudesse compensar o ataque judicial e político golpista” (Almeida, Brandão, Campos, 2020, p.43).

Os pedidos de impeachment contra Dilma Rousseff já vinham sendo protocolados ao longo de todo o 2015 na Câmara dos Deputados. Foram 50 pedidos no total, dos quais foram arquivados 49. Este um que restou havida sido protocolado e redigido em outubro daquele ano pelos juristas Miguel Reale Jr., Janaína Paschoal e Hélio Bicudo, assinado por alguns

representantes de movimentos de organização das manifestações de 2015, como Carla Zambelli (Movimento Contra a Corrupção), Rogério Chequer (Vem Pra Rua) e Kim Kataguirí (MBL). Este pedido foi acatado em dezembro de 2015 pelo deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ), então presidente da Câmara, “coincidentalmente”, no mesmo dia em que o PT manifestou apoio a sua cassação pelo Conselho de Ética da Câmara. A acusação consistia em a então presidenta ter cometido “crimes de responsabilidade”, editando decretos de créditos suplementares sem que o Congresso tivesse conhecimento e pelas conhecidas “pedaladas fiscais”, fazendo uso de verbas dos bancos federais nos programa do Tesouro Nacional (Brandão, 2020, p. 219). Em março do ano seguinte, muitos partidos acabam retirando apoio a Dilma, sobretudo após o desenrolar do processo com uma comissão especial instalada por Cunha. Após reunião no diretório nacional, o PMDB retirou-se oficialmente da coalizão com o PT. A defesa, composta por Nelson Barbosa (ministro da Fazenda) e Ricardo Lodi (Professor de Direito Tributário da UERJ), sustentava que os atos de Rousseff estariam em consonância com as exigências do Tribunal de Contas da União (TCU), uma vez que as práticas pelas quais a presidenta estava sendo acusada já haviam sido referendadas anteriormente em outros governos.

No início de abril, a comissão especial instaurada por Eduardo Cunha aprovou a abertura do processo e no dia 17 de abril é executada a votação nominal que autoriza a abertura do processo de impeachment com 6 horas de duração e 367 votos a favor, 137 votos contra, 7 abstenções e um sem número de justificativas infundadas que vão desde “pela família e filhos” até uma vil e sórdida menção de Jair Bolsonaro à memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra.<sup>30</sup> Segundo Michel Löwy, “uma das vítimas de Ustra foi Dilma Rousseff, que no início dos anos 1970 era militante de um grupo de resistência armada” (2016, p. 64). Após a votação, Dilma foi então afastada e quem assumiu de forma interina foi o vice-presidente Michel Temer, um dos principais articuladores da trama golpista.

O governo peemedebista na figura de Michel Temer que se seguiu após o golpe de 2016 foi marcado por muitas perdas em vários setores. Muitos cortes de verbas e contrarreformas foram realizados com perdas de direitos sociais, cortes de verbas para universidades e fomento da ciência e tecnologia, além de desinvestimentos na área da saúde, precarização do trabalho e ataque aos servidores públicos de todas as esferas (Almeida, Brandão, Campos, 2020, p.43). Sua pretensão era a de implementar um novo ajuste neoliberal, firmando compromisso com o grande capital e com o “mercado”, através de um programa de retrocessos chamado Ponte Para o Futuro. Este programa foi lançado em Brasília no ano anterior, 2015, na Fundação Ulysses

---

<sup>30</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xiAZn7bUC8A>. Consultado em: 20 dez. 2024.

Guimarães, ligada ao PMDB, colocando como base para seu “futuro” governo, o setor privado. O empresariado brasileiro, por sua vez, já estava descontente com a política econômica de Dilma, e se via cada vez mais alinhado com o discurso de Temer. Posteriormente a este fato e já como presidente interino, Temer assumiu, em um discurso na Organização das Nações Unidas em Nova Iorque, que Dilma só foi afastada porque recusou as propostas peemedebistas. O que nos possibilita concluir que os crimes de responsabilidade que supostamente haviam sido cometidos por Dilma seriam possivelmente parte de uma articulação para instaurar um novo governo que executasse o plano que fora rejeitado nas eleições de 2014 (Brandão, 2020, p.214). Conforme Luís Felipe Miguel,

A interinidade de Michel Temer comprovou aquilo que já se antecipava. O governo avança, o mais rápido que pode, na agenda de retrocesso que se deseja impor ao país – entrega do patrimônio público, avanço do fundamentalismo, retirada de direitos trabalhistas, criminalização do pensamento crítico, recuo da legislação ambiental, arbitrariedade escancarada da força policial, cortes nas políticas sociais, tributação regressiva. O Supremo Tribunal Federal, suposto guardião da Constituição, permanece inerte; na verdade, são volumosas as evidências de que muitos de seus integrantes foram partícipes da trama para afastar a presidente (Miguel, 2016, p.36).

#### 1.4 Jair Bolsonaro e a construção de um “mito”

Segundo Rocha (2018), após a redemocratização nos anos 80, autoproclamar-se com orientação política de direita causava certo desconforto. Sobretudo porque a associação do termo “direita” ficou diretamente ligada ao autoritarismo e à ditadura civil-militar. Ela afirma que este fenômeno não ocorreu só no Brasil, mas também na Argentina e a literatura especializada daquele país a denominou de “direita envergonhada”. E foi em meio ao período lulista que denominar-se de direita começou a ser novamente posto do debate político. Rocha atribui isso a dois fatores iniciais: o primeiro seria o escândalo do Mensalão em 2005 e o segundo seria a articulação de uma trama de organizações e de comunidades na internet ao redor das quais as pessoas podiam manter o anonimato e reunirem-se em fóruns, comunidades, blogs para atacar e criticar de forma bem dura o governo petista (Rocha, 2018, p.111). De acordo com a autora,

Nesta época a internet funcionou como um refúgio para antipetistas, direitistas ou simplesmente para quem não se sentisse representado pela bonança lulista. Sentindo-se acudadas em públicos dominantes, tais pessoas descobriram nos meios digitais a possibilidade de encontrar outros com quem pudessem trocar ideias e se solidarizar

por meio da atuação em fóruns, blogs, sites e comunidades digitais (Rocha, 2018, p.120).

Mesmo assim, Lula se reelegeu em 2006, estendendo sua popularidade até 2010 a tal ponto de eleger e reeleger uma sucessora, garantindo 14 anos consecutivos de governos petistas no Brasil.

No entanto, os “escândalos” os quais haviam sido atribuídos ao PT, primeiramente com o Mensalão que foi julgado só em 2012 (na gestão Rousseff), seguido pela deflagração da Operação Lava-Jato em 2014, foram exaustivamente divulgados pela televisão e imprensa todos os dias. A cada fase e desdobramento da Lava-Jato, os noticiários televisionaram com riqueza de detalhes, enfatizando massivamente a pauta da corrupção, da crise e da impopularidade do governo Dilma. Desde o início da Lava-Jato, as TVs ampliaram o tempo dos noticiários exclusivamente voltados para a cobertura da operação. A eleição de 2014 só ratificou o quanto a sociedade brasileira estava polarizada. No entanto, um outro movimento para além da Lava-Jato ampliou a força da oposição política, que assumiu contornos mais densos a partir de 2015: a ascensão de grupos de extrema-direita que iriam difundir uma nova linguagem e comunicação por meio das redes sociais. Além disso, a forte crise econômica em 2015, com altas taxas de juros, corte de gastos públicos, queda no preço internacional do petróleo e queda nos negócios com a Petrobras em virtude da Lava-Jato colocou o país em uma fortíssima recessão, confirmando a imagem construída pela direita de que o PT tinha “quebrado” o Brasil, através de um discurso cuidadosamente pensado para despertar a insatisfação dos eleitores (Laidler, 2020, p.234).

O crescimento econômico já havia desacelerado no país desde o primeiro mandato de Dilma. Visando manter os níveis de investimento e emprego e também a lucratividade das empresas, ela acabou atendendo às demandas dos empresários e adotou uma série de ações as quais já citamos e que André Singer vai chamar de “ensaio desenvolvimentista”(Singer, 2018). Entretanto, os investimentos ficaram estagnados e o governo não pode investir para compensar os ciclos de baixa da atividade econômica mundial devido às desonerações que diminuíram a arrecadação tributária.

Quando da crise em 2014, passou-se a adotar a expressão *populismo fiscal*, que seria “a forma de enganar a população, praticando irresponsabilidade com o dinheiro público e semeando crises”, disseminando a ideia de irresponsabilidade fiscal. No seu julgamento no Senado, a presidenta apresentou, sem sucesso, comprovações de que a queda da arrecadação tributária e das exportações foi devido ao declínio dos preços das *commodities*. O maior impacto foi no petróleo, pois foram feitos muitos investimentos pesados visando à exploração do pré-

sal. A Lava-Jato então atribuiu à corrupção o endividamento e a crise da Petrobras. O intuito era criminalizar a gestão e vender uma imagem de que as estatais eram sempre roubadas ou mal geridas. Essa criminalização da política foi então concretizada por um “ativismo judicial com evidentes vínculos com interesses norte-americanos”, orquestrada pela mídia corporativa e ampliada por “novos” atores: os *think tanks* liberais, compondo, deste modo o que chamaremos de nova direita. A nova direita que se configurou no Brasil era sedimentada em frustração, ressentimento, revolta de perdedores, utilizava-se de valores conservadores e de guerra anticorrupção na guerra digital e contradições: juntam Bala, Boi, Bíblia no mesmo movimento, ao passo que são “contra tudo que está aí” (Laidler, 2020, p.236-243).

Aqui cabe ressaltar que um ponto chave na articulação desses “novos” atores no sentido de formar o que Rocha (2018) chama de contra-público digital, que vai desaguar na nova direita, é, sem dúvida, a figura de Olavo de Carvalho. O filósofo já fora mencionado anteriormente, mas retomaremos aqui à guisa de pontuarmos sua relação direta com essa nova direita e com a construção e difusão do bolsonarismo.

Já no final dos anos 1990, Carvalho passa a atuar como escritor e jornalista em um blog chamado *Sapientiam autem non vincit malitia* (A sabedoria não é vencida pela malícia). Em 2002, funda o MSM como site e, em 2004, com o advento da rede social Orkut, cria a comunidade do MSM. Neste mesmo ano já era possível encontrar duas comunidades de apoiadores de Olavo e duas comunidades contrárias às suas ideias. O principal argumento difundido por Olavo e que posteriormente seria um pilar importante no discurso da direita era a suposta revolução pretendida pelo PT e pelos intelectuais da esquerda, baseada na interpretação equivocada de Carvalho sobre a hegemonia gramsciana. Ele já versava sobre o assunto em 1994, quando escreveu *A nova era e a revolução cultural: Frijtop Capra e Antonio Gramsci* (Rocha, 2018, p.122).

Como já pudemos observar em Strobl (2022), essa era uma estratégia comum das novas direitas que se desenvolveram na França no final dos anos 1960, apropriando-se de conceitos e esvaziando-os de sentido e definindo novos campos de luta: a formação de consensos. Para isso, contam com uma miríade de aparelhos que fazem esse papel de capilarização. No caso de Carvalho, ele alerta para uma possível hegemonia de esquerda que a qualquer momento poderia ser instaurada através de uma revolução. A ideia do inimigo comum a ser combatido não é nova e já foi observada em vários períodos de nossa história. A própria ideia de uma revolução contra a *revolução* caracterizava as vertentes revisionistas da história, amplamente difundidas e acatadas por essa nova direita. Como pontua Demian Melo, no contexto de 1964, essa ideia de que haveriam dois golpes em curso e que o golpe de 64 foi uma defensiva da direita em relação

à esquerda não é nova, mas passa a ser difundida principalmente pela imprensa brasileira após 2004 (Melo, 2013, p.68).

Olavo influenciou não só jovens e apoiadores que se tornariam ativistas fundamentais para a nova direita, mas, através do seu site MSM, também projetou novos escritores que posteriormente seriam vozes importantes nos rumos que a política brasileira iria tomar. Um deles é Rodrigo Constantino, que publicou seus primeiros textos no Mídia Sem Máscaras. Em 2006, Constantino foi convidado por seu antigo chefe, Paulo Guedes (que posteriormente seria peça chave no governo Bolsonaro), a participar de uma reunião de um instituto ligado ao Instituto de Estudos Empresariais (IEE) do sul, que visavam desenvolver um trabalho parecido no Rio de Janeiro. A reunião era com Patrícia Andrade, fundadora do Instituto Millenium, até então, Instituto da Realidade Nacional. Explicaram a proposta e perguntaram quem gostaria de dar prosseguimento ao projeto e Constantino foi o primeiro a levantar a mão, sob a satisfação de Paulo Guedes, que afirmava ter “trazido o cara certo”. Nascia, assim, o Instituto Millenium, que seria batizado e lançado no Fórum da Liberdade. A partir daí, muitas outras organizações civis foram formadas, principalmente por não haver uma homogeneidade nos anseios. A descentralização também era característica dessas novas formas de organização, diferente dos outros *think tanks* pró-mercados brasileiros que atuavam de forma mais centralizada. Alguns desses novos institutos não contavam com muitos funcionários, nem tinham sede própria e às vezes eram formados por estudantes, profissionais liberais e pequenos e médios empresários (Rocha, 2018, p.137-152).

Em 2013 foram lançados, pelo grupo Editorial Record, os livros de Rodrigo Constantino, que a essa altura já era colunista da revista *Veja* e de Olavo de Carvalho. *A esquerda caviar: a hipocrisia dos intelectuais e artistas progressistas no Brasil e no mundo*, de Constantino, e *O mínimo que você precisa saber pra não ser um idiota*, de Olavo, atingiram o topo na lista de vendas daquele ano. O editor Carlos Andreazza havia apostado nessa “guinada à direita” e resolveu arriscar essas publicações que segundo ele, tinham um conteúdo “mais liberal”. Em 2015, em meio às manifestações pró-impeachment, o livro de Carvalho tornou-se *bestseller*, com 120 mil cópias vendidas (Rocha, 2018, 173). Neste mesmo ano, o cantor Lobão lançou seu livro *Manifesto do Nada na Terra do Nunca*, no qual criticava abertamente o PT, as instituições, a Comissão Nacional da Verdade e os intelectuais de esquerda. Uma nova configuração de público, de leitores e consumidores estava se formando.

Traçaremos, agora, uma breve periodização da trajetória política de Bolsonaro, a fim de ilustrarmos o caminho que ele percorreu até alcançar êxito em 2018.

Ao analisarmos a campanha eleitoral de 2018, podemos elencar alguns elementos para entender o êxito da ascensão da nova direita. Primeiramente, a escolha de Jair Bolsonaro como alternativa; segundo, o economista Paulo Guedes como nome importante em sua campanha, abrindo as portas do mercado; depois, a aproximação com os militares na campanha, na figura do general Mourão como seu vice. Outro ponto importante era o antipetismo, construído e consolidado com sucesso ao longo de alguns anos por um maciço trabalho midiático. A campanha eleitoral ficou marcada pela ausência de debates e ausência de programa de governo (Laidler, 2020, p.247). Conforme a autora,

A caricatura de político do baixo clero, hostil e capaz de reunir em torno de si um movimento de guerrilha digital minoritário, de repente se projetou como alternativa viável contra o PT. [...] um candidato radical, que se notabilizou por posições extremadas, como a defesa da ditadura e da tortura, comportamento machista e homofóbico (Laidler, 2020, p. 246).

Jair Bolsonaro foi eleito como deputado federal em 1990 pelo Partido Democrata Cristão (PDC) e, embora tenha dado declarações em 1993 as quais afirmava que o Congresso deveria ser fechado, Bolsonaro concorreu à reeleição no ano seguinte. Elegeu-se com um programa que previa, dentre outras propostas, o fim da estabilidade do servidor público, das melhorias de condições salariais para os militares, o controle da natalidade e também previa rever áreas concedidas às populações indígenas ianomâmis. Tal plataforma o elegeu com o dobro de votos do primeiro mandato, cerca de 135 mil votos, majoritariamente de militares. Em 1995, filiou-se ao Partido Progressista Brasileiro (PPB) e, em 1998, causou polêmica ao se candidatar à presidência da Comissão de Direitos Humanos, em virtude dos seus já conhecidos posicionamentos acerca do tema. Quando da sua reeleição, no mesmo mês publicou um artigo no qual ele defendia “a pena de morte, a prisão perpétua, o regime de trabalhos forçados para condenados, a redução da maioridade para 16 anos, e um rígido controle de natalidade como maneira eficaz de combate à miséria e à violência”. Foi reeleito com 102 mil votos. E, assim, permaneceu se reelegendo em 2002, 2006, 2010 e em 2014, quando se torna, no Rio de Janeiro, o candidato a deputado federal mais votado, angariando 464 mil votos. Neste mesmo ano, seu filho Eduardo Bolsonaro também foi eleito deputado federal com 88 mil votos. Rocha (2018) atribui o sucesso nos pleitos de Bolsonaro a dois fatores: a mudança de discurso, pois a partir de 2011 Bolsonaro passou a ser mais combativo à esquerda e ao PT, o que ele não era visto nos seus primeiros discursos como deputado federal. Seu discurso era de um viés mais militarista. O outro ponto era a presença forte do então deputado nas redes sociais. Em 2016 ele migrou para o Partido Social Cristão (PSC) junto com seus filhos. Em 2017, vai para o Partido

Ecológico Nacional (PEN), que mudou de nome para Patriotas porque melhor se adequava a Bolsonaro (Rocha,2018,p.190).

Em 2018 a candidatura de Bolsonaro pelo Partido Social Liberal (PSL) contou com o apoio de Olavo de Carvalho, tendo cerca de 20% de intenção de votos. No ano anterior, Bolsonaro havia conhecido Paulo Guedes por intermédio do fundador do Instituto de Estudos Empresariais (IEE), Winston Ling. Quando da sua candidatura, Jair Bolsonaro anunciou Guedes como mentor econômico de seu governo e possivelmente ministro da Fazenda, consolidando as bases ultraliberais-conservadoras, como pontua Rocha (2018). Neste ínterim, surgiu também João Amoedo, candidato pelo Partido Novo, que também assumiu esse discurso ultraliberal-conservador, entretanto de forma mais branda que Bolsonaro. A circulação destes candidatos, juntamente com a base ideológica difundida por Olavo de Carvalho em relação à “hegemonia esquerdista”, começou a pulverizar o discurso liberal e pró-mercado mais amplamente a um sem número de pessoas, popularizando e o fazendo chegar às “pessoas comuns”.

Concomitante a isso, a crise do lulismo atingiu seu auge com a prisão de Lula e a impopularidade do PT caiu ainda mais. A campanha de Bolsonaro foi feita majoritariamente por seus apoiadores e militantes voluntários, nas ruas ou nas redes sociais. Contrariando as expectativas de muitos analistas políticos, Bolsonaro passou para o segundo turno com mais da metade de votos válidos em 12 estados e no Distrito Federal contra o candidato petista Fernando Haddad.

Segundo Casara, Jair Bolsonaro fez parte de uma leva de *políticos fabricados* que contava com técnicas de propaganda que coadunavam com os interesses da burguesia e alinhados à extrema-direita. Esse modelo de campanha política que ele chamou de *modelo Bannon*,<sup>31</sup> foi basicamente o mesmo nos países conservadores e que contavam como uma direita radical, utilizando-se de manipulação de notícias, medo, desinformação, discursos de preconceitos, moralizantes, dentre outros.

A propaganda bolsonarista, então, foi se capilarizando e alcançando cada vez mais esferas diferentes da sociedade, difundindo conteúdos desde boicote às eleições ao recrutamento para manifestações. Seu êxito se deve a uma técnica de monitoramento e direcionamento baseada no modelo norte-americano chamado *alt-right*, no qual os algoritmos trabalham de forma preditiva através do uso de dados dos usuários (fornecidos pelos mesmos, vale ressaltar). Através do processamento desses dados pode-se classificar e traçar,

---

<sup>31</sup> O nome é uma alusão a Steve Bannon, que foi diretor executivo e conselheiro estratégico da campanha presidencial de Donald Trump em 2020.

minuciosamente, o perfil dos usuários, das formas mais variadas, através de técnicas como *microtargetins*<sup>32</sup> e *profiling*,<sup>33</sup> que são capazes de manipular a opinião pública e mudar os rumos de uma eleição. De acordo com Casara,

“A estratégia de coleta dos dados necessários ao sucesso de campanhas políticas, à exploração econômica dos indivíduos, à governança das cidades e ao controle da população é típica das modernas técnicas de biopoder, que surgem e se multiplicam a partir da racionalidade neoliberal. Nelas, o explorado, sem perceber, colabora para sua própria exploração. Durante todo o dia, pessoas conectadas à rede de computadores fornecem dados sobre seus gostos, suas prioridades, sua saúde, seu grau de instrução, seus estados psicológicos, suas ideologias, seus projetos, suas ações, etc. O indivíduo sem saber, trabalha para as empresas de *big data*, emitindo cada vez mais dados, inclusive durante o período que deveria ser destinado ao “descanso”. A produção desses dados é, então, tratada e coletada em computadores que possuem capacidade de armazenamento e cálculos cada vez maiores, o que permite realizar associações, etiquetamentos sociais e correlações das mais audaciosas às mais improváveis, bem como projeções e cálculos governamentais” (Casara, 2020, p. 49).

Outros nomes também atingiram recordes de votação naquele pleito. Dentre eles, podemos destacar Eduardo Bolsonaro (cerca de um milhão e oitocentos mil votos) e dois personagens centrais na campanha pró-impeachment, Janaína Paschoal (mais de dois milhões de votos) e Kim Katagiri – MBL (meio milhão de votos). Ou seja, o PSL já saía do primeiro turno com a segunda maior bancada no Congresso, contando com 56 deputados eleitos (Rocha, 2018, p. 193). A vitória de Jair Messias Bolsonaro no segundo turno, com 55,13% dos votos válidos,<sup>34</sup> colocou a joia na coroa do projeto histórico de construção desse novo projeto de estruturação da hegemonia burguesa. O êxito desse projeto foi o próprio resultado da eleição em si, que promoveu um candidato claramente alinhado à extrema-direita, que desde sempre dividiu opiniões (Casimiro, 2020, p. 11).

---

<sup>32</sup> Consiste em uma técnica de direcionamento do “alvo” que envolve a segmentação preditiva do mercado (Casara, 2020, p. 46).

<sup>33</sup> Utiliza dados dos clientes armazenados em um banco de dados que irão determinar padrões de comportamento, de consumo ou de compras e que a partir daí modulam ações comerciais ou políticas baseadas na natureza dos perfis. (Casara, 2020, p. 46).

<sup>34</sup> Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2018/Outubro/eleicoes-2018-justica-eleitoral-conclui-totalizacao-dos-votos-do-segundo-turno>. Consultado em: 27 dez. 2024.

## 2 DIZEM QUE O ROCK ANDOU ERRANDO

A existência de movimentos juvenis de oposição à ordem tem a música como forma de contestação e construção da identidade social. Segundo Abramo, é através da busca de lidar com essas questões e conflitos inerentes ao jovem que alguns grupos passam a constituir um estilo próprio, com espaços peculiares de atuação e diversão. Nesses espaços, elegem seus padrões culturais, suas músicas, sua estética, buscando fugir sempre da mediocridade e da massificação pela imposição da indústria da moda e, desta forma, manifestando seu posicionamento no mundo e na sociedade (Abramo, 1993, p.75).

Ainda segundo a autora, é no período do pós-Segunda Guerra mundial (1939/1945) que se pode perceber um engajamento maior por parte dos jovens nos chamados “movimentos de oposição à ordem”, que iam desde lutas de resistência anticolonialista ao anti-nazifascismo, perpassando movimentos estudantis, mesmo com suas diferenças de “motivação, caráter e amplitude” (Abramo, 1993, p.27). Tal engajamento se acentuaria nas décadas seguintes, com muitas formas de radicalização, principalmente do movimento estudantil. Pode-se observar, ainda, acerca desses diferentes tipos de manifestações juvenis, que eles se estruturavam principalmente como uma crítica ao modo de vida industrial e burguesa, como uma forma de “recusa” à incorporação deste modo de vida. Para Antonio Carlos Brandão, essa reação jovem “simbolizada principalmente pelos *hippies*, (...) voltaria a se repetir de maneira diferente com os *punks* no final dos anos 1970” (Brandão e Duarte, 1990, p.13).

No Brasil das décadas de 1980 e 1990, a conjuntura econômica, política e social ainda estava em processo de transição da ditadura para a democracia. Os jovens, por sua vez, sofriam com o estreitamento das possibilidades de uma vida profissional satisfatória. É nesse contexto em que emergem, expressivamente, personagens desse novo universo juvenil, buscando lidar com uma série de questões, como “a necessidade de encontrar espaços de vivência (...) num meio urbano (...) segregacionista; (...) dificuldades de articular perspectivas de futuro para si próprio e para a sociedade”, entre outras (Abramo, 1993, p.82-83). Entretanto, Érica Magi pontua que Helena Abramo vai discorrer mais sobre os elementos simbólicos de atuação dos roqueiros em si, principalmente os roqueiros paulistas, do que abordar a relação entre rock brasileiro e indústria cultural. Talvez pelo fato de que

Desde quando aportou no país foi visto como intruso na música brasileira. Durante os debates culturais e políticos na década de 1960 sobre o que era e o que não era cultura brasileira, o rock ganhou a alcunha de “alienado”, diante da forte repercussão do

programa de TV Jovem Guarda (1965-1968), principalmente, entre os jovens das camadas populares. E é claro que isso, entre outros diversos fatores, teve efeitos objetivos no processo de inserção (ou não) do rock na indústria cultural brasileira (Magi, 2013, p. 32).

Magi também nos aponta que a década de 80 no Brasil foi um período em que jornalistas especializados e músicos estiveram muito próximos, principalmente quando emergiram esses novos atores e bandas. A autora atribui essa proximidade ao fato de que ambos, jornalistas e músicos, tenham acumulado experiências e vivências na cultura do pop e do rock através dos discos, viagens ao exterior e por um certo “desprezo” pelo gênero musical hegemônico até os anos 80, a MPB (Magi, 2013, p. 63).

Essa proximidade vai implicar diretamente no processo de consolidação do rock dos anos 80 no Brasil, principalmente através da relação entre as gravadoras e a chamada grande imprensa, como *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Revista Bizz*, e gravadoras como *Odeon*, *Warner Music (WEA)*, *Polygram*, *Som Livre* (brasileira), dentre outras. Muitos desses jornalistas que atuavam nesses veículos de comunicação, participaram ativamente de movimentos estudantis pelo Brasil, sobretudo na Universidade de São Paulo (USP) já na década anterior, enquanto ainda eram alunos desta instituição, discutindo sobre o papel dos estudantes na atuação contra o regime militar. Essas experiências possibilitaram a formação de estudantes e profissionais do jornalismo com outra perspectiva em relação à indústria cultural, uma vez que muitos destes estavam diretamente envolvidos com os debates e lutas pela redemocratização e com os “rumos que a esquerda partidária estava tomando, com a fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) e da Central Única dos Trabalhadores (CUT)” (Magi, 2013, p. 76-77).

## 2.1 Os anos 80 e a construção do antipetismo

Antes de tudo, precisamos compreender que o Brasil dos anos 1980 passava por um processo de redemocratização demarcado por vários elementos. Com a ascensão de José Sarney à presidência após um longo período de governos militares, podemos observar uma forte crise na hegemonia burguesa, pois sua gestão (1985-1990) representou não só a materialização dessa crise hegemônica, mas também esse momento de transição de um regime ditatorial para um regime democrático (Almeida, 2016, p. 167). Diversos fatores concorreram para a crise, sobretudo a crescente participação de trabalhadores no processo de transição política pela qual

o país passava, bem como a falta de um projeto contundente dos grupos dominantes que unificasse os interesses das diferentes frações da burguesia, permeados por uma crise econômica mundial da qual a economia brasileira não escapou. O grande ponto dessa disputa hegemônica foi a elaboração da Constituição de 1988, que opôs um projeto popular e contra-hegemônico liderado pelos recém-criados PT e CUT, com um projeto antipopular e liberal (Almeida, Brandão, Campos, 2020, p.13-14).

A possibilidade da ascensão de uma liderança política advinda das classes trabalhadoras trouxe uma nova esperança. A figura de Luiz Inácio Lula da Silva trazia em sua trajetória e em sua identidade política a forte ligação com as lutas sindicais, com os movimentos operários e dos metalúrgicos durante a ditadura civil militar. Aliado a isso, sua imagem estava diretamente ligada à criação do próprio PT e da CUT, cujas lutas são marcas indeléveis para a história da classe trabalhadora no Brasil dos anos 1980 e 1990.

No entanto, a partir da década de 1990, o partido acabaria relegando o seu caráter de classes e projeto de superação do capitalismo em detrimento do socialismo, adotando um “reformismo em conformidade com o capital”, com a CUT mediando conflitos entre capital e trabalho (Patschiki, 2012, p.85).

Foge ao escopo deste trabalho abordar toda a história da fundação do PT e da CUT e seus desdobramentos. Entretanto, algumas pontuações são necessárias para que entendamos a construção de um projeto das frações da burguesia e das classes dominantes, bem demarcado com o golpe de 2016, mas que vinha sendo articulado desde muito antes e que estava ligado ao *antipetismo*.

Fundado em 1980, o PT contou com participação massiva de diferentes sindicatos, trabalhadores e movimentos sociais, “reforçando laços classistas, forjando uma consciência anticapitalista no interior da classe trabalhadora” (Iasi, 2006, p.376 *apud* Fontes, 2010, p. 232). Depois, a proximidade do PT com diferentes organizações militantes com as mais diversas formações políticas, abriu espaço para as tendências socialistas que manteriam, dentre as pautas do partido, essa reflexão crítica acerca do papel do Estado e de um posicionamento político anticapitalista, mesmo em seus núcleos contendo tendências diferentes ou contraditórias (Fontes, 2010, p. 232).

Neste sentido, podemos depreender que o PT em sua gênese tinha um cunho combativo aos pressupostos do capital, tecendo críticas à burocratização do Estado e a um modelo econômico mais centralizado, bem como assumindo posições antiditatoriais. Com seu posicionamento anticapitalista, buscava construir uma experiência socialista a partir da realidade brasileira, ou seja, levando-se em consideração as suas especificidades, adotando,

deste modo, uma visão crítica acerca da experiência socialista no mundo. A incorporação da *democracia* no projeto de experiência socialista a ser construído no Brasil seria o grande desafio a ser enfrentado, devendo unir reforma e revolução. Para tanto, seria necessária a conquista do poder político num primeiro momento e logo após, a construção de uma nova sociedade eliminando ao máximo qualquer resíduo capitalista. Isso implicaria mudanças políticas radicais, pois seria preciso a extinção da dominação política por parte da burguesia e ascensão dos trabalhadores como classe dominante e hegemônica, ou seja, a tomada do Estado pela classe trabalhadora.

Entretanto, encontramos aqui um ponto sensível para o programa econômico proposto pelo PT na campanha eleitoral de 1989, no qual tinha “consciência dos limites impostos pela correlação de forças daquela conjuntura, notadamente favorável ao capital” (Almeida, Brandão, Campos, 2020, p.). A opção proposta pelos petistas era galgar o socialismo, mesmo que isso custasse a utilização de estruturas capitalistas. Ou seja, visavam a construção do socialismo por meio de reformas dentro do sistema capitalista, democratizando a participação no mercado tutelado pelo Estado. Este projeto, por ser “capitalista” entre muitas aspás, colocava o PT numa posição de ameaça, pois trazia como proposta política a aglutinação de trabalhadores rurais e urbanos. Embora se beneficiasse em alguns aspectos, a maior parte de seus interesses ia de encontro ao projeto burguês brasileiro naquele contexto, fortemente ligado ao capitalismo internacional. Entretanto, em suas campanhas eleitorais desde 1994, passando por 1998, até a chegada ao poder em 2002, pela própria conjuntura política e econômica que atravessava o país, o partido foi, gradativamente, se “adequando” às concessões do capital e à social-democracia, e “apesar de importantes diferenças, em síntese, o governo Lula foi, em grande parte, continuador da política de ajuste do governo FHC” (Almeida, Brandão, Campos, 2020, p.13-16).

Este elemento vai compor o que Eurelino Coelho aponta em sua tese como *transformismo*,<sup>35</sup> um conceito de Antonio Gramsci e que Coelho aplica ao que ele analisou como *crise do marxismo*, ou seja, um “abandono” do marxismo entre uma parcela de intelectuais do bloco político conhecido como “campo majoritário do PT”, que teria se apartado

---

<sup>35</sup> O conceito de transformismo de Gramsci, assim como diversos outros que aparecem nos *Cadernos do Cárcere*, requer certo cuidado, justamente pelo caráter fragmentário e os diferentes contextos nos quais aparecerem. Para sua análise em específico, Eurelino Coelho vai defini-lo, em linhas gerais, como: “Transformismo pode ser definido, então, sinteticamente, como 1) absorção, em caráter individual ou “de grupo” e obtida por diferentes “métodos”, de intelectuais (“elementos ativos”) das classes subalternas pelas classes dominantes. Nele estão implicados: 2) a modificação “molecular” dos grupos dirigentes, sua ampliação e 3) a produção da desorganização política das classes subalternas. A concepção do transformismo como mecanismo de atração de intelectuais exige, por fim, que se considere o 4) poder de atração de cada classe, que varia principalmente em função da sua “condensação ou concentração orgânica” (Coelho, 2005, p.455).

da concepção da luta de classes, aderindo a outras visões de mundo, sobretudo após a queda dos regimes socialistas do Leste Europeu em 1989. Aqui não seremos capazes de reproduzir com minúcia e riqueza de detalhes o que Coelho aborda em sua tese. Entretanto, podemos indicar, em linhas gerais, o que ele aponta sobre a heterogeneidade da formação do partido, da qual ele destaca dois principais grupos: a *Articulação*, atuando como um campo majoritário do PT e que ele denomina de “grupo do Lula”, agregando militantes sindicalistas, ligas religiosas católicas, intelectuais e ativistas populares. Segundo ele, este grupo nunca se autoproclamou como marxista, embora sua *práxis*, o modo como se posicionavam em relação à luta de classes perpassasse as formulações teóricas do marxismo, uma vez que sua atuação foi no sentido de organizar a classe trabalhadora, pela luta política e pelo socialismo “distinto das experiências stalinistas e social-democratas” (Coelho, 2005, p. 209). O princípio político da independência de classe seria a base da unidade entre as diferentes forças políticas que constituíram o partido em sua primeira década de existência (Coelho, 2005, p. 199). O segundo grupo que seria o *Partido Revolucionário Comunista* (PRC), já teria desde sua formação uma forte inclinação marxista-leninista e o objetivo de seus intelectuais guiados pelos textos de Lênin era justamente ser a semente da “vanguarda revolucionária do proletariado” (Coelho, 2005, p. 193). O “rompimento com os elementos marxistas até então vigentes e a elaboração de um projeto novo no qual tais elementos foram substituídos por referências pós-modernas e liberais” (Coelho, 2005, p.26), configurando-se como “intelectuais orgânicos de *esquerda* da classe dominante, transformando-se em uma *esquerda do capital*” (Coelho, 2005, p.505). Segundo o autor,

A ruptura destes militantes e intelectuais com o marxismo implicou diretamente em abandonar ou, no mínimo, relegar a um plano secundário os grandes temas aportados pelo marxismo nos circuitos culturais e políticos (como classes e luta de classes, exploração e mais-valia, fetichismo da mercadoria, revolução). As questões pertinentes a este corpus temático não desapareceram da vida cultural e política, mas tornaram-se bem mais rarefeitas à medida que eram abandonadas por muitos daqueles que tinham sido, até então, os responsáveis pela sua formulação. Em todos os lugares onde isto ocorreu (e foram muitos, por todo o mundo), a mudança na orientação dos (ex-) marxistas repercutiu intensamente no âmbito de atuação daqueles sujeitos, alterando significativamente a cena política e cultural contemporânea (Coelho, 2005, p.17).

A “construção de um projeto alternativo nacional” para as eleições municipais de 1996 e de 1998 para governador e presidente reservava novos desafios para o PT. Desafios estes que implicavam um projeto de desenvolvimento nacional bem contrário aos princípios iniciais da *Articulação* e do PT. Este projeto abandonava a independência de classe à medida que previa alianças com a burguesia, acreditando que a defesa dos interesses burgueses conquistaria o empresariado para as reformas estruturais (Coelho, 2005, p.241).

Por outro lado, um novo entendimento do que compreendia a sociedade civil no Brasil é inaugurado com o advento do PT, bem como uma difusão significativa do pensamento gramsciano, principalmente no que tange a questão da hegemonia. Este era um conceito chave na composição do partido, devido a sua estruturação interna e seus embates. No entanto, a ampliação dos debates trazia a tona também posições divergentes que irão refletir na ideia da construção de uma unidade partidária, principalmente no tocante às transformações sociais,

reiteradamente reivindicadas, mas pouco explicitadas. Esse uso impreciso passou a ser crescentemente utilizado no interior do PT, resultado de alianças mais ou menos efêmeras, asseguradas em encontros e congressos, trazendo para o interior do partido algumas das características do sistema representativo-eleitoral brasileiro (acordos momentâneos, acerto de contas, etc.) (Fontes, 2010, p.240).

Apresentando-se como uma alternativa de uma “nova esperança” no seio do sistema político-partidário brasileiro, esta posição não era homogênea entre as alas petistas pelo Brasil, conforme já observamos acima e também na tese de Coelho. O papel que o PT desempenhava como polo central dos movimentos sociais de base popular, o colocava como “representante da expressão político-partidária dos segmentos subalternos da sociedade civil”, sendo esta vista como terreno dos movimentos populares (Fontes, 2010, p.240).

À classe dominante, por sua vez, conforme já citado, faltava um projeto político de hegemonia. Assim, segundo Coelho (2005), isto implicava, na prática, que a classe dominante brasileira que estava recém-saída da ditadura militar, se encontrava diante do desafio de reconstruir sua hegemonia. O neoliberalismo já lograva êxito ao atender os interesses burgueses em vários lugares, mas aqui no Brasil da década de 1980 ainda era inviável, pois seria preciso neutralizar a atuação dos trabalhadores. Se, por um lado, a burguesia não tinha plano hegemônico, por outro, os trabalhadores na década de 1980, mesmo com toda recessão, estavam articulados em lutas e organizações grevistas que culminaram na campanha política de Lula em 1989 (Coelho, 2005, p.431-433).

As entidades empresariais, ao buscar a manutenção dos seus mecanismos de dominação em meio às lutas antiditatoriais, vislumbraram um programa de modificação para o Estado de forma que atendesse seus anseios da melhor forma e reforçando as posições liberais que contrapunham a sociedade e o Estado. Conforme já pontuamos anteriormente, suas entidades corporativas e associativas atuaram fortemente durante o processo da Constituinte como aparelhos privados de hegemonia, dentre as quais podemos destacar a Câmara de Estudos e Debates Econômicos e Sociais (Cedes), Instituto Liberal (IL), União Democrática Ruralista (UDR), dentre outras entidades empresariais financeiras, bem como militares de alta patente e

organizações empresariais ligadas à mídia e editoriais como Rede Globo e Grupo Abril (Fontes, 2010, 240-242).

Deste modo, podemos inferir que embora no âmbito econômico a década de 1980 não tenha representado um período de ganhos para a classe trabalhadora, principalmente em virtude da crise econômica mundial que atinge também a economia brasileira, no campo político podemos depreender que não fora “uma década perdida”. Na segunda metade dos anos 1980, com a derrocada da ditadura civil-militar, se por um lado estava instaurada uma crise da hegemonia burguesa, por outro, o período representou uma possibilidade de mudanças no bloco de poder. A transição, mesmo que lenta, para um regime democrático, trouxe uma nova perspectiva de mudanças para a sociedade civil, principalmente em relação à participação cada vez maior dos trabalhadores nessa transição política e também dos movimentos sociais, grevistas e sindicais (Almeida, 2016, p.174-175).

A conjuntura econômica, política e social estava em processo de transição de um regime ditatorial para um governo democrático. E juntamente com esse processo de redemocratização e abertura política, podemos observar uma efervescência no campo da cultura, nas artes, no cinema e também na música. Muitas bandas e artistas emergem nesse contexto.

Após o processo gradual de abertura política, podemos observar novos demarcadores da direita no Brasil. Se durante a ditadura civil-militar, o que poderia configurar como um alinhamento à direita seria o apoio ao golpe e ao regime, agora, com a redemocratização, essa direita aos poucos vai se desenhando principalmente com lideranças empresariais e sua adesão a práticas neoliberais, reivindicando a diminuição dos direitos trabalhistas, tecendo críticas à atuação do Estado, em detrimento de uma liberalização da economia, que vai se acirrar ainda mais nos anos 1990. Por outro lado, também cabe ressaltar a importância das mobilizações populares e dos movimentos organizados dos trabalhadores, reivindicando a ampliação dos direitos sociais e a democratização do Estado (Kaysel, 2015, p.68).

É neste contexto que emergem como músicos os personagens sob os quais essa pesquisa se debruça: Lobão e Roger Moreira. Ambos compuseram a cena do rock brasileiro dos anos 1980, junto com bandas como Kid Abelha & Os Abóboras Selvagens, Blitz, Paralamas do Sucesso, Barão Vermelho, Vímana, João Penca & Seus Miquinhos Amestrados, dentre outras (Alexandre, 2013, p. 248). Marcos Napolitano propõe então a noção de que “talvez o rock brasileiro tenha sido a música da transição democrática da Nova República, e não a da abertura política” (Napolitano, 2010, p.390).

Lobão, com algumas bandas que fizera parte e também em carreira solo, e Roger, com a banda Ultraje a Rigor, produziram álbuns e composições à época que denotavam insatisfações

de uma geração que crescera sob a ditadura civil-militar. Nesse sentido, destaca-se a importância da canção *Inútil*, de Roger Moreira, como símbolo das mobilizações pelas Diretas Já. Lobão, por sua vez, também produziu canções famosas com teor crítico à ditadura, como *Canos Silenciosos* e *O Rock errou* além de outras composições que contam com críticas sociais. Nas eleições de 1989, Lobão fez campanha para Luiz Inácio Lula da Silva na Globo em horário nobre e em rede nacional, além de ter sido militante do MST.

No entanto, em tempos mais recentes, esses músicos voltaram a ocupar os espaços das mídias não mais por suas produções musicais, mas sim sobre seus posicionamentos políticos alinhadas com pensamentos liberais, conservadores e mesmo reacionários. Apresentaram falas negacionistas e revisionistas, manifestando apoio à ditadura civil-militar, minimizando a tortura e o tratamento que os presos e perseguidos políticos recebiam, criticando as instituições públicas, leis de fomento à cultura, bem como os movimentos sociais. Imbuídos pelo discurso da nova direita que adquiria novos contornos e mecanismos, criticavam tudo que tivesse relação com a esquerda política no Brasil, alegando que esta era corrupta e responsável pela crise pela qual o país passava. A fim de compreendermos como se dá esse posicionamento, se de fato esses músicos deram uma “guinada à direita” ou se sempre tiveram essas convicções, faremos uma incursão sobre suas trajetórias e carreiras nos anos 1980 para observarmos possíveis demarcadores ou não dessas posturas em suas composições, entrevistas e falas, comparando com seus posicionamentos mais contundentes nos tempos recentes (anos 2013 a 2018) e com o apoio manifestado por estes ao candidato claramente alinhado com a nova direita, Jair Bolsonaro, nas eleições de 2018.

## 2.2 Penso em tudo, até em revoluções<sup>36</sup>

Partiremos agora para a trajetória e análise de fontes do primeiro sujeito de nossa análise: João Luiz Woerdenbag Filho, conhecido popularmente como Lobão. O músico nasceu no Humaitá, zona sul do Rio de Janeiro, em outubro de 1957. Foi criado entre os bairros de Copacabana e Ipanema e estudou em um dos colégios mais conceituados da cidade até hoje, o Colégio São Vicente. Por parte de pai, era neto de um renomado engenheiro hidráulico holandês especialista em carros de luxo que veio para o Brasil a serviço da prefeitura de Niterói.

---

<sup>36</sup> “Esse mundo em que eu vivo”. *Vida Bandida*. Rio de Janeiro: RCA Victor – 1987.

Estabeleceu-se no Rio de Janeiro como representante vitalício na América Latina da luxuosa marca de carro Rolls-Royce. Por parte de mãe, seu avô materno era funcionário do Tesouro Nacional. A família dispunha de um sítio em Pedro do Rio, região serrana do Rio de Janeiro, que era o refúgio do núcleo familiar durante o período de férias. Foi neste sítio do avô que, em 1963, aos seis anos de idade, teve o primeiro contato com o instrumento que viria a tocar mais tarde: a bateria. Contato este que promoveu uma quebra na tradição do lado paterno, por não seguir a carreira automobilística e sim musical. Segundo ele próprio, em sua biografia, sua mãe era lacerdista e demonstrava verdadeira admiração pelo general Médici, na mesma proporção que tinha por Chico Buarque e pela bossa nova. E o alertava, já em 1963, com a renúncia de Jânio Quadros e ascensão de João Goulart, sobre os perigos do comunismo, pois “o Brasil já vivia um clima de intensa agitação social e política (...) (...) com as greves e o pavor ao comunismo por parte da classe média” (Lobão 2010, p.33).

Por sua vez, seu pai seria o que ele denominou como “um nazista conceitual”, um homem forte e impaciente. Ele ressalta também o fato de ter sido criado por duas babás portuguesas, “ambas salazaristas fervorosas” (Lobão, 2010, p.20). Desde muito cedo teve contato com a música, principalmente a bossa nova, da qual sua mãe era fã, mas que ele, “apesar de concordar bovinamente com tudo que ela dizia, não conseguia me emocionar com a mesma intensidade que ela” (Lobão, 2010, p.25). Teve, portanto, uma infância e adolescência confortáveis, superprotegido por sua mãe, que fazia inclusive suas tarefas da escola. Ganhou suas duas primeiras baterias de presente de sua avó e montou sua aparelhagem no terraço de sua casa. Era nesse local que aconteciam os ensaios, durante boa parte de sua adolescência, a contragosto de sua mãe.

Após esta breve explanação sobre sua juventude, daremos aqui um salto até sua vida adulta. Ao longo de sua carreira, Lobão compôs canções contendo críticas sociais, demonstrando descontentamento com a política e o governo. Seus primeiros álbuns foram lançados em 1982 e 1984, “Cena de Cinema” e “Ronaldo foi pra guerra”, respectivamente. “Cena de Cinema” conta com letras basicamente de amor, de temas do dia a dia, brigas de casal, etc. Já “Ronaldo foi pra guerra” foi gravado com a banda *Os Ronaldos* e conta com alguns dos seus maiores sucessos: “Me chama” e “Corações Psicodélicos”. Mas foi no ano de 1986 que começou, de fato, sua projeção de sucesso com o álbum “O Rock Errou”, que vendeu cerca de 100 mil cópias. Na canção título do disco, ressaltamos a estrofe: “Vivemos num país bem revistado/ uma nova volta ao passado/ Muito louco anda solto/ De colarinho, é claro”. No trecho, “Vivemos num país bem revistado”, podemos inferir que referiu-se à ditadura civil-militar e aos seus sistemas de repressão, de censura e controle. “Muito louco anda solto de

colarinho, é claro”, referindo-se aos poderosos, aos representantes das classes dominantes e aos políticos e militares que executavam suas arbitrariedades impunemente. E na penúltima estrofe da música ele prosseguiu criticando a Igreja Católica enquanto instituição, a ditadura, o apartheid e também instituições políticas, como a Casa Branca e o Planalto, e também a primeira-ministra britânica, Margareth Thatcher:

A ditadura continua e ela errou/ Oh meu Deus, o Santo Papa, o Vaticano/ Eles, eles, errou/ Oh a África do Sul e o Apartheid/ Errou, errou, errou/ A Casa Branca, Planalto Central/ E todos os seus capitólios/ errou/ Margareth de ferro, de aço e de imposição/ Ela errou (Lobão, 1986).

A própria capa do álbum já denotava uma mensagem bastante significativa, pois retoma essa crítica às instituições religiosas, a uma moral cristã, quando nos mostra o próprio cantor vestido de padre e uma mulher nua, com os seios à mostra, só com um véu vermelho cobrindo-lhe a cabeça. A mulher é Daniele Daumerie, sua prima, que posteriormente seria sua esposa e mãe de sua única filha.

Figura 2 - Capa do disco “O Rock Errou”, de 1986



Fonte: A autora, 2024.

Neste álbum, cabe ainda ressaltar a canção “Canos Silenciosos”, cuja letra também podemos observar uma referência à ditadura civil-militar quando ele apontava na primeira estrofe uma ideia de liberdade ao falar do “movimento na esquina, todo mundo entra, todo mundo sai”. Entretanto, há os “canos silenciosos”, aludindo aos militares e suas arbitrariedades quando cita “homens, fardas, cassetetes, camburões/ abusando da lei com suas poderosas

credenciais”, ou seja, homens institucionalizados, a serviço da lei, atuando por meio do patrulhamento da polícia e do exército nas ruas.

Na canção “Revanche”, ainda do mesmo álbum, analisamos também o seu videoclipe,<sup>37</sup> que se passa no centro do Rio de Janeiro, no amanhecer de um dia útil de trabalho, algo como se a cidade tivesse “acordando” para um dia de labor. O relógio da Central do Brasil marcava 6:20h da manhã, seguido de um *take* do suntuoso Teatro Municipal do Rio de Janeiro que, logo a seguir, contrasta com adultos e crianças em situação de rua. A cena segue com o movimento intenso dos trabalhadores, utilizando os trens superlotados da Central do Brasil, vendedores ambulantes e lojistas e donos de banca de jornais abrindo seus estabelecimentos. Em um dado momento, podemos observar alguns soldados perfilados marchando também, em contraste com um vendedor de suco em frente ao Convento de Santo Antônio, no Largo da Carioca e uma criança, provavelmente em situação de rua, vestida com uma camisa estampada com a foto de Karol Wojtylla, o papa João Paulo II. A seguir, o movimento contínuo de trabalhadores subindo e descendo dos trens. Numa dessas cenas, a cantora Elza Soares participa, em pé na porta do trem, com um uniforme de trabalho similar a uma roupa de operário de fábrica, um macacão jeans. Após essa cena vem a estrofe: “a favela é a nova senzala, correntes da velha tribo, e a sala é a nova cela, prisioneiros nas grades do vídeo”, onde no clipe está posicionado um manequim, ou seja, um boneco, simulando uma pessoa, na frente de uma televisão que é quebrada por um martelo e de onde sai uma mão que tenta alcançar o manequim, mas não a toca. Analisando alguns trechos e algumas cenas do videoclipe, podemos observar uma série de críticas a várias instituições como a igreja e a mídia, representada pela televisão que aprisiona, enquanto assistimos inertes tal qual o manequim. O final do clipe mostra o mesmo relógio da Central do Brasil marcando 22:20h da noite, Lobão aparece com uma guitarra nas costas, pegando carona no bonde, saltando do mesmo e pisando numa poça d’água e, finalmente saindo de um bar, como se estivesse embriagado, acende um cigarro e sai andando sob os trilhos do trem, retratando a rotina dos trabalhadores da cidade, em busca de melhores condições de vida, de mudanças sociais: “Fugimos pras grandes cidades, bichos do mato em busca do mito, de uma nova sociedade, escravos de um novo rito”. Em seu livro, *50 anos a mil*, o músico afirmou que a letra de *Revanche* surgiu a partir de uma sugestão sua, com a frase “a favela é a nova senzala” e foi desenvolvida em parceria com o músico e compositor Bernardo Vilhena. Neste trecho e no trecho que se segue a este, quando ele menciona que a “favela é a nova senzala, que a sala é a nova cela, hoje em dia somos todos escravos” podemos destacar uma

---

<sup>37</sup> *Revanche*. Lobão. Clipe original ano 1986. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=glu-soXiYYE>. Acesso em: 28 abr. 2024.

revisitação a dois temas traumáticos para a história do Brasil, que são a escravidão e a ditadura civil-militar e que são constantemente revisitados por setores da nova direita como forma mais extremada do *revisionismo* que trataremos no capítulo a seguir (Mattos, 2023, p.191).

O ano de 1987 foi um marcante para a carreira e a vida de João Luiz. No final de fevereiro, após uma série de shows por todo o Brasil, ao desembarcar no aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro o cantor foi abordado pela Polícia Federal e levado para a delegacia portando “0,8 decigramas de cocaína raspados do plástico” e um galho seco de maconha, já antigo, no bolso de sua calça. (Lobão, 2010, p.304). Pagou fiança e foi liberado, mas não sem antes observar, segundo seu próprio relato, a precariedade na qual os policiais trabalhavam: máquinas de datilografar, ventiladores e telefones com defeito. Diz ter ficado penalizado de verdade com tal situação (Lobão, 2010, p. 305). Enquanto aguardava o julgamento em liberdade, vendeu sua casa e se mudou para um hotel em Ipanema, ato interpretado pela polícia como fuga. Foi enviado um agente para detê-lo e na ocasião da detenção foram encontrados mais alguns gramas de haxixe e de maconha (Alexandre, 2013, p.332).

Passado este episódio, enquanto aguardava em liberdade o julgamento da primeira acusação, comprou uma bateria nova e começou a compor, juntamente com Bernardo Vilhena, o esboço do que seria o álbum “Vida Bandida”. Como ele já tinha algumas canções prontas, tudo foi feito muito rapidamente. Tão logo iniciam o processo de gravação das bases de baixo e de bateria, foi marcado seu julgamento. Durante o processo, quando da oitiva das testemunhas, Lobão afirmou ter presenciado um diálogo entre o juiz e o policial que testemunhava, fazendo, “gargalhar de ódio” (Lobão, 2010, p.314). O juiz disse que Lobão tinha uma péssima personalidade e ele mais uma vez soltou uma piada. O juiz, enfurecido, mais que depressa proferiu a sentença e, como Lobão era reincidente, foi condenado a um ano de prisão, sem direito a *sursis*.<sup>38</sup>

Foi levado, primeiramente, para a Polinter, no centro do Rio de Janeiro e alocado na cela 4. Posteriormente foi transferido para uma cela mais ampla, a cela 11. Seu pai foi visitá-lo, ficando tão abalado com a situação que acabou pedindo ajuda a Roberto Marinho, proprietário da Rede Globo, que rapidamente providenciou sua troca de penitenciária para a Ponto Zero. Segundo Lobão, seu pai “acabou pedindo diretamente ao Dr. Roberto (Marinho) que fizesse algo por mim. Eu não tinha curso superior e não tinha direito a cela especial”(Lobão, 2010. p. 319). Ainda neste período de reclusão na Polinter, Lobão conseguiu permissão para gravar as vozes e guitarras do álbum *Vida Bandida*, interrompido em decorrência de sua

---

<sup>38</sup> Suspensão condicional da pena.

detenção. Na faixa homônima é possível observarmos uma homenagem feita a seus companheiros de cela quando na introdução ele fala: “Aê, galera da onze!!!” (Lobão, 2010, p. 320), fazendo referência ao número da cela: “Todos dançavam, batucavam com as mãos, cantavam junto... foi um momento de uma beleza incrível... emocionante, que foi carimbado com o crivo de aprovação da rapaziada. Essa música foi dedicada a eles e a todos os presos do Brasil”(Lobão, 2010, p. 320). O álbum *Vida Bandida* atingiu seu recorde de vendas, cerca de 300 mil cópias, triplicando a tiragem de vendas de seu álbum anterior *O Rock errou*, de 1986 (Mattos, 2016, p.234).

Na Ponto Zero, em Benfica, no Rio de Janeiro, cumpriu pena em um quarto com quatro detentos: “um juiz, um falsário, um estelionatário e uma bichinha” (Lobão, 2010, p. 326), e dispunha da exclusividade de um andar inteiro com grandes janelas sem grade, mesa de sinuca, aparelhos para exercícios físicos e um espaço amplo e vazio entre as colunas que eles chamavam de “Maracanã”, pois eram onde realizavam os jogos de futebol entre eles (Lobão, 2010, p. 326). Como era réu primário, após inúmeras promessas desde a época da Polinter, conseguiu um *habeas corpus* para responder em liberdade. Fora da prisão, relatando em entrevista a insatisfação com o sistema penitenciário do Brasil, os poderes Legislativo e Executivo, afirmou que tudo era muito desumano e precário, com muitos abusos por parte do Judiciário, da polícia. Disse que o fato de o presidente da República à época, José Sarney, estar solto e ele preso, causava muita revolta. Quando questionado sobre a Constituição, dizia que ela não deveria existir porque não era genuína e legítima, que “há uma maioria esmagadora de direita que quer retroagir o processo de evolução política nacional e isso é uma curra, uma violência e um ato de irresponsabilidade brutal”.<sup>39</sup>*Vida Bandida* contou com uma guitarra bem pesada, e ele canta a palavra “vida” do refrão dando uma tonicidade na última sílaba, como uma catarse, um clamor, talvez pelo momento no qual a canção foi composta. Em outra faixa do álbum chamada “Esse mundo que eu vivo” também conta com guitarras e bateria bem demarcadas e na letra ele fala “eu assisto às transformações pelos quartos nos hotéis, nos anúncios, nas televisões, vendem crises, vendem misérias, vendem tudo até em mil prestações (...) penso em tudo até em revoluções”, ou seja, ele vê as transformações sociais nos quartos de hotéis e que dali ele pensa em tudo, até em revoluções, demarcando uma falta de perspectiva de futuro.

---

<sup>39</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y4iruzJW46w&t=176s>. Entrevista pós prisão - 06/08/1987 – 2:44'. Acesso em: 20 maio 2024.

Em julho de 1987, recém saído da prisão, Lobão foi capa da revista *Bizz*.<sup>40</sup> Na matéria, que ocupava três páginas da revista, relatava sobre a experiência que passou, sobre a composição do álbum *Vida Bandida*, dentre outros assuntos. Em relação a sua prisão, a revista o questiona sobre as violências que ele presenciou ou sofreu na cadeia e o que havia motivado uma mudança de atitude no cantor. Ele afirmou que presenciou presos que chegavam torturados, sem unhas, com membros quebrados. A comida servida era estragada e todo o dia morria alguém nas celas, fosse assassinado ou suicídio. Falou, ainda, que a maioria da população carcerária no Brasil era negra e de classe baixa, perguntou onde estariam os outros presos em potencial que deveriam estar lá. Questionado se ele achava que o que aconteceu com ele pode ser considerado o mesmo que aconteceu com a banda *Rolling Stones* nos anos 60, que havia “uma aparência de deliberação da polícia em quebrá-los como seres humanos e artistas”, Lobão então respondeu que,

Isso pode se repetir de uma maneira histórica, por ser automático. É uma onda de direita muito grande, reacionária. O *yuppie* é um reflexo disso. É a coisa de ser de direita, é o racismo, é a discriminação social, coisas básicas que estavam sendo abolidas e com o tempo estão voltando. Eu to com medo, sabe? Estou com medo da própria Constituinte. Tá vindo pena de morte por aí. Vai ser uma merda! Agora, vou chamar ladrão pra me proteger? Porque a polícia não vai estar do meu lado. A quem vou pedir segurança nesse país? Na prisão me senti em Auschwitz (Maia, 1987, p.82).

É possível observarmos sua indignação no próprio álbum *Vida Bandida*, nas letras que o compõem e na musicalidade incisiva do álbum e de sua forma de cantar. Ao final dessa entrevista, Lobão agradeceu a todos que o apoiaram durante esse período, ressaltando cineastas, atores, intelectuais, grupos, associações e músicos. Destacou também estudantes de uma escola ao lado da Polinter que o homenageavam cantando suas canções e que recebeu cartas de várias pessoas o apoiando, inclusive de crianças. E encerrou com uma exasperada fala, com muitas críticas ao governos, às instituições e a política. Pediu a convocação de um novo movimento Diretas Já e denunciou a violência policial. Entretanto, a pauta “anticorrupção” já aparece aqui quando pontua que “tá na cara que é mamata”:

Para finalizar, tem uma frase do Baster: “O Brasil é uma nação interina, um país provisório, criam dificuldades para vender facilidades...” (longa pausa) Ah! Olha aqui, minha gente, cultura! O governo está tolhendo a informação direta da cultura! Está fortalecendo a polícia e a polícia fica prendendo as pessoas erradas, fica armada, matando gente... Para quê? Quem vai acabar com a violência assim? Por que não pegam os 37 milhões de dólares empenhados na Ferrovia Norte-Sul e irrigam o Nordeste? Tá na cara que é mamata, ligar o galinheiro à casa grande, Maranhão até Brasília... Até a Constituinte foi carta marcada no baralho, ela é retrógrada. Vamos

<sup>40</sup> Disponível em: <https://revistabizz.blogspot.com/2020/03/024-julho1987.html>. Consultado em: 12 dez. 2024.

começar tudo de novo: diretas já! Nós estamos num processo de volta ao passado, a mercê de pessoas malucas. O que eles estão fazendo é loucura, estão matando todo mundo! Cuidado, cuidado; o que eu peço é cuidado. Alerta geral! O governo está em ação... Meu Deus do céu, está muito ruim. Está tudo muito ruim. Depois dizem que o louco sou eu – pô, que absurdo! (Lobão, 1989, p.85).

Ainda em 1987, Lobão musica o poema “Hino ao crítico”, de Vladimir Maiakovski,<sup>41</sup> incorporando sons como o maracatu. Conforme citado por Mattos, essa informação foi omitida de sua biografia, mas podemos encontrá-la no Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira, disponível em sítio de mesmo nome (Mattos, 2016, p 234).

Após este período conturbado em sua vida pessoal, em 1988, em parceria com o músico Ivo Meirelles, lançou o álbum *Cuidado!* A faixa de título homônimo merece uma análise no sentido de que ele começa dizendo que um dia vai ser rico, um dia vai se *dar bem* e que “nas tetas da mãe pátria vai mamar feito um neném”. Aqui ele já aponta vestígios de uma crítica a possíveis benesses recebidas da máquina pública indevidamente. Em outro trecho ele diz “Porque sou bem pretinho/ pensam que sou marginal/ no fundo bem no fundo é a vergonha nacional (...) Preto vota “em branco”/ contestando a razão/ a gente é branco e preto/ preto e branco... é tudo irmão” e ele completa “em nosso abecedário não existe abolição” e segue “o branco é sempre preto/ preto é branco/ é tudo igual” e então dirigindo-se ao cantor Ivo Meirelles, que participa deste álbum, pergunta: “Aí, Don Ivo, cumé que tá?” e Ivo responde “ Parado aqui, malvisto ali, barrado lá” e Lobão completa com “Aí meu irmão, sai dessa nóia/ levanta poeira, nós somos Mangueira/ nós somos vitória”. Aqui podemos depreender vários estereótipos imputados a pessoas negras, minimizando o racismo e todas as opressões sofridas por pessoas negras, sugerindo que uma questão de raízes tão profundas como o racismo é uma “nóia” (paranoia) e que o próprio oprimido reagisse, “sacudisse a poeira”, porque ele é do samba, da Mangueira. Como se o orgulho de ser “Mangueira” minimizasse as opressões. Nesta fala detectamos o falso mito da democracia racial vivido em nosso país como forma de invisibilizar a violência e a opressão pelas quais passam as populações negras e pardas e culpabilizando o negro por sua própria condição de oprimido.<sup>42</sup> Lobão provavelmente não sofreu e não sofre as mesmas opressões que Meirelles. Podemos ratificar esse posicionamento em um trecho do livro *Manifesto do Nada* no qual ele se diz aliado da luta antirracista desde criança, que sempre lutou contra o preconceito racial, que reconhece como o preconceito é

<sup>41</sup> Maiakovski foi um poeta, dramaturgo e artista plástico russo que ficou conhecido como “o poeta da Revolução”, durante a Revolução Russa de 1917, por produzir poemas e cartazes a favor do regime soviético.

<sup>42</sup> Para saber mais, ler: Gonzalez, Lélia. *Por um feminismo afro latino americano*, 2020; Nascimento, Beatriz. *Uma história feita por mãos negra: relações raciais, quilombos e movimentos*, Rio de Janeiro, 2021; Moura, Clóvis. *Sociologia do Negro Brasileiro*, 1988.

violento, excludente, mas relativiza as cotas raciais quando afirmou que não se poderia achar que “resolveremos as injustiças históricas implementando outras, nem sair por aí taxando de racista qualquer um que tenha alguma objeção razoável às cotas raciais” (Lobão, 2013, p.126).

A faixa “O eleito”, foi escrita junto com o músico Bernardo Vilhena. Esta canção, segundo Mattos, pode ser considerada “o seu protesto político mais contundente” (Mattos, 2016. p.235). Segundo Lobão:

Desandei a fazer canções meio que de protesto (eu detesto canções de protesto), como “Revanche”, “O eleito”, “Quem quer votar”, “Panamericana”, “Presidente mauricinho” e nesse ritmo fui me engajando, meio que no vai da valsa, na ala esquerda, principalmente por acreditar ser o Sarney o representante mais vil da direita. (Lobão, 2013, p.181).

Desta canção podemos destacar o trecho: “Lá ele se imagina o eleito/ sem nenhuma eleição por perto (...) Seus ternos são bem cortados/ seus versos são mal escritos/ seus gestos são mal estudados/ a sua pose é militarista”, na qual é nítida a crítica à forma como José Sarney chega ao poder, com a ironia do título da canção e também o criticava como continuísta do militarismo e como representante da direita.

No final de 1988, na mesma ocasião do nascimento de sua única filha, Júlia, Lobão foi condenado a cumprir pena em regime semiaberto. Aconselhado por seu advogado, planejou, com sucesso, uma fuga para Los Angeles até a sua prescrição, depois de oito meses. Quando do seu retorno, em 1989, ano de eleições, o Brasil encontrava-se em campanha eleitoral, com a primeira eleição direta após o regime ditatorial. Segundo o músico, “ou você era Collor ou você era Lula” (Lobão, 2010. p. 409), sugerindo uma certa polarização na qual a sociedade brasileira se encontrava. Nesta ocasião, afirmou tanto no seu livro. quanto em entrevistas, que participou de um comício na Candelária, no Rio de Janeiro, no qual foi convidado a tocar e cantar a canção “Revanche”, com Luiz Carlos Prestes segurando seu microfone. Entretanto, não pudemos constatar a veracidade dessa informação.

No domingo da eleição, Lobão foi convidado a participar ao vivo do programa Domingão do Faustão,<sup>43</sup> mesmo sabendo que a votação ainda estava ocorrendo em alguns estados por conta do fuso horário. Antes de executar a canção, ele fez um gesto com as mãos com a letra L, em referência ao candidato Luiz Inácio Lula da Silva, do PT. A seguir, executou a canção “Quem quer votar” e ao final, pediu votos a Lula, finalizando com a banda tocando e cantando, acompanhada em uníssono pelo auditório, o *jingle* de campanha “Olê, olê, olé, olá,

---

<sup>43</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LJ3seRSSc8g>. Apresentação de Lobão no Programa Domingão do Faustão em 1989. Acesso em: 03 jun. 2024

Lula, Lula” configurando, conscientemente, um crime eleitoral. No entanto, em sua primeira autobiografia, Lobão apenas mencionou o fato superficialmente, além de omitir que tal atitude o afastaria da Rede Globo por, no mínimo dez anos. Somente iria discorrer sobre tal episódio, de forma mais detalhada, em suas posteriores publicações. E em entrevista no programa Roda Viva, afirmou que o próprio Roberto Marinho telefonou para seu pai e disse que Lobão não entraria em sua emissora nem ao lado de Paul McCartney.<sup>44</sup>

Em 1989, Lobão lançou o álbum *Sob o Sol de Parador*, que conta com canções bem pesadas e de cunho fortemente político, como *Panamericana*, e *Quem quer votar?* logo nas faixas de abertura. *Panamericana* é ritmada, com guitarra bem marcada e a letra com uma série de referências sobre lideranças e movimentos guerrilheiros que lutaram contra as ditaduras na América Latina na segunda metade do século XX. O refrão é atribuído a uma frase de Ernesto “Che” Guevara: “*hay que endurecer sin perder la ternura*”. Faz menção ao M-19, importante movimento guerrilheiro colombiano, aos *Montoneros*, importante organização político-militar contra a ditadura na Argentina, aos uruguaios *Tupamaros*, a Farabundo Martí, do movimento guerrilheiro Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional (FMLN) durante a guerra civil em El Salvador. A canção *Quem quer votar?* é de um ritmo bem rápido, bateria bem marcada, com notas curtas no estilo *punk rock*. A impostação da voz é bem agressiva, dando um tom de revolta, de insatisfação começa com a estrofe “a política faliu/ dá pra acreditar/ até o que é civil/ parece militar” referindo-se ao governo Sarney que não rompera de fato com os governos da ditadura. Assim como na canção *Um Bobo pra Cristo* também aponta “um cara pra Cristo/ pra ser o herói nacional/ pra ser o bobo desta festa/ é tudo que nos resta no país do Carnaval”, possivelmente se referindo a José Sarney na presidência. Esse álbum também conta com algumas baladas, incluindo um de seus maiores sucessos, *Essa noite não*, que foi trilha sonora da novela *Top Model*, da Globo, exibida em 1989.<sup>45</sup>

Após esse período, Lobão ainda lançou alguns álbuns por gravadoras antes de romper com a indústria fonográfica e liderar um movimento contra o chamado “jabá”.<sup>46</sup> Passaria a produzir seus próprios discos de forma independente, vendendo-os em bancas de jornal,

---

<sup>44</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4yQtP-YEUI4> Entrevista com Lobão no Programa Roda Viva em 02/12/2013. Consultado em: 03 jun. 2024.

<sup>45</sup> Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/top-model/noticia/trilha-sonora.ghtml>.

<sup>46</sup> Jabaculê – Gíria referente ao suborno pago às rádios pelas gravadoras para que aquelas toquem músicas escolhidas por estas. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/8/07/ilustrada/1.html>. Consultado em: 20 maio 2024.

juntamente com uma publicação, chamada *Outraçoisa*, que sempre contava com um CD de alguma banda ou artista que ainda estava lançando sua carreira.

Tal postura ácida não é novidade para a personalidade Lobão. Na revista *Bizz* (antiga *Showbizz*) de julho de 1986,<sup>47</sup> já podemos constatar na contracapa o teor da entrevista que concede para o impresso: “Lobão tem enchido páginas de jornais com diatribes corrosivas, atingindo sem distinção veteranos e contemporâneos” (*Showbizz*, julho, 1986). A primeira página da entrevista é uma foto de Lobão em preto e branco, com seu nome escrito em letras caixa alta e grandes logo acima da foto. Ele se encontra de perfil, com os dedos indicador e polegar em posição de pinça, como se tivesse fazendo alusão a um cigarro de maconha imaginário. Abaixo da foto, quatro lacunas com opções a serem preenchidas: “Gênio? Louco? Babaca? Nenhuma das anteriores?”.

Segundo a matéria, são duas horas de entrevista que se dividem em três páginas e meia de revista. Já na primeira página, a jornalista Sonia Maia pontua que “ele tem a língua solta, fala de tudo e de todos, sem xilocaína” (1986, p.52). Entretanto, as perguntas foram mais gerais, quem era ele por ele mesmo, sobre o rock no Brasil e no mundo, sobre ele ter falado mal de Caetano e Gil e ele afirma que ele “só fala mal de quem ele gosta” e que ele não é inimigo deles. Em 2016, porém, essa postura é revista, principalmente por conta da posição ideológica de Chico, Caetano e Gil em relação ao governo PT em 2016: “eles sabem que o governo está morto”, disse em tom de provocação.<sup>48</sup>

Em uma edição de 1987 da *Bizz*<sup>49</sup> podemos observar também uma pequena nota falando sobre o sucesso de seu show em julho de 1987 no Canecão (extinta casa de shows no Rio de Janeiro) no qual a plateia gritava em uníssono o refrão de sua canção “Radio Blá”. Já denotando alguns sinais de patriotismo,

Emocionou a todos quando atacou de “Hino Nacional” em sua desatinada guitarra, fazendo os presentes cantarem de um modo como jamais fizeram nem mesmo na escola primária. E tudo sem pieguices [...]. Mas o mais impressionante de tudo é que Lobão, que nunca se envolveu com política e nada tem a ver com o punk, passou para a plateia classe média todo o espírito de revolta que as bandas punk sempre quiseram transmitir e criou um clima tão forte quanto um comício na Cinelândia (Lobão, 1987, p.77).

---

<sup>47</sup> Disponível em: <https://revistabizz.blogspot.com/2020/03/012-julho1986.html>. Consultado em: 12 dez. 2024.

<sup>48</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/musica/lobao-diz-que-chico-caetano-gil-seguem-sendo-adversarios-18968343>. Consultado em: 12 dez. 2024.

<sup>49</sup> Disponível em: <https://revistabizz.blogspot.com/2020/03/026-setembro1987-dinho-ouro-preto.html>. Consultado em: 12 dez. 2024.

### 2.3 “Eu sou assim meio atrasadão, conservador, meio reacionário e caretão”

Faremos, a partir de agora, a análise da trajetória e das fontes do segundo personagem sob a qual nosso estudo se debruça: Roger Rocha Moreira, vocalista e guitarrista da banda *Ultraje a Rigor*. Roger nasceu em 1956, em São Paulo, e cresceu no bairro de classe média alta dos Jardins. Durante sua infância e adolescência realizou seus estudos em um dos colégios mais tradicionais da cidade, o Liceu Franco-Brasileiro de São Paulo, mais conhecido Liceu Pasteur. Neste colégio também passaram alguns nomes brasileiros importantes como a cantora Rita Lee e o médico Dráuzio Varella, dentre outros.<sup>50</sup>

Seu contato com a música também começou bem cedo e, assim como Lobão, também foi através de sua mãe. Aos oito anos de idade, ouviu seu primeiro disco de rock: *Tutti-Frutti*, de Elvis Presley. Sua mãe também era professora de inglês e tocava violão e piano, assim como a mãe de Lobão. Quando ela era jovem, tentou seguir a carreira de cantora após vencer um concurso musical, mas foi impedida de prosseguir pelo pai de Roger, que alegava que “não era aceitável para os bons costumes da época, uma moça participar desse tipo de arte” (Ascensão, 2011, p. 10).

Por meio do caderno de músicas de sua mãe aprendeu a tocar os primeiros acordes no violão e também, por influência materna, aprendeu as letras de músicas internacionais, principalmente em inglês. Aos seus doze anos ganhou, de presente do pai, uma flauta transversa. Nesta época, já angariava algum dinheiro atuando em comerciais de televisão e queria comprar uma guitarra. Seu pai, porém, também não permitiu que o fizesse, pois julgava um instrumento muito barulhento. Mais tarde, o pai se negou veementemente a pagar faculdade de música para Roger.

Aos dezoito anos, finalmente, conseguiu comprar sua primeira guitarra e, aos vinte e um, ingressou no curso de Arquitetura da Faculdade Mackenzie. Nessa época, também fez faculdade de Música na Fundação das Artes, passando a lecionar inglês em troca de algum dinheiro. Na faculdade de Arquitetura, no entanto, não teve nenhuma dedicação. Seu pai, que sempre que chamava sua atenção, o chamava de “inútil”, sugeriu que fizesse o trancamento do curso. Ele acatou o pedido do pai, trancou a faculdade e, por intermédio de um amigo violonista, começou a procurar emprego de músico. Em 1979, mudou-se para os Estados Unidos, onde sua irmã já residia, com o intuito de estudar música e buscar novas oportunidades. No entanto, viver

---

<sup>50</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2024/04/aos-100-liceu-pasteur-de-sp-se-separa-dos-franceses-e-se-une-ao-anglo.shtml>. Consultado: 15 jul. 2024.

como estrangeiro nos Estados Unidos nunca foi fácil e Roger pôde sentir na pele. Sua estadia durou por volta de um ano e meio, “até que percebe que com o tempo, lá sempre iria ser um estrangeiro. Ele só consegue subemprego e o sonho de ser músico vai por água abaixo” (Ascensão, 2011, p. 13).

Em 1982, quando retorna ao Brasil, reúne-se com alguns amigos, dentre eles Edgard Scandurra,<sup>51</sup> e formando o *Ultraje a Rigor*. Nesta época, a banda ainda em formação, ensaiava nas garagens de amigos. As primeiras apresentações foram em festas de aniversário e em pequenos bares, ainda sem muito retorno financeiro. (Ascensão, 2011). A divulgação dos shows era feita através de pintura em tinta pelos muros de São Paulo, uma espécie de *grafitti* quando este ainda nem havia se popularizado. As pichações eram feitas preferencialmente em paredes próximas das casas de shows nas quais eles tinham a intenção de tocar. Assim, quando ofereciam a apresentação nesses lugares, os contratantes diziam já ter ouvido falar da banda, ou lido na revista *Veja*. (Ascensão, 2011, p. 27).

A música que seria o maior sucesso da banda nasceu naquele mesmo ano. A canção *Inútil*, lançada no ano seguinte em um compacto juntamente com *Mim quer tocar*, contava com algumas inspirações. Uma delas era sobre a forma que o pai de Roger o chamava quando desaprovava algo que ele fizera. Certa feita, cantarolando no chuveiro “algo como ‘why don’t you, why don’t you’”, começou a explorar a sonoridade da palavra “inútil” (Alexandre, 2013, p. 183). Outra inspiração foi a fala de Pelé, que havia dado uma declaração segundo a qual afirmava que os brasileiros não estariam preparados pra votar. Assim foi pensada a letra, e em seguida, Edgar Scandurra inseriu o solo que seria a introdução da canção. As primeiras fitas cassete foram então gravadas e distribuídas. A divulgação da banda através das fitas demo estava sendo feita pelo presidente da Gravadora WEA Discos, André Midani. Midani, quando ouviu a canção, gostou imediatamente, mas precisou esperar por alguns meses para que a censura não o obrigasse a modificar ou retirar da música qualquer parte que seja (Alexandre, 2013, p. 183). Uma destas fitas distribuídas foi entregue a Washington Olivetto, um dos mais importantes publicitários do país, responsável por várias propagandas brasileiras famosas<sup>52</sup> e dono de uma grande empresa de marketing, a *W/Brasil* (a qual se refere a música homônima de Jorge Benjor). Olivetto tocou a fita em uma festa pessoal, para seus “amigos descolados”, mas “a maioria ignorou, muitos se incomodaram e ninguém gostou especialmente” (Ascensão, 2011, p. 39). Mesmo a música não tendo agradado muito a seus amigos, Olivetto entregou a

---

<sup>51</sup> Que posteriormente em 1984 deixa o *Ultraje a Rigor* e funda a banda IRA!

<sup>52</sup> Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/washington-olivetto/>. Consultado em: 15 jul. 2024

fita a Osmar Santos, radialista da Rádio Excelsior, que a insere no programa Balancê (Ascensão, 2011, p. 39).

No final do ano de 1983, Osmar Santos foi convidado a ser o mestre de cerimônias do primeiro comício a favor das eleições diretas. Decidiu, então, colocar a canção *Inútil* para tocar para aquele público, cerca de dez mil pessoas em São Paulo, obtendo grande impacto. O país estava passando por um momento de transição política e eram cada vez mais intensas as passeatas e manifestações em várias capitais do Brasil, reivindicando uma emenda constitucional que permitisse eleições presidenciais diretas, já para o ano de 1984 (Alexandre, 2013, p. 184). Assim,

Em 10 de janeiro de 1984, na Praça da Candelária, no Rio, quase um milhão de pessoas se reuniram, graças ao apoio do governador Leonel Brizola. Um comício em Curitiba, também em janeiro, gerou mais comentário acerca de *Inútil*, quando o porta-voz do presidente João Figueiredo, Carlos Átila, declarou que as manifestações populares só serviam para “desestabilizar a sucessão”. Em resposta, o deputado Ulysses Guimarães, do PMDB, disse à imprensa que mandaria a Átila uma cópia de *Inútil* para que ele “tocasse e ficasse ouvindo”. Em São Paulo, em 25 de janeiro, também com o apoio do governador Franco Montoro, quase 1,5 milhão de pessoas foram se manifestar. “A TV tocava ‘Coração de Estudante’, de Milton Nascimento, como o hino da campanha das diretas”, lembra Roger, desconfiado. “Mas na prática era ‘Inútil’. Só que ‘Inútil’ incomodava porque ia fundo na ferida. Temos a mania de colocar a culpa nos políticos, mas “Inútil” dizia que a coisa dependia do povo, dependia de outro brasileiro, de outro cara que *nós* colocássemos lá (Alexandre, 2013, p. 184).

Analisando essa passagem de Ricardo Alexandre, podemos constatar a forma como a canção foi recebida pelo público das manifestações, entendida como uma canção de crítica, de insatisfação, e que de certa forma representava as angústias daquela geração que crescera sob a ditadura e que agora usa sua juventude, sua voz para manifestar seu descontentamento com a situação do país. A letra da música soava como se as autoridades percebessem os brasileiros como inúteis por não terem direito ao voto direto e a escolher seus próprios presidentes (Ascensão, 2011, p. 40).

Obviamente que, enquanto historiadores, não podemos descolar as produções artísticas de seu contexto histórico e social e também devemos pensar o homem a partir de seu tempo. Mas se afinarmos o olhar sob o Roger de hoje para o Roger do passado, talvez possamos fazer outra análise e até questionarmos sobre qual teria sido a intencionalidade da letra. Apesar de muitas pessoas terem realizado a leitura de que a letra se referia aos brasileiros como ignorantes (Mattos, 2015, p.246), Roger confirma que já existia essa dubiedade à época, afirmando que “no início ficou todo mundo naquela de pô, qualé, será que os caras estão xingando a gente?” (Ascensão, 2011, p. 40). Mas, analisando mais atentamente esse trecho retirado de Ricardo

Alexandre: “temos a mania de colocar a culpa nos políticos, mas na verdade a “coisa” dependia do povo”, à luz dos posicionamentos e declarações de Roger atualmente, é possível analisar a canção *Inútil* sob outra perspectiva. O próprio Roger em entrevista para a *UOL*, quando questionado para quem dedicaria a música *Inútil*, respondeu que dedica para quem inicialmente a música foi feita: o povo brasileiro.<sup>53</sup> Em suas postagens em redes sociais é comum encontrarmos publicações referindo-se ao povo como “burro”, principalmente em se tratando de escolha de políticos ligados ao PT.

Figura 3 - Postagem referindo-se ao povo brasileiro como burro



Fonte: Twitter. Acesso em 21 jul. 2024.

No lado B deste mesmo compacto, há de uma outra música intitulada *Mim quer tocar*, que mescla versos em português e em inglês. Ela inicia com os versos “mim quer tocar/ mim gosta ganhar dinheiro/ Me want to play/ Me love to get the Money.” A segunda estrofe fala “Mim é brasileiro/ mim gosta banana/ mas mim também quer ser bacana” e a última estrofe diz “mim gosta tanto tocar/ mim é batuqueiro/ mas mim precisa ganhar/ mim gosta ganhar dinheiro”. Segundo Ascensão (2011), e sua interpretação que passa pelo aval dos músicos, uma vez que o livro em questão é fundamentado por relatos dos mesmos, essa letra traria uma comparação entre o músico brasileiro e o músico americano, entre o salário de um trabalhador brasileiro, ou seja, de um país “subdesenvolvido” e o de um trabalhador de um país “desenvolvido” como os Estados Unidos. Ela afirma que a composição de Roger abordaria também a influência que os Estados Unidos exercem sobre o Brasil, seja em produtos de consumo, desenhos, filmes ou estilo de vida e que Roger cresceu sob essa influência. (Ascensão, 2011, p. 42).

Todavia, ao analisarmos mais atentamente a sua audição, não é uma canção no estilo musical *rock*, mas sim um *reggae*. A música inicia com assovios e sons característicos de uma selva. Logo na introdução são emitidos alguns grunhidos semelhantes aos de macacos e que se

<sup>53</sup> Disponível em: <https://www.uol/entretenimento/especiais/roger-moreira.htm#a-quem-dedico-hoje>. Consultado em: 28 jul. 2024.

evidencia na segunda estrofe com “mim gosta banana”. A repetição do termo “mim é, mim gosta” nos remete a uma impressão de que está se referindo a uma forma estereotipada de como os povos originários brasileiros falariam, carregando esse estigma de que estariam falando “errado”, por não estarem utilizando a norma padrão da língua portuguesa (Bagno, 2007). Rememorando aqui a canção *Inútil* que compõe o mesmo compacto, e quando ele canta “*A gente somos inútil*” reitera essa noção de que o povo brasileiro, de forma generalizada, não seria capaz de articular a língua portuguesa em sua forma padrão. Ricardo Alexandre sugere outra suposta inspiração para o refrão de maior sucesso da banda: “Uma concordância peculiar detectada em uma conversa com um pedreiro rendeu o refrão *‘a gente somos inútil’*” (Alexandre, 2013, p. 183). A última estrofe nos parece reforçar também o estereótipo de que o brasileiro não gosta de trabalhar, que é preguiçoso e vive só de festa: “mim gosta tanto tocar/mim é batuqueiro”, mas que, no entanto, precisa de dinheiro. Conforme já fora citado anteriormente, à época que a canção foi escrita, não se dispunha de muitos diálogos e discussões sobre determinados tipos de preconceito linguístico, de racismo, machismo, xenofobia, como nos dias de hoje. Pelo contrário, não raro nos anos 1980 e 1990 as piadas, os programas de humor e de auditório e as músicas com teor e humor duvidosos, muitas vezes ofensivos, não só vindo do *Ultraje a Rigor*, mas de uma parte da classe artística e da sociedade. No entanto, não podemos nos furtar de fazer uma análise crítica destes conteúdos, que não se justificam, mas explicam e nos auxiliam a pensar sobre a postura que estes personagens apresentam atualmente.

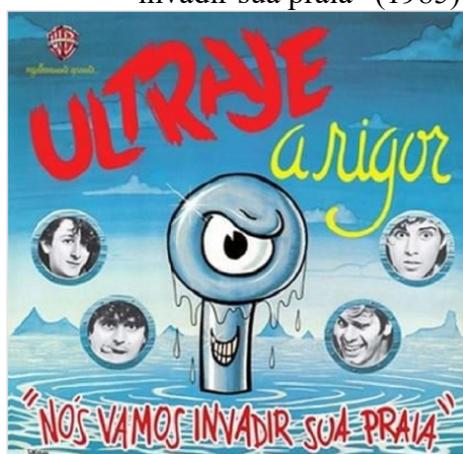
Neste sentido, isto elucida bastante a identificação, nos dias atuais, de Roger Moreira com humoristas do gênero *stand up comedy*, como Danilo Gentili, Rafinha Bastos, Léo Lins, dentre outros.

## 2.4 O sucesso dos primeiros lançamentos

O LP “*Nós vamos invadir sua praia*” foi lançado em 1985 e já no ano de seu lançamento foi recorde de vendas. Foi o primeiro LP de rock brasileiro a ganhar disco de ouro e de platina, chegando à vendagem de 500 mil cópias (Ascensão, 2011, p.76). A revista *Rolling Stone* montou um ranking com os cem melhores discos brasileiros de todos os tempos, e o LP ocupou a 27ª posição na lista (Mattos, 2015, p. 246). O teor da letra homônima do título do álbum, segundo Ascensão (2011), pode ser interpretado por várias camadas: uma delas seria a “facilidade” que os moradores do subúrbio carioca ganharam com a implantação das linhas de

ônibus da zona norte para a zona sul do Rio de Janeiro, graças ao então governador Leonel Brizola. Esse acesso “facilitado” com as novas linhas diretas de ônibus causava certo desconforto nos moradores e frequentadores das praias da zona sul do Rio de Janeiro. A letra traz essa questão mais social à tona, quando fala “mais do que um bom bronzeado, nós queremos estar do seu lado/ Nós *tamos* entrando sem óleo nem creme”. Foi inegavelmente um marco para o rock nacional e as onze faixas configurando seus maiores sucessos foram amplamente tocadas nas rádios da época.

Figura 4 - Capa do LP “Nós vamos invadir sua praia” (1985)



Acesso em: 20 jun. 2024.

Em 1987, é lançado o álbum *Sexo!!*, que conseguiu uma boa vendagem, mesmo sendo considerado apelativo por alguns críticos. Roger afirma que o título, assim como a canção homônima, “não fala propriamente de sexo, mas de censura e daquele moralismo besta tão comum em nossa cultura” e que as pessoas durante o show inflavam preservativos e jogavam para cima do palco quando tocava essa canção (Ascensão, 2011, p. 110). Nesta composição de Roger, podemos observar que ele faz, de certa forma, uma menção à censura quando fala na estrofe “Hoje vai passar um filme na TV/ Que eu já vi no cinema / Epa! Mutilaram o filme/ cortaram uma cena/ E só porque/ aparecia uma coisa/ que todo mundo conhece”. Nas estrofes seguintes, aborda temas como corrupção, eleição, inflação e ladrão. Na canção *Pelado*, ele tece uma crítica social quando ele diz que “sem roupa, sem saúde/sem casa, tudo é tão imoral/a barriga pelada é que a vergonha nacional” (Mattos, 2015, p. 247).

No entanto, “*Eu gosto é de mulher*” é a primeira canção do álbum a tocar nas rádios, composta a partir de um comentário feito pelo baixista Maurício. A música tem um cunho extremamente machista, misógino e homofóbico: “Eu sou assim meio atrasadão, conservador, meio reacionário e caretão/ Pra quê ser diferente? Se eu fico sem mulher eu fico até

doente/Mulher que lava roupa/Mulher que guia carro/ Mulher que tira a roupa/ Mulher pra tirar sarro.” Aqui mais uma vez podemos constatar o teor de suas falas preconceituosas e ele se dizendo “conservador, meio reacionário” já em 1986. Nesta ocasião, a banda se apresentou no programa do Chacrinha durante o carnaval com “a face pintada com batom, sombra e bochechas exageradamente rosa, usam vestido e tênis” (Ascensão, 2011, p. 118). Cabe um adendo ressaltando que não era raro o cunho machista presente em algumas canções compostas por Roger, mesmo representando a mentalidade da sociedade à época que foram escritas. No entanto gostaríamos de pontuar a canção “Se você sabia”, do álbum anterior, “Nós vamos invadir sua praia”, na qual a letra fala claramente de uma mulher que engravidou e que é culpabilizada pelo eu lírico da canção:

Se você sabia/ que não podia naquele dia/ por que é que não me contou/ por que é que não me avisou/ por que é que não me falou/ você me sacaneou [...] o que seu pai vai dizer/ quando ele perceber sobre você/ quase que a gente dança/ seu pai não é mais criança/ e você com essa pança/ ah, se ele me alcança.

E as canções nas quais Roger atribui características femininas a animais como galinha, na canção *Marylou, Jandira*, que seria uma vaca do sítio de sua avó:

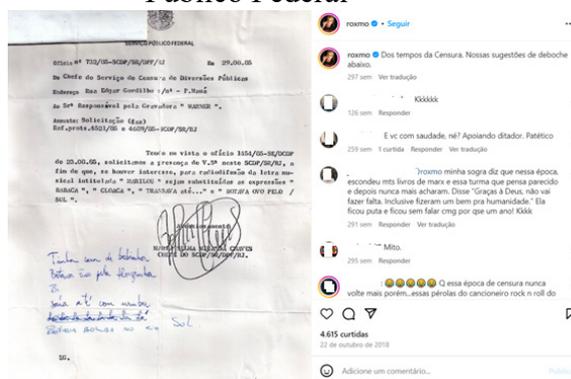
Jandira, menina bovina [...] me provocava quando ia pastar/ levava seu sininho só pra badalar/ me olhava toda hora e eu me achando o bom/ mexendo com o rabinho, que filé mignon! Jandira, Jandira, menina bovina/ eu sou doido varrido por você meu bem [...] pareço um bezerrinho quando você vem/ forrei o pasto de capim pra te agradar/ mas você só pensa em me avacalhar/ eu sou vaqueiro, mas eu vou me entregar/ me chama de bezerro e me dá de mamar.

Essa canção foi gravada com o grupo infantil *Trem da Alegria* em 1989. E segundo o próprio Roger, se tratava de uma canção “com uma divertida sequência de duplo sentido” (Ascensão, 2011, p. 141). *Marylou*, por sua vez, teve alguns trechos censurados por usar vocabulário inapropriado para a época.

Em 1989, o Ultraje lançou o álbum *Crescendo* – estando o Roger com 32 anos à época – teve uma repercussão de venda de 230 mil cópias. Neste álbum, podemos observar algumas composições críticas como a faixa *Filha da Puta*, da qual podemos destacar o trecho que já denota um tom de patriotismo que vai se acentuar posteriormente: “Morar nesse país é como ter a mãe na zona/você sabe que ela não presta e ainda assim adora essa gatona”. Roger afirma que pretendiam testar na prática se a censura havia sido de fato abrandada no país. Fizeram, inclusive, duas versões da canção, a pedido da gravadora. Uma para tocar nas rádios (versão família) e uma na versão “sociedade”. Na versão “família”, é tocada uma buzina todas as vezes

que se é cantado o referido trecho. Roger diz que “também colocamos esse nome para avacalhar com a coisa. A sociedade tudo bem, a família que é diferente. (...) era mais gostoso provocar, implicar, do que poder falar abertamente as coisas” (Ascensão, 2011, p. 137). Neste tema família, o álbum conta com uma faixa chamada “Laços de família”, na qual podemos observar uma crítica à família tradicional brasileira nos versos “Pais e filhos encurralados, sufocados em laços de família /Quase toda família é uma orquestra desafinada”.

Figura 5 - Postagem do documento do Serviço Público Federal



Acesso em: 20 jun. 2024.

A canção “Crescendo II – a missão”, faz um apelo aos jovens, que inevitavelmente irão crescer, mas que não percam sua essência, e não se esqueçam de seus ideais: “Jovem, não vá se esquecer dos seus ideais/ e não vá ser tudo aquilo que você criticava/ e tudo aquilo que você odiava/ todo jovem quer mudar o mundo/ vai fundo e se acha tão profundo/ e num segundo cresce e envelhece/ e se esquece.” Essa música foi composta após Roger ter sido acusado de ter estuprado uma jovem menor de idade no sul do país. Foi provada sua inocência após quatro anos para o encerramento do processo. Mesmo sendo inocentado pelo resultado dos exames, pelo pai e pela própria menina, essa rusga em sua trajetória demorou um tempo para se desfazer, interferindo na própria imagem da banda em si (Ascensão, 2011, p. 126).

Em uma edição especial da revista *Bizz* sobre o rock Brasil 89,<sup>54</sup> lançada em janeiro de 1989, podemos analisar uma matéria sobre o álbum *Crescendo* na qual a jornalista Marisa Gil afirmava que “os meninos” do Ultraje cresceram e não tratam mais de temas “embaraçosos” como anatomias das vacas. Agora, eles estavam preocupados com temas como da canção *Constituinte e Filha da Puta*. Essa última, Roger ratifica nessa entrevista que se trata de uma canção patriota: “É uma música patriota. E já que a mãe tá na zona, somos todos filhos da puta.”

<sup>54</sup> Disponível em: <https://revistabizz.blogspot.com/2020/04/42-janeiro1989-rock-brasil-89.html>. Consultado em: 12 dez. 2024.

Em relação ao álbum *Sexo!!!* Roger afirmou que rendeu uma série de acusações, mas que ele destacava como pontos positivos: “Machistas, antigays, animais, trogloditas... a gente acha legal, pelo menos provoca uma reação, ninguém fica indiferente” e que eles tinham a pretensão de mostrar as coisas “grosseiras que estão por aí e todo mundo esconde por falso moralismo (...) a gente avacalha com as concepções que estão arraigadas nas pessoas”. Cabe ressaltar aqui uma parte da entrevista que ele fala sobre o uso dos recursos eletrônicos, que na entrevista ele diz que não é contra, desde que os músicos saibam usar, dando o exemplo dos Titãs. No entanto a única concessão que eles fizeram para usar um teclado nas gravações desse disco foi em “Secretários Eletrônicos”, uma vinheta tocada e gravada por Roger. O restante do álbum segue a clássica guitarra, baixo, bateria. Nesta mesma entrevista, ao final, Roger fala sobre a pretensão de gravar o álbum de clássicos com um registro histórico da banda, pois no início eram conhecidos por *ultrajar* os grandes clássicos do rock (Gil, 1989, p.59)

A edição, de junho de 1989 da *Bizz*, apresenta de uma reportagem de uma página inteira sobre o Ultraje a Rigor, com uma foto grande, em primeiro plano, de Roger Moreira tocando guitarra e cantando,<sup>55</sup> e inicia alertando para quem fosse no show da banda e quisesse ouvir uma “esbórnica musical”, que iria perder seu tempo. E eles próprios avisaram para que os fãs “não esperassem nada de novo”. A matéria pontua que é justamente a “sinceridade” dos músicos com suas “picardias estudantis” agregadas a um pioneirismo que mistura humor e sátira-político social, traduzidas em rocks básicos com letras “sacanas e desaforadas” que ainda garantiram algum público, mesmo que morno e miúdo na turnê de seu terceiro álbum *Crescendo*, em 1989.

A partir daí, o Ultraje experimentou um declínio em sua projeção, mas não apenas por este fato. Em 1990, a banda lançou o já citado álbum de releitura dos clássicos do rock, o *Por que Ultraje a Rigor?*, com *covers* das suas influências, alcançando a baixa vendagem de 50 mil cópias. A banda costumava lançar álbuns de dois em dois anos. No entanto, o surgimento de outros estilos musicais aliado às demandas por lucros cada vez mais altos das gravadoras, os impelia a diminuir esse intervalo, o que não estava sendo possível naquele momento. O processo de criação de canções para um disco demandava tempo. Além disso, a intensa rotina de shows não lhes dava espaço para as criações em tão pouco tempo. (Ascensão, 2011, p. 144). Assim,

A gravadora perdeu o interesse total em nós e até hoje não sabemos nem explicar bem o porquê. Apesar de nós estarmos vendendo cada vez menos disco, ainda vendíamos muito disco de platina e segundo eu soube depois, gente graúda na gravadora não

---

<sup>55</sup> Disponível em: <https://revistabizz.blogspot.com/2020/04/47-junho1989-rem.html>. Consultado em: 12 dez. 2024.

esperava nem que nós fizéssemos um segundo disco de sucesso (Ascensão, 2011, p. 144).

Alguns anos depois, lançaram três álbuns ao vivo e outros três de estúdio, até os sucessos de rádio irem perdendo a frequência, mesmo que os *hits* mais famosos tenham embalado um curto show no *Rock in Rio* 2001 (Mattos, 2015, p. 248).

Deste modo podemos depreender que os discursos de ambos os músicos já na década de 1980 não estão totalmente em desacordo com suas posturas e posicionamentos políticos atuais. Embora Lobão por muitas vezes apresente uma postura mais crítica em relação aos posicionamentos de Roger. Talvez o fato de Lobão ter experienciado uma vivência no sistema carcerário brasileiro mesmo que num curto espaço de tempo e com todas as regalias que dispôs, pode enxergar por um momento, para além de sua bolha.

### 3 REACIONÁRIOS E BLÁ-BLÁ-BLÁ

Os anos 1990 vieram acompanhados do advento de novas demandas das gravadoras no mercado fonográfico, de novos estilos musicais de sucesso, tais músicos acabaram perdendo popularidade devido a uma série de fatores, além desses já citados. Nos anos 1990 e 2000, Roger junto ao Ultraje ainda lançaram alguns álbuns, fizeram alguns shows, mas não com a projeção que tinham no início de suas carreiras nos anos 1980. Lobão, por sua vez, não deixou de produzir seus álbuns, mesmo que alguns não tenham alcançado o número de vendagem esperado. Buscaram então, alternativas para suas carreiras: Roger e a banda Ultraje a Rigor (com nova formação) passam a compor atração musical em um programa diário de humor na televisão aberta. Já Lobão se arriscou além da produção musical, o ingresso no mercado editorial, lançando-se como autor de livros.

Nos tempos mais recentes, dos anos 2000 em diante, ambos os músicos têm pautado cada vez mais seus discursos em críticas sobretudo aos governos petistas. Após o segundo mandato de Dilma Rousseff essa crítica se torna mais acirrada e os referidos músicos retomam os meios midiáticos, mas não mais com suas produções musicais, mas sim reproduzindo em suas redes sociais um discurso conservador, elitista, armamentista e fortemente alinhado com a nova direita, que vinha recuperando cada vez mais espaço na sociedade brasileira. Fazendo uso dos novos mecanismos de dominação e enquanto pessoas públicas, capilarizaram com maior amplitude suas visões de mundo, reverberando o discurso e o projeto das direitas no Brasil. As manifestações de 2015 e o golpe que culminou no impeachment da presidenta Dilma Rousseff, em 2016, foram amplamente articulados pelas redes sociais e contaram com apoio de diversos grupos sociais, inclusive daqueles dois artistas. Em 2018, manifestaram apoio a um candidato à presidência da República claramente alinhado com posições de extrema-direita, Jair Bolsonaro. Ressurgiriam, portanto, como porta-vozes de um discurso moralista e conservador, machista, racista, contra o “comunismo” e a “ditadura de esquerda”.

Assim, neste capítulo, faremos uso das fontes documentais, analisando-as juntamente com as trajetórias individuais de Lobão e Roger Moreira dos anos 2010 até a eleição de Jair Bolsonaro em 2018. Buscaremos extrair, deste objeto, possíveis elementos que elucidem essa “guinada à direita”, refletindo se, de fato, houve essa mudança nos discursos ou se apenas sempre apresentaram essa postura desde o começo de suas carreiras.

### 3.1 Vamos tirar o hype da esquerda!

Em 1999, Lobão rompeu com as grandes gravadoras e começou a produzir seus álbuns de forma “independente”. Ele protagonizou uma luta contra as gravadoras pela numeração dos CDs. Neste mesmo ano, lançou o CD *A vida é doce*, pelo seu selo independente chamado Universo Paralelo. Vendido junto com uma revista, obteve a marca de com 100 mil cópias vendidas. Conforme Martins, “A manobra além de diminuir os impostos sobre o produto, permitindo que o álbum fosse lançado a um preço convidativo, resolveu o problema da distribuição, com a venda através das bancas de jornal” (2016, p.69). O álbum *A vida é doce* representou importante papel para a música independente no Brasil, consolidando “a passagem dos anos de palavrório oco para os de ação política artística e integrada” (Mattos, 2016, p.236), tendo seu discurso contra as grandes gravadoras acolhido entre os setores da esquerda em um período tido como o mais transgressor de sua carreira. Lobão então colocou em prática um projeto gestado desde 2002 e colocado em prática em 2005, no qual ele lançava CDs de artistas novos e alguns até conhecidos, mas fora do *mainstream*, juntamente com uma revista (Mattos, 2016, p.236). A revista chamada *Outra coisa* que vinha com o CD de “brinde”, simbolizou um movimento contra as grandes gravadoras, ao passo que oportunizava artistas independentes como Cachorro Grande, BNegão, Réu e Condenado, Mombojó, dentre outros. Foram 22 edições, cada uma com um CD inédito. A primeira impressão foi vendida por R\$ 11,90 e continha 64 páginas. A ideia era aproveitar que os brindes das revistas ainda não eram tributados e lançar esses CDs como brindes a preços acessíveis. As atividades da revista se encerraram em 2008, justamente devido a uma lei estadual que vetou a venda de CDs como brindes nas revistas (Morais, 2018).

Cabe ressaltar aqui que o projeto da revista recebeu, em 2005, a aprovação do valor de R\$: 2.398.950,00 de fomento pela Lei Rouanet.<sup>56</sup> No entanto, quando questionado sobre o ocorrido em entrevista no programa *Roda Viva*,<sup>57</sup> Lobão afirmou que não aceitou o fomento e que fez uma carta de próprio punho agradecendo, mas que não concordava que um artista “do tamanho” dele, ou seja, famoso, recebesse tal financiamento. Afirmou também que não sabe como foi selecionado, pois não foi ele que participou do edital. Dá o exemplo de um Grammy

---

<sup>56</sup> Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/revista%20outra%20coisa%20lei%20rouanet.pdf>. Consultado em: 10 jan. 2025.

<sup>57</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s25AzhcZprU&t=5s>. Consultado em: 10 jan. 2025.

que ganhou também sem ter se inscrito. Segundo ele, foi uma pessoa que trabalhava com sua esposa que o inscreveu sem ele saber e ele acabou ganhando a premiação.

No ano de 2010, Lobão lançou, junto com o jornalista Cláudio Tognolli, sua autobiografia, intitulada *50 anos a mil*. Palestras e shows de lançamento foram realizados em várias partes do Brasil. Em 2011, Lobão foi convidado a participar de um evento literário no interior de São Paulo chamado Festival da Mantiqueira, com a finalidade de divulgar seu livro. Em dado momento de sua fala, ao discorrer sobre cultura brasileira, referiu-se à MPB, emendando uma série de críticas não só ao estilo musical (que critica desde sempre), mas também a cantores e compositores como Chico Buarque, João Gilberto e Gonzaguinha. A seguir, demonstrando total desinformação, criticou a Comissão Nacional da Verdade, afirmando que ela atuaria sob um critério imparcial e dúbio para julgar os crimes cometidos durante o período do regime militar. Segundo ele, não se aplicavam as mesmas medidas para os anistiados e para os militares: “Aí tem que ter anistia pros caras de esquerda que sequestraram o embaixador, e pros caras que torturavam, arrancavam umas unhazinhas, não [risos]. Essa foi horrível [risos]. Mas é, é bem isso”.<sup>58</sup>

Embora ele já tivesse sinalizado sua insatisfação com as alas à esquerda e principalmente com o PT desde o início dos anos 2000, é esse episódio midiático que marcaria de fato o seu rompimento com a esquerda, pois recebeu muitas críticas à época de tal declaração. Em seu livro, ainda complementa que “aquela comissão, ao ter complacência com essas barbaridades perpetradas pela esquerda, seria simétrico indulgir ‘as unhazinhas arrancadas’ nos calabouços da ditadura” (Lobão, 2020, p.24).

Em seu livro lançado em 2013, *Manifesto do Nada na Terra do Nunca*, ele ainda discorreu sobre essa declaração referente à Comissão Nacional da Verdade, dentre outros assuntos sensíveis. Lobão inicia o livro com uma poesia intitulada “Aquarela do Brasil 2.0”, na qual podemos identificar uma série de críticas que vão desde moralismo, doutrinação universitária por intelectuais que recebem propina, críticas a um governo cheio de reveses, críticas ao povo que apoia este governo insinuando que este não pensa por si só e é alimentado por migalhas. Por outro lado, podemos observar também uma série de intertextualidades, à medida que ele se coloca à parte disso tudo, como se estivesse fora desse contexto e que soubesse toda a verdade, colocando-se como uma pessoa solitária e livre. Faz uma alusão a Thomas Hobbes quando diz que ele mesmo é o lobo do homem. Realiza críticas aos ditos “artistas consagrados” e aos subsídios da Cultura, como a Lei Rouanet. Em dado momento, se

---

<sup>58</sup> Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2011/06/cantor-lobao-exalta-ditadura-militar-e.html>. Consultado em: 04 jun. 2024.

coloca como parte desse todo, com pertencimento dele a este lugar, afirmando em seus versos ser uma *Terra do Nunca*, um país que se recusa crescer, com uma “geração de frouxos com síndrome de dignidade intelectual”, e comemora o fato dele se posto à margem, ser invisibilizado pela sociedade, pela grande imprensa, se colocando como o *Nada*, como quem vai denunciar e colocar um fim nessa “lambança de favorecimentos e apadrinhamentos” (Lobão, 2013). Essa própria ideia de se colocar como o *Nada*, como se não fizesse parte dessa totalidade, perpassa uma dessas referências da chamada nova direita, que é essa noção do *outsider* e do não pertencimento a nenhum grupo ou comunidade. É uma característica de políticos da direita. Donald Trump, Javier Milei e Jair Bolsonaro são claros exemplos de políticos adeptos desse discurso, de não pertencerem a política e apresentarem-se como alternativa. Sobre Bolsonaro, Demian Melo pontua que “no sistema político brasileiro, ele foi sempre um *outsider*, alguém de fora dos grandes esquemas do processo político do regime da República de 1988, e por isso, foi capaz de se colocar como alguém ‘contra tudo isso que ta aí’” (Melo, 2023, p.178).

No primeiro capítulo do livro, Lobão começa tecendo uma série de questionamentos a essa romantização da pobreza que, segundo ele, é uma tendência do brasileiro. Além disso, revisita o manuscrito de Oswald de Andrade, chamado *O antropófago*, no qual Lobão dá um enfoque especial à teoria do “déficit essencial do homem”, apresentada por Andrade e que envolve a ideia de um homem superior e um homem inferior. Lobão utiliza essa noção para justificar a herança que essa filosofia acabara deixando em nosso imaginário coletivo. Junto a isso, tece críticas ao intelectual de esquerda que ele define como um “carola estatizado” (Lobão, 2013 p.23), que cultivava uma certa “psicodelia de superioridade”(Lobão, 2013 p.24) em relação aos “meros mortais”.

Cabe aqui, também, retomar a questão da MPB, que sempre foi um ponto de crítica bem demarcado para o músico. Segundo ele, a sigla MPB foi criada na ocasião dos festivais com o intuito de caracterizar a produção musical e pensamentos de esquerda na década de 1960 e serviria para separar os considerados grandes gênios da música no Brasil das demais produções musicais (Lobão, 2013, p.25). Podemos observar com essa e outras informações que Lobão, desde sempre, teceu críticas ao estilo musical e aos seus nomes importantes e que Cláudio Tognolli, jornalista e coautor de sua biografia denominou, de forma bastante xenofóbica, de “máfia do dendê”, em referência à Caetano Veloso, Chico Buarque e Gilberto Gil. Atrélava a esses nomes o que ele chamou de “intelectual de esquerda”, que buscava uma autenticidade do que era verdadeiramente brasileiro, em uma popularidade que, segundo ele, só existia “dentro da cabeça do intelectual, pois de popular mesmo essa alucinação coletiva não tem nada” (Lobão,

2013, p.28). Para Lobão, a música que era considerada de fato “popular”, era a que ficou conhecida como “música brega”: Odair José, Waldick Soriano, Jane & Herondy, que “realmente tocava nas rádios e vendia feito banana na feira” (Lobão, 2013, p.29). Uma informação que contém inverdades, pois segundo Napolitano,

Quanto ao estrato sociológico padrão dessa audiência, é de supor que a memória social esteja correta ao consagrar o “jovem-classe-média-de esquerda” como “o” ouvinte padrão de MPB. Mas essa fantasmagoria sociológica não deve ser hiperdimensionada, nem positiva, nem negativamente. As cifras de vendagem de discos registradas pelo Ibope, os índices de audiência de programas musicais de rádios e, a importância que nomes como Chico Buarque e Elis Regina adquiriram na esfera pública brasileira não permitem dizer que a MPB era um produto para poucos universitários (na época, cerca de 1% da população), como muitas vezes se afirma (Napolitano, 2010, p.399).

Lobão atribuía a esta ideia o fato de que neste rol não teria espaço para o novo, para novos nomes da música, principalmente em relação à introdução de novas tecnologias como a guitarra elétrica na década de 1960, que era vista como uma rendição imperialista ao *rock* e aos Estados Unidos. Por um tempo, em referência a sua juventude nos anos 1980, afirmou que até tentou se encaixar nesse padrão que, segundo ele, “era muito chique vangloriar-se por ser maoísta, dizer-se um apaixonado pela Revolução Cultural chinesa (...) ser fã do Che e do Fidel” (Lobão, 2013, p.38), mas que se sente envergonhado de ter tentado se adequar desta forma.

Neste mesmo ano de 2013, Rodrigo Constantino, economista e ideólogo da extrema-direita, publicou um artigo em *O Globo*, discorrendo sobre este livro de Lobão, lançando inclusive uma *tag* que ficou bastante conhecida na época: “*Mais Lobão e menos Chico Buarque*”.<sup>59</sup>

O terceiro capítulo do livro, intitulado “*Vamos assassinar a presidenta da República?*”, cujo início Lobão já começa se justificando que seria incapaz de fazer mal a uma mosca e que o título é na verdade uma “convocação didático-hipotética” nos mesmos moldes que ele julga o governo se utilizar para tratar algumas questões ético-políticas. Aqui, na verdade, ele pontua como “imensa picaretagem da medida de fachada nobre” a defesa dos direitos humanos através da Comissão Nacional da Verdade. Elencando alguns artigos presentes na Declaração Universal dos Direitos Humanos para fundamentar sua argumentação, questiona aqui, mais uma vez a parcialidade com a qual a CNV, segundo ele, supostamente agiria. Julga contraditório a ex-presidenta Dilma Rousseff ter lutado contra uma ditadura e apoiar a ditadura de Cuba:

---

<sup>59</sup> Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniao/mais-lobao-menos-chico-buarque-8375227>>. Consultado em: 25 maio 2024.

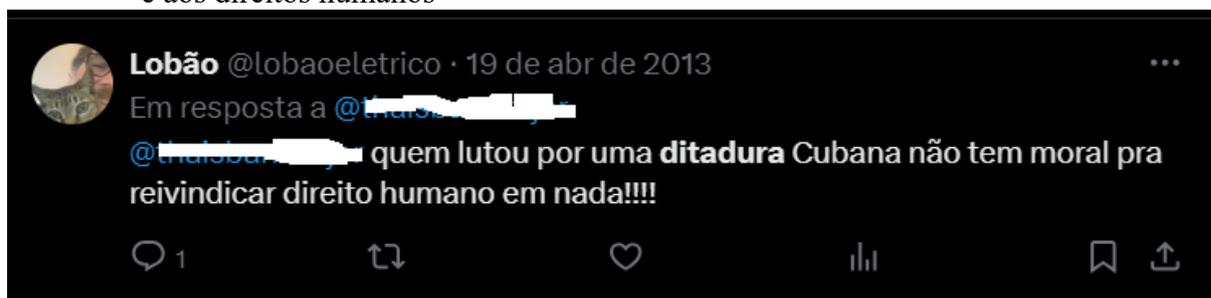
E esses facínoras vêm com esse papo de libertários? Que entraram na luta armada, em nome da tal causa libertária(?!), na luta pela implementação do socialismo no Brasil, para nos livrar das garras da ditadura militar em troca de uma redentora ditadura do proletariado? Ditadura que a presidenta e sua corriola teimam por fazer crer ser “do bem”, assim como de Cuba e da China, das quais são fãs de carteirinha, asseclas e parceiros. Sem esclarecer ao povo brasileiro ter sido justamente essa sanha por implementar uma ditadura do proletariado no Brasil através da luta armada a principal causa de vivermos numa ditadura militar por mais de duas décadas” (Lobão, 2013, p. 77)

Afirma também que, se ele quisesse, poderia exigir reparação do governo por meio da própria CNV porque considera que teve seus direitos violados pelo Estado através de forças policiais em virtude da arbitrariedade e inconstitucionalidade de sua prisão e o pelo fato de o tempo de sua pena estar inserido no intervalo de tempo delimitado pela Comissão. Entretanto, não o faria porque não tem esse perfil de colocar-se como vítima como aqueles que desejam obter vantagens do dinheiro público do Estado, declarando-se como “supostas vítimas da ditadura”:

Foi um período de quatro anos consecutivos de constrangimentos, humilhações e ameaças, baseados nos mais absurdos abusos de poder, que estão no escopo de tempo devido (1946 a 1988) previsto nos estatutos e que poderiam ser trazidos à tona pelos mesmíssimos critérios em que a Comissão da Verdade se respalda. (Lobão, 2013, p. 83).

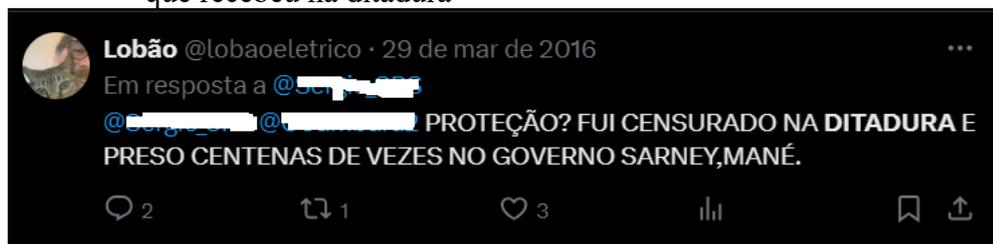
Ou seja, ele questiona o fato de a CNV investigar os crimes de tortura, abuso de autoridade e execução cometidas apenas pelo regime militar, quando deveria investigar também esses mesmos crimes cometidos por eles mesmos justificados com uma “luta armada da esquerda”. O músico refere-se ao golpe de 1964 como “Revolução de 64” e fundamenta-se em teorias revisionistas de que a ditadura militar foi necessária a fim de evitar que o Brasil se transformasse em Cuba, conforme podemos observar na Figura 2 e 3 que seguem:

Figura 6 - Resposta de Lobão a uma seguidora referente ao que ele chama de “ditadura cubana” e aos direitos humanos



Acesso em: 04 jun. 2024.

Figura 7 - Resposta a um seguidor que diz que ele deveria ser grato pela proteção que recebeu na ditadura



Acesso em: 04 jun. 2024.

Em relação a esta postagem, cabe ressaltar que o músico foi detido por porte de drogas e condenado sem direito a *sursis* porque, quando do proferimento de sua sentença, reagiu de forma sarcástica. Conforme citado anteriormente, cumpriu a pena em regime fechado efetivamente por três meses, depois de *habeas corpus* e troca de unidade prisional para a Ponto Zero, na qual dividiu a cela com quatro detentos, com direito a salão de jogos, sinuca e futebol.

É possível observarmos essa postura mais revisionista em Lobão em vários trechos de suas publicações, canções e também nos seus posicionamentos, como os comentários sobre a CNV citados acima.

Segundo Demian Bezerra de Melo (2013), o termo *revisionismo* vem sendo utilizado em uma multiplicidade de contextos e debates históricos, sobretudo no pós Segunda Guerra Mundial. No entanto, nos ateremos aqui às discussões que ele pontua como mais recentes sobre tal conceito em relação à ditadura no Brasil e ao golpe de 1964. É importante ressaltar que vários debates têm sido feitos neste sentido, dos quais ele destaca as proposições revisionistas de François Furet acerca da Revolução Francesa, de Ernst Nolte e Renzo De Felice sobre o nazifascismo e também as proposições sobre a Revolução Portuguesa de 1974-75, o salazarismo e o franquismo, que mesmo com suas especificidades, possuem vários pontos convergentes, como por exemplo, o *antimarxismo* (Melo, 2013, p.51).

Demian Melo observa, quando das lembranças dos 40 anos do golpe, em 2004, um silenciamento no que tange a abordagens sobre trabalhadores e sindicatos nos temas dos debates. Mas isso não foi uma coincidência, pois João Goulart, derrubado pelo golpe, recebeu da direita udenista a pecha de “fomentador das lutas de classe” (Melo, 2014, p.157) e tinha ligações com as organizações sindicais brasileiras. Mas mais do que isso, interpretações foram criadas relativizando o peso e as responsabilidades históricas do golpe e da ditadura, como se a esquerda fosse “responsável” pelo golpe militar que teria sido apenas uma reação à radicalização da esquerda. Ou seja, a justificativa das direitas pautada num “suposto golpe do

próprio Goulart, arquitetado com o apoio dos comunistas e da própria URSS” (Melo, 2013, p.61).

A ausência dessa temática dos trabalhadores seria mais um vértice das teorias apresentadas à época, pretensamente “novas” que além de um esvaziamento no conceito, também continha forte cariz conservador. Interpretações equivocadas como “existiam dois golpes em curso”, “se a direita não desse o golpe, a esquerda daria”, não eram novas, mas foram constantemente ventiladas pela imprensa brasileira, sobretudo a partir de 2004. Aliado a isso, muitos desses conteúdos foram legitimados por historiadores e acadêmicos, explicando o golpe por meio de acusações de uma esquerda *golpista* e *autoritária* (Melo, 2013, p.68).

Embora uma primeira crítica a essa teoria tenha sido tecida por Maria Vitória Benevides quando do lançamento do livro de René Dreifuss em 1981, foi com a obra da cientista política Argelina Figueiredo que ganharam difusão as teorias baseadas na hipótese de que “nem a esquerda nem a direita possuíam apego ao regime democrático” (Melo, 2014, p.161), que fomentou a leitura revisionista tão comumente aplicada nos meios acadêmicos em 2004. O contexto de crise do pensamento de esquerda nos anos 1990 aliado à hegemonia do neoliberalismo abriram caminho para que a pesquisa intitulada *Democracias ou Reformas?* trilhasse uma série de reflexões relativistas em relação ao golpe e que fossem aceitas em ambientes acadêmicos. As proposições da obra estariam pautadas nas pesquisas do historiador Jorge Ferreira, que postulam a direita sempre como “reagindo” as “radicalizações” da esquerda. O historiador Daniel Aarão Reis também segue neste mesmo viés no que tange à análise de uma direita reativa às radicalizações da esquerda (Melo, 2014, p.165).

A proposição de que haveria dois golpes já aparece nos escritos do jornalista Elio Gaspari nos anos 2000. Igualmente compartilhando essa perspectiva, podemos destacar o historiador Marco Antonio Villa. Em seu livro lançado em 2004 chamado *Jango, um perfil*, Villa tenta desconstruir a imagem heroica “criada” de João Goulart como “um presidente jovem e valente que foi deposto quando quis fazer as reformas de base” (Villa, 2004 apud Melo, 2014, p.167). Imagem esta, segundo Villa, reforçada pela própria ditadura devido a seu conservadorismo, censura e repressão. A seguir, ele propõe uma suposta possibilidade de um golpe de Estado por parte de Jango enquanto ele ainda detinha o controle de boa parte das Forças Armadas. No entanto, o golpe ocorreu contra Jango e contra a democracia (Melo, 2014, p.167). Posteriormente, em 2009, Villa faz uma publicação no jornal *Folha de São Paulo* na qual ele alega que, com toda a manifestação política e cultural ocorrida nesse ínterim, não seria possível chamar de ditadura o período compreendido até o AI-5. Tampouco poderia assim chamar o período compreendido entre 1979 e 1985 de ditadura, principalmente devido às

eleições estaduais de 1982 e a aprovação da lei da Anistia. Coadunando com esse discurso, a chamada grande imprensa acolhe com afincos essa corrente revisionista, principalmente por contar com esse “respaldo” de renomados acadêmicos e historiadores, por mais que não haja comprovação histórica e documental da maioria das fontes as quais eles norteiam suas análises. O neologismo “ditabranda” foi usado pela *Folha* nesta mesma edição, no editorial famoso chamado *Limites a Chávez*, com intuito não somente de tentar “suavizar” ou desqualificar o nefasto período que o Brasil atravessa de 1964 a 1985, mas também imputar a imagem de “golpistas” e “ditadores” a governos latino-americanos que foram eleitos democraticamente, como fizeram com João Goulart nos anos que antecederam ao golpe de 64 (Melo, 2014, p.181).

Outro ponto que podemos destacar nesta corrente revisionista é aonde a sociedade é posicionada no contexto do golpe de 1964. Muitas pesquisas da historiografia revisionista se propõem a investigar o “apoio” da sociedade brasileira ao autoritarismo e cúmplice da ditadura. Isso denota uma visão fetichista da sociedade como se esta fosse a personificação da soma dos indivíduos que a compõem, numa perspectiva liberal diametralmente oposta à sociedade gramsciana. Muitas vezes neste sentido sendo utilizada a concepção “civil-militar” para exemplificar essa “adesão” da sociedade ao golpe, distanciando-se do sentido de *recorte de classe* dado por René Dreifuss em sua robusta obra sobre o golpe de 64 (Melo, 2013, p.68).

Embora se defina como uma “anta política”, por não ser afeito a assuntos de tal temática, Lobão afirma que sempre buscou ler muito sobre diversos assuntos e que antes de começar a escrever o seu *Manifesto*, relata que fez exaustivas pesquisas e leituras variadas que pudessem justificar sua real insatisfação com o PT e também buscou acessar conteúdos que estivessem fora do escopo das “narrativas” da história oficial. Inicialmente, começou com pesquisas de temas como Guerra Fria, comunismo, Revolução Cubana e logo após passa a consumir livros com um viés mais liberal e conservador. Em 2011, Lobão foi convidado para participar da abertura do Fórum da Liberdade, em Porto Alegre,<sup>60</sup> junto com Eduardo “Peninha” Bueno.<sup>61</sup> Daí começa a ter acesso a autores como Ludwig von Mises, Friedrich Hayek e Gilbert Keith Chesterton, a qual ele afirma estar muito confortável no contato com esse ideário, sendo ele uma “criatura pretérita, amante das línguas mortas e missa em latim”(Lobão, 2020 p.39).

---

<sup>60</sup> Disponível em: <https://institutomillennium.org.br/lobao-forum-da-liberdade-um-povo-tem-autonomia-intelectual-consegue-lutar-por-suas-opinies/>. Acesso em: 27 jul. 2024.

<sup>61</sup> Disponível em: [https://www.terra.com.br/noticias/brasil/em-forum-lobao-diz-que-brasileiro-e-ensinado-a-ser-canalha,b3385295fb6ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html#google\\_vignette](https://www.terra.com.br/noticias/brasil/em-forum-lobao-diz-que-brasileiro-e-ensinado-a-ser-canalha,b3385295fb6ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html#google_vignette). Acesso em: 27/07/2024.

Além disso, vale ressaltar a proximidade de relação que Lobão teve com José Vargas Jimenez, o Chico Dólar,<sup>62</sup> com quem se correspondeu durante um ano, recebendo inclusive um de seus livros pelos correios (Lobão, 2020, p.39). Foi durante essas buscas sobre “hegemonia cultural da esquerda” que o músico tem seu primeiro contato com Olavo de Carvalho, através de seu programa em um canal do Youtube chamado *True OutSpeak*.<sup>63</sup> Cabe ressaltar aqui que este programa é transmitido ininterruptamente desde 15 de novembro de 2023<sup>64</sup> no canal homônimo na plataforma Youtube. A gravação que é transmitida “ao vivo” 24 horas por dia, com as palestras e gravações de Olavo e conta com alguns ouvintes diários (sempre que foi acessado em detrimento desta pesquisa, contava com uma quantidade de ouvintes online naquele momento).

Olavo de Carvalho, conforme já citado, configurou importante nome para a capilarização dos discursos da nova direita e da propaganda bolsonarista. Olavo sempre foi figura presente e bastante aguardada nos Fóruns da Liberdade, desde os anos 2000. Entretanto, já encontrava espaço para difusão de suas ideias desde os anos 1990, traduzindo e disseminando conteúdo de extremistas estadunidenses, seja em meio à categoria dos militares ou em jornais de grande circulação como *O Globo* e *Jornal do Brasil*, dois quais foi colunista. Mas é com o lançamento de seu livro *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota* e com seus “cursos” de filosofia que ele finalmente atinge as massas. Nas manifestações de 2015 era possível ver os manifestantes portando cartazes, cabendo destaque para um deles cuja foto ficou bastante conhecida: Felipe Moura Brasil, que, além de ser figura importante nos meios midiáticos como *CNN Brasil* e portal *UOL*, também foi responsável pela organização do livro de Olavo, lançado pela editora *Record*. Propagava a ideia de que um plano político estaria em curso desde a redemocratização e estaria embasado numa suposta “revolução cultural gramscista”, ou “marxismo cultural”, usando termos cunhados por publicistas da extrema-direita estadunidense (Melo, 2023, p.180). Demian Melo (2023), em explicação bem elucidativa nos aponta o que consiste na difusão desse “projeto” segundo os extremistas de direita, que

---

<sup>62</sup> Chico Dólar foi um militar conhecido por chefiar a Operação Marajoara durante a Guerrilha do Araguaia, na década de 1970. Responsável confesso pela morte de muitos militantes do Partido Comunista do Brasil, nunca foi julgado por seus crimes; ao contrário, foi condecorado com uma menção de pacificador e recebeu a medalha Palma de Ouro.

<sup>63</sup> Programa apresentado por Olavo de Carvalho entre os anos de 2006 e 2013. Inicialmente era em formato de áudios com cerca de 1h de duração e em 2010 passou a ser exibido no canal do Youtube com imagens também.

<sup>64</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=i7\\_iBrJ4gIY](https://www.youtube.com/watch?v=i7_iBrJ4gIY). Canal TrueOutSpeak. Consultado em: 10 nov. 2024.

atribuem a autores como Antonio Gramsci, Georgy Lukács, Herbert Marcuse, Theodor Adorno, assim como aos demais membros da chamada Escola de Frankfurt, a elaboração de uma estratégia de implantação do socialismo a partir da “destruição da família tradicional”. Dizem que a “família tradicional cristã” teria sido identificada como uma suposta “barreira ao marxismo”, o que é bastante curioso, dado o fato notório de que esta era a estrutura familiar na Rússia czarista quando da eclosão da revolução soviética em 1917 (Melo, 2023, p. 182).

Além de trazer para o tecido social brasileiro estas teorias conspiratórias, tornando-as mais palatáveis ao ponto de atingir várias camadas da sociedade brasileira, sobretudo aquelas mais afastadas dos ambientes universitários, reelaborava esta visão e incorpora outras teorias como a *ideologia de gênero* e a *Escola Sem Partido*. Esse último movimento não era novo e foi criado em 2004 por Miguel Nagib, advogado que durante bastante tempo difundiu essa teoria da suposta doutrinação marxista, mas que ganhou vulto quando colou a “agenda gay” na pauta. Os setores conservadores católicos e evangélicos aderiram a essas ideias, encorpando as bases de massas para o Escola Sem Partido, que posteriormente virou projetos de lei por todo o país, sendo o primeiro deles proposto por Flávio Bolsonaro. Deste modo, podemos observar nas manifestações direitistas a partir de 2015, a presença de cartazes versando sobre a “Escola Sem Partido”, “Olavo tinha razão” e “Menos Marx, Mais Mises”, o que não ocorreu nas manifestações de 2013 (Melo, 2023, p. 182-183).

Lobão logo se identificou com o conteúdo de Olavo e começou a consumir seus vídeos e livros. Segundo o músico,

Demorei algum tempo para digerir aquela linguagem, tão estranha a tudo que já havia observado na internet, mas aquele senhor resoluto, desbocado, carismático, apaixonado, histriônico e detentor de informações formidáveis, inéditas para meus ouvidos, acabou por me cativar, gerando ainda mais curiosidade em torno de sua fala e sua obra. (Lobão, 2020, p. 55).

Em 2013, surgiu a ideia de produzir um *hangout*,<sup>65</sup> chamado *Lobão Entrevista*, no qual ele entrevistaria alguns convidados. O referido programa contava com entrevistas conduzidas pelo próprio Lobão, cujo teor compreendia a

presença hegemônica da esquerda no pensamento e na cultura brasileiros, tráfico de órgãos de bebês, desarmamento, literatura, música, Lei Rouanet, assassinato de reputações, mídia, estruturas de poder desse socialismo do século XXI (Lobão, 2020, p.88).

O primeiro convidado para o *hangout* foi justamente Olavo de Carvalho, que participou de quase 90% dos programas, inclusive. Contou também com a participação de Rodrigo

---

<sup>65</sup> Plataforma do Google na qual é possível fazer chamadas, reuniões de vídeo e lives.

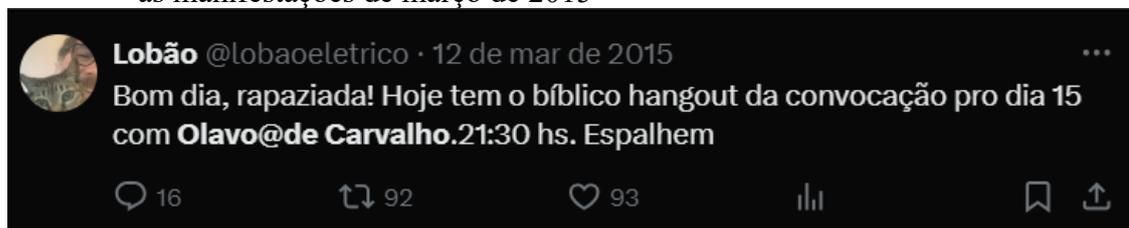
Constantino, Bia Kicis, Roger Moreira, Danilo Gentili, Marco Antonio Villa, Joice Hasselmann e integrantes do Movimento Brasil Livre (MBL), dos movimentos Vem Pra Rua, do Revoltados Online, dentre outros.

Figura 8 - Postagem em sua página do Instagram em 10/10/2013 divulgando o primeiro hangout do Lobão Entrevista com a participação de Olavo de Carvalho



Acesso em: 25 maio. 2024

Figura 9 - Convocação para assistir ao hangout com Olavo de Carvalho e também para as manifestações de março de 2015



Acesso em: 04 jun. 2024

Ainda em *O Manifesto do Nada*, Lobão justificou o seu apoio ao PT pela polarização que se encontrava a sociedade brasileira à época, embora afirme que o partido nunca o cativara de verdade, pois não suportava aquela “aura chicobuárquica” (Lobão, 2013, p.183). A iminência de uma mudança no governo o impeliu a não só apoiar, mas participar de comícios e campanhas, principalmente a campanha de 2002. Tornou-se membro honorário do MST, afirmando que “adorava passear pela orla de Ipanema com a camisa do MST”. A ruptura, portanto, veio em 2004, devido à “indignação com a abundância de trambiques monumentais por parte de sectários firmemente engajados em restaurar o comunismo em toda a América do Sul”(Lobão, 2013, p. 188-189).

Ainda no ano de 2013, Lobão foi convidado a escrever uma coluna semanal para a *Veja*, e declarou:

Naquele momento, a *Veja* era o epítome da voz da oposição ao PT e tida pela esquerda como semanário repulsivo e ninho de reacionários incorrigíveis. E pensando com meus botões, divaguei: “Nada mais underground e provocador que escrever na *Veja*! Simbora nessa! (Lobão, 2020, p.80).

Aqui percebemos no teor de sua fala uma intenção de provocar, de transgredir, de ir na contramão da maioria:

Foi um dos momentos de insurreição mais abstratos de nossa história, mas também foi a primeira grande brecha para a eclosão de um segmento há muito adormecido na sociedade brasileira: a direita autoritária, os reacionários, os intervencionistas militares e toda uma gama de extravagantes insatisfeitos com o tal do lulopetismo, que, desde o fim do período militar, foi banida para o interior de seus respectivos armários e de lá não mais houvera a mínima possibilidade moral de pensar em sair (Lobão, 2020, p. 85).

### 3.2 Entre o rigor e a misericórdia

Em 2016, após escrever o livro “Em busca do Rigor e da Misericórdia”, Lobão produziu um álbum homônimo no sistema *crowdfunding*, que consistia em um financiamento coletivo baseado em doações. O álbum contém 14 faixas compostas, tocadas, cantadas, gravadas e mixadas todas por ele próprio no estúdio de sua casa.

A partir daí, podemos destacar muitos elementos. Foi um álbum composto e gravado quando o músico já estava morando em São Paulo, no qual ele tocou todos os instrumentos. Ele afirma ter feito muitas leituras para a composição do disco, desde poetas como T. S. Elliot até “filósofos” como Olavo de Carvalho, cujo título do álbum foi pensado a partir de um ensaio escrito por Olavo. Já em sua capa, bem como no clipe oficial da canção-título, observamos certa solitude, como imagens de anjos em cimento, geralmente daqueles expostos em lápides de cemitérios. A fotografia do clipe também trouxe essa ideia de algo antigo que vai se revelando, pois dispõe de um efeito similar aos negativos de fotografia, que hora ficam amarelados como efeito sépia e hora ficam avermelhados, como fogo. Mas, ao final, as imagens vão ganhando mais nitidez, até finalizar com o anjo de cimento que compõe a capa do álbum, como se as coisas fossem ficando mais claras. O álbum inteiro tem como característica uma sonoridade bem robusta, com guitarras bem marcadas e presença marcante de um teclado com timbre de piano, conferindo um tom mais dramático nas músicas. Algumas músicas foram produzidas com viola caipira. Ele pontua em um *hangout* de seu programa *Lobão Entrevista* sobre a forma

que o disco foi produzido, com bastantes partes acústicas devido à falta de energia que ele atribui ao Apagão que ocorreu em vários estados do Brasil em 2015.

Figura 10 - Capa do disco “O Rigor e a Misericórdia” 2016



Acesso em: 06 jun. 2024.

O álbum possui várias composições que manifestavam seu posicionamento e insatisfação com a situação política na qual o país se encontrava. Aqui, gostaríamos de ressaltar a canção “A marcha dos Infames”, que como o próprio título já traduz, é uma marcha, como todos os elementos que compõem esse estilo musical, como se fosse um recrutamento, um chamamento. A inspiração da canção veio do fato de o músico ter seu nome incluído numa lista elaborada pelo PT e disposta no site oficial do partido, contendo os nomes de alguns jornalistas, influenciadores e personagens famosos por flertarem com o discurso das direitas. A passagem com o nome de Lobão é a seguinte:

Personificados em Reinaldo Azevedo, Arnaldo Jabor, Demétrio Magnoli, Guilherme Fiúza, Augusto Nunes, Diogo Mainardi, Lobão, Gentili, Marcelo Madureira entre outros menos votados, suas pregações nas páginas dos veículos conservadores estimulam setores reacionários e exclusivistas da sociedade brasileira a maldizer os pobres e sua presença cada vez maior nos aeroportos, nos shoppings e nos restaurantes.<sup>66</sup>

Destacamos, aqui, alguns trechos da canção. Ao afirmar que, “Tanto martírio em vão/ estupro da nação/ até quando este sonho ruim/ este pesadelo sem fim?”, Lobão refere-se à continuidade de governo do PT na reeleição de Dilma Rousseff, um “estupro à nação”, depois de dizer “tanto martírio em vão”, provavelmente referindo-se às mobilizações de junho de 2013,

<sup>66</sup> Disponível em: <https://pt.org.br/alberto-cantalice-a-desmoralizacao-dos-pitbulls-da-grande-midia>. Consultado em: 22 maio 2024.

que antecederam as eleições. E completa se questionando se esse pesadelo não terá fim, quando diz: “(...) e um céu sem esperança / a infâmia cobriu/ com o manto da ignorância / O desastre que nos pariu (...)”. Assim, está afirmando que um manto de ignorância cobriu esta pátria, que ele coloca como desastre. Em um tom elitista, o manto de ignorância ele está se referindo é o povo, à grande massa da população que reelegeram Dilma. No trecho “e o sangue dos ladrões/ de outros carnavais/ na veia de vilões / tratados como heróis”. Mais uma vez refere-se ao fato de o PT permanecer no poder, com o sangue dos ladrões já conhecidos e tratados como heróis. Ele já menciona essa ideia do político corrupto como herói, referindo-se a José Sarney, na sua música *Um bobo pra Cristo* em 1989.

Outra canção do álbum que podemos pontuar é “A posse dos impostores”, na qual ele manifesta o seu descontentamento e pesar com o resultado das eleições de 2014. Nela, afirma: “Não há sombra de fúria no Planalto Central/ só a fraqueza mortal do rebanho no redil/ é a Odisseia do Insulto, a vitória ideal/ do fracasso, do débil, do inútil servil” e o último verso ele diz “Estamos fartos de um país frouxo, injusto e ineficaz”.

Aqui, podemos identificar uma continuidade em sua fala no que tange às críticas à esquerda e aos governos do PT. Lobão afirma ter sido um dos primeiros artistas a tecer essas críticas à esquerda, que se intensificam com os episódios do *mensalão* em 2005, aliado às decepções de ter apoiado o PT por 11 anos (Lobão, 2020, p.12). O “rito de passagem”, no entanto, teria sido em 2004, quando da guerra do Iraque e em relação aos bombardeios executados por aviões norte-americanos a aliados. Ali, Lobão ouviu falar pela primeira vez a expressão “fogo amigo” e decidiu ir à festa de aniversário de José Genoíno, vestindo uma camisa feita a mão com os dizeres: “100% friendlyfire”. Segundo o músico,

Me dirigi ao Genoíno com aquele friozinho na barriga que todo terrorista que se preze deve sentir antes de cometer seu atentado. Ao me aproximar numa distância de um potencial abraço, e um tanto ansioso, proferi, traduzindo sem transição os dizeres que gritavam nervosos no peito estufado, para definir melhor o 100% *friendlyfire* prateado escrito à mão: “Fogo amigo! Fogo Amigo!” Ele reagiu à mensagem me enviando um sorriso forjado por décadas de tarimba, no mais espesso e enigmático silêncio. (Lobão, 2020, p.14).

Em 2017, Lobão lançou seu *Guia Politicamente Incorreto dos Anos 80* no qual inicia fazendo um retorno ao ano de 1976, referindo-se ao governo Geisel seguindo a cartilha revisionista de tentar amortizar o autoritarismo e a truculência da ditadura, pois segundo ele o referido governo se dava “sob discreta opressão” em um “regime militar um tanto amornado” (Lobão, 2017, p.17). Depois, critica Chico Buarque afirmando que enquanto houvesse ditadura ele não ficaria sem assunto, tentando insinuar uma limitação nos temas de suas composições.

As críticas em relação a Chico Buarque são em demasia neste livro. Aponta também os Doces Bárbaros (formado por Caetano Veloso, Gilberto Gil, Maria Bethânia e Gal Costa) como uma “empreitada de gosto duvidoso”, como um “coronelato baiano” e como “capôs do dendê” (Lobão, 2017, p.17). Posteriormente em sua biografia escrita junto do jornalista Claudio Tognoli, Lobão refere-se aos músicos representantes do tropicalismo como *máfia do dendê*, em uma fala claramente estereotipada e preconceituosa. Classifica o álbum *Realce* de Gilberto Gil, lançado em 1979 como “um trailer de horrores que haveriam de ocorrer nos anos 80 e suas tenebrosas produções musicais” (Lobão, 2017, p.74). O álbum *Realce* é o último álbum de uma trilogia lançada por Gil de 1972 a 1979 e composta pelos álbuns *Refavela* e *Refazenda*. Produzidos em plena ditadura militar, representou importante papel na MPB por tratarem de temas sociais como a modernização, o papel do negro nos anos 1970 e também sobre a abertura política, dentre outras questões. Cabe ressaltar que Gilberto Gil recebeu o título de *doutor honoris causa*.

Também aponta Milton Nascimento com a *Canção da América* como “deprimida, conduzindo sua carreira para um verdadeiro porre de cachaça e se fossilizando como um embaixador dos anseios latino-americanos” (Lobão, 2017, p.86). Milton Nascimento que é considerado uma das maiores vozes mundiais de todos os tempos, assim como Gil, conta com muitas premiações, dentre elas cinco estatuetas do Grammy e quatro títulos de *doutor honoris causa*, sendo três de universidades federais e estaduais brasileiras e uma de uma importante universidade de música estadunidense, a *Berklee College of Music*. O mais recente se deu em dezembro de 2024, pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, a UFVJM.<sup>67</sup>

Como em todas as suas demais produções literárias, Lobão sempre fez críticas ácidas a tecer. Mas algumas são recorrentes e bem pontuais em seus livros, como às dirigidas ao que cânones da MPB, aos “intelectuais de uma esquerda festiva”, como ele chama, ao Cinema Nacional sobretudo na representação do Cinema Novo. Acusava a antiga Embrafilme (Empresa Brasileira de Filmes S.A)<sup>68</sup> de “mamata parasita dos anos 60 aos 80, semelhante às mamatas parasitas da Lei Rouanet dos anos atuais”. E entre o que pontua com “porno-chanchadas de boutique” ele diz que há uma safra “chique” nos momentos “papo cabeça” das produções

<sup>67</sup> Disponível em: <https://portal.ufvjm.edu.br/noticias/2024/ufvjm-concede-titulo-de-doutor-honoris-causa-a-milton-nascimento>. Consultado em: 12 dez. 2024.

<sup>68</sup> A Embrafilme foi uma empresa de produções cinematográficas de economia mista, na qual o Estado tinha participação majoritária. Fundada em 1969, mudou o panorama do audiovisual no Brasil e marcou a história da cinematografia brasileira, sobretudo durante toda a década de 1970 e início dos anos 1980, em pleno período da ditadura militar. Em: [pantheon.ufjf.br/bitstream/11422/2508/01/PPCoelho.pdf](http://pantheon.ufjf.br/bitstream/11422/2508/01/PPCoelho.pdf) Consultado em: 15 dez. 2024.

cinematográficas. Ele aponta os filmes *Eles não usam Black tie* e *O homem que virou suco* como pertencentes à “safra de viés esquerdóide, com clichês insuportáveis” (Lobão, 2017, p.102-103). Vale ressaltar que tais filmes representaram um marco no cinema nacional, como premiações inclusive fora do Brasil, abordando temáticas sensíveis como a migração nordestina e também o tema da luta de classes.

Segundo ele era necessário voltar nos anos 1976, quando o “jovem compositor iniciante almejava galgar os degraus da glória nos palcos dos festivais da canção, onde poderia exibir assim sua verve inconformada por não seguirmos os passos da revolução cubana” (Lobão, 2017, p.17). Lobão vai elencando as bandas, álbuns e canções do rock de cada ano e a importância que teve cada um deles para a referida época. Cabe ressaltar que ele introduz cada capítulo, por assim dizer, com uma breve e pretensa “contextualização” daquele ano, fazendo um resumo de fatos que ele julgou importantes que possivelmente a intenção era possibilitar ao leitor uma melhor compreensão do contexto em que tais bandas e canções surgiram. Os assuntos abrangem desde a posse do Papa João Paulo II até erupções vulcânicas, passando por guerras, atentados terroristas e morte de personalidades do Brasil e do mundo. No entanto, ele não menciona no livro nenhuma fonte, nenhum embasamento, não há referências bibliográficas, o que nos faz concluir que ele escolhe os eventos e escreve sobre os mesmos segundo suas próprias impressões.

Traçando uma breve periodização de suas produções literárias iniciando por 2010, quando lançou sua autobiografia, podemos observar uma pretensa politização no seu discurso a partir de determinado período de sua produção literária. Lobão sempre teve essa criticidade ácida, seja nas suas composições musicais, seja em entrevistas. No entanto, podemos observar essa postura mais demarcada em seus livros a partir de 2013 quando lançou o *Manifesto do Nada*, que já foi pensado e gestado com essa proposta. Em 2016, lançou *O Rigor e a Misericórdia* também com esse teor político contra a esquerda, contra a MPB e embasado por escritos de Olavo de Carvalho. Quando ele lança o *Guia Politicamente Incorreto*, Lobão segue nesse viés “politizado” até porque ele encontra público para consumir este conteúdo. Seus livros fizeram bastante sucesso com aquela parcela insurgente de massas que estava emergindo com as manifestações direitistas.

Nas últimas páginas do livro, Lobão finaliza com o episódio do *Rock in Rio* em 1991, no qual ele se apresentou, junto com uma parte da bateria da escola de samba Mangueira, após apresentação da banda *Sepultura*. O local no qual ele havia passado o som 24h tinha sido reduzido em virtude da contratação de última hora da banda *Judas Priest*, que iria executar uma performance com moto e a produção precisou ocupar todo o espaço do palco, deixando apenas

uma parte bem próxima do público. Lobão ficou bastante indignado e sentiu-se desrespeitado enquanto artista brasileiro em um festival de música no Brasil. Aliado a isso, o público que acabara de assistir a uma apresentação do Sepultura não reagiu bem à apresentação de Lobão junto da bateria da Mangueira, manifestando-se antes mesmo de Lobão entrar no palco com gritos de “Fora Lobão! Não queremos samba! Fora seu sambista de merda, tá querendo manchar o rock!”. Conseguiu tocar apenas uma música e foi alvejado por uma série de projéteis que iam desde “pilhas grandes, caixas de biscoito, papel higiênico molhado, moedas”, até latas de cerveja cheias de areia. Segundo Lobão,

Com a sanha da chacota, muitos não se deram conta de que aquela minha apresentação no Rock in Rio ritualizava o fim de uma década inteira, o fim dos sonhos de toda uma geração em marcar sua presença, com alguma dignidade, na história da música popular brasileira e, com ela, a ruína de todo o segmento (Lobão, 2010, p. 454).

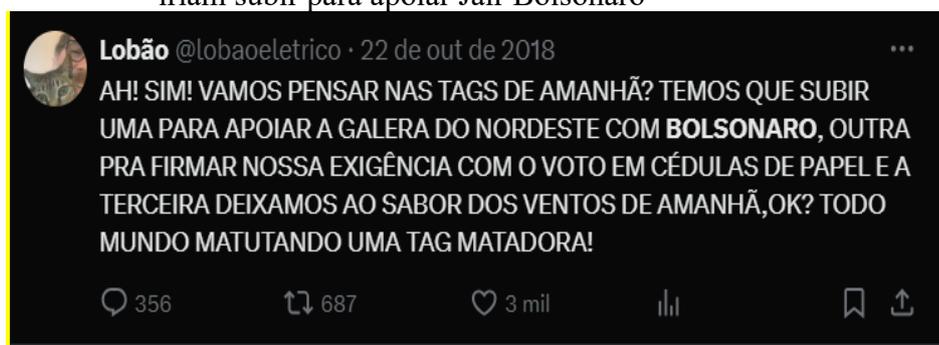
A partir daí ele disse ter precisado de um tempo para processar todo o ocorrido e traçar novos planos para o futuro, pois encontrava-se decepcionado com seus discos e sua atuação pública. Teve uma rotina de reinvenções e renascimentos na qual lançou outros discos, outros trabalhos, mas se surpreendeu com a carreira de escritor.

Com o passar do tempo, o sentimento de indignação perante a esquerda e o PT só aumentava, o que configurou fator decisivo para manifestar seu apoio a um candidato capaz de derrotar a esquerda do poder. Seu primeiro contato pessoal com Jair Bolsonaro se deu em 2008, quando o músico trabalhou no programa *Debate MTV*. Bolsonaro ainda era deputado federal à época e fora um dos convidados da mesa e, que, mesmo com “seu senso de humor um tanto obtuso e inoportuno, (...) se mostrava um homem simpático, à sua maneira” (Lobão, 2020, p.18).

A decisão de apoiar Bolsonaro está explicitada mais claramente no seu segundo livro biográfico, *60 anos a mil*, publicado e lançado dez anos após o lançamento de *50 anos a mil*. Lobão afirmou que estava indeciso em relação aos candidatos, como que em um dilema. Mas que após o sete de setembro, “com a turbinada facada em Bolsonaro, só restavam duas opções: ou você votava em Fernando Haddad ou em Jair Bolsonaro” (Lobão, 2020, p. 231).

Lobão foi muito atuante em suas redes sociais, manifestando oposição à esquerda, ao PT e difundindo a propaganda bolsonarista com grande vigor. Trabalhou arduamente para que suas *hashtags* de apoio a Bolsonaro e de convocações para os atos golpistas alcançassem o maior número de internautas, às vezes com o alcance dos *trend topics* em menos de 15 minutos (Lobão, 2020, p. 233), conforme podemos observar a seguir:

Figura 11 - Postagem convocando os seguidores a pensarem nas tags que iriam subir para apoiar Jair Bolsonaro



Acesso em: 04 jun. 2024.

Nesta postagem podemos constatar como ele usa as redes sociais e sua influência em prol da propaganda bolsonarista, trazendo os seus seguidores para pensarem juntos nas tags que iriam colocar em xeque a fim de obter maior alcance de divulgação. Sugere uma que englobe e apoie os eleitores do nordeste, denotando uma intencionalidade clara, haja vista que no primeiro turno das referidas eleições, Jair Bolsonaro havia perdido nos estados da região nordeste. Um segundo ponto a ser destacado nesta postagem é a exigência do voto em cédulas de papel, seguindo o discurso de que haveria fraudes no sistema eleitoral brasileiro.

Figura 12 - Comemoração da vitória de Jair Bolsonaro



Acesso em: 25 abr. 2024.

Cabe ressaltar, aqui, que o livro *60 anos a mil* foi publicado em 2020, ou seja, Lobão já havia manifestado seu arrependimento em ter votado em Jair Bolsonaro e apoiado e difundido as ideias de Olavo de Carvalho. Logo, podemos observar claramente a forma como ele justifica ter apoiado a candidatura de Bolsonaro em 2018 se assemelhar à forma como ele justifica ter apoiado Lula em 1989, ambas por conta de uma “polarização”.

### 3.3 O retorno de Roger Moreira à mídia e apoio incondicional a Jair Bolsonaro

Roger Moreira também figurava entre a ala oitentista do rock nacional que acreditava ser Jair Bolsonaro “a única chance de mudar o cenário nacional estagnado pelos governos PT havia mais de uma década, mas também de ‘desaparelhar o governo’”. Percebia muito bem essa polarização quando afirmou que quem não apoiasse Bolsonaro, apoiava Lula (Mattos, 2023, p.190-191). Diferente de Lobão, Roger manteve sua postura e seu apoio a Bolsonaro até o presente momento desta pesquisa.

Conforme já foi citado em capítulo anterior, no decorrer dos anos 90, o Ultraje a Rigor já não produzia mais tantos discos de sucesso como antes. A saída de alguns integrantes, as novas demandas do mercado, as novas tecnologias musicais que muitas vezes não eram bem aceitas pelo conservador Roger, acabaram por minguar as oportunidades de trabalho. Em 1993 ainda gravam o álbum *Ó*, em 1998 lançaram uma coletânea chamada *O melhor da música do Ultraje a Rigor*, que contou com a participação da dupla sertaneja Tônico & Tinoco na faixa *Vamos virar japoneses*. Em 2005 gravou o álbum acústico com apenas uma canção nova e as demais já conhecidas. Finalmente, em 2012, gravou um álbum junto com a banda *Raimundos* tocando os clássicos das duas bandas.<sup>69</sup>

Em entrevista concedida à *Revista Dynamite* nº 72, datada de abril de 2004, mas republicada no site *Rock em Geral* em abril de 2010, Roger foi questionado se iria aderir a então moda dos álbuns acústicos. Ele respondeu, no entanto, que não pensava em fazer, porque segundo ele, “minhas músicas não foram feitas para serem assim. Eu não gosto nem do lance, uma coisa de Teatro Municipal, aquele ar aristocrático, esnobe. Porque eu faço rock, que não é para ser sério”.<sup>70</sup> A seguir, quando questionado sobre algumas bandas de rock que, no final dos anos 80, fizeram músicas mais próximas à MPB para se manterem no mercado, Roger atribuiu a este fato o recalque de querer ser levado a sério como músico. E cita o nome dos cantores Caetano Veloso, Gilberto Gil e Chico Buarque representando aqui novamente os cânones da música brasileira:

“Faz parte daquele recalque que eu te falei, de querer ser levado a sério, ser igual ao Caetano. Eu sempre fui contra. Não é que eu não goste, tive inclusive influência de Caetano, do Gil, Chico Buarque, principalmente em termos de letra, quando nós passamos por aquele período de ditadura, que tinha que falar as letras usando

<sup>69</sup> Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/grupo/ultraje-a-rigor/>. Consultado em: 12 dez. 2024.

<sup>70</sup> Disponível em: <http://www.rockemgeral.com.br/2010/09/08/ultraje-a-rigoro-casamento-perfeito-entre-rock-e-bom-humor/>. Acesso em: 13 set. 2024.

subterfúgios, e eu gostava disso. Eu gosto, mas é praia deles e eu tenho a minha praia. Eu cheguei até a dar uma declaração que foi mal interpretada na época, falei na inocência: “assim como o Caetano não faz rock eu não faço mpb”. O Caetano entendeu que eu estava falando que ele não sabia fazer, e eu quis dizer que eu fazia o que eu sabia fazer e que outros faziam outra coisa. Eu acho que isso matou o movimento.<sup>71</sup>

Nesta mesma entrevista, em 2004, com um trocadilho com sua canção, o repórter perguntou como será agora que “a gente sabemos escolher presidente” e Roger respondeu: “Não sei se sabe, não...”. Ressaltando que 2004 era o primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva, podemos perceber em seu discurso já à época um teor de crítica à competência do então presidente eleito e crítica aos programas sociais:

O Lula é bom como oposição, mas é até bom ele ter sido eleito, para o pessoal ver como é que é. Ele tá dando continuidade, talvez não com a mesma competência, mas não se pode saber isso agora. Não tem inflação, mas tá tudo travado. Tem uma série de projetos que eu acho bobos, como o Fome Zero, é um negócio meio paternalista, acho que tem que dar condições, mesmo que demore.<sup>72</sup>

Desta fala podemos depreender críticas ao governo Lula e a seus programas de políticas públicas estruturais de caráter emergencial como o *Fome Zero*. Conforme já citado em capítulo anterior, de fato a administração de Lula, no âmbito econômico, apresentou algumas posições mais conservadoras no sentido de manutenção das bases políticas do governo FHC. Por outro lado, essa manutenção foi em boa parte compensada por políticas de transferência de renda bastante significativas. Composto em parceria com a Comissão Pastoral da Terra (CPT), por Frei Betto e Ivo Poletto, o programa contava com uma diversidade de projetos que contemplavam outras reformas estruturais integradas, que iam desde reformas em relação à alimentação passando por campanhas de alfabetização, reforma agrária e políticas de habitação popular. Essa diversidade de projetos vai esbarrar na dificuldade de articular os responsáveis pelas diferentes iniciativas. Estes projetos que contemplam os mais vulneráveis já vinham sendo aplicados por governos petistas desde os anos 1990, em várias cidades e municípios brasileiros. FHC em seu governo adotou programas de transferência de renda a partir de 2001, muito influenciado por essas experiências prévias dessas outras cidades, com o *Bolsa Escola* e o *Bolsa Alimentação*, que apesar de significarem um avanço nas estratégias de combate à pobreza e à fome e na garantia de frequência escolar das crianças, ainda assim os programas apresentavam fragmentações. Dois anos depois, em 2003, Lula instituiu em seu mandato o programa *Bolsa*

---

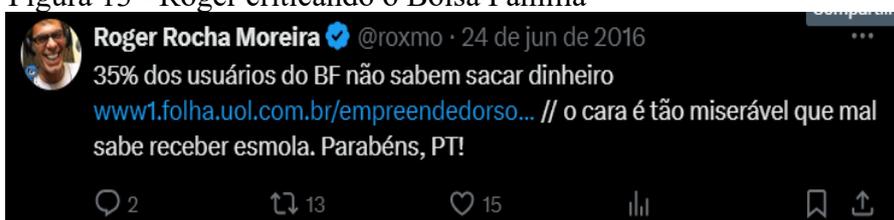
<sup>71</sup> Idem.

<sup>72</sup> Idem.

*Família*, que vai condensar, sob uma gestão unificada, programas de transferência de renda anteriores: *Bolsa Alimentação*, *Cartão Alimentação*, *Auxílio-Gás* e *Bolsa Escola*. Já no final do primeiro ano já atendia 3,6 milhões de famílias e no início de 2006 atingiu a meta prevista que era 11,1 milhões de famílias atendidas em 99,9% dos municípios brasileiros (Almeida, Neto, 2012, p.20-21).

Em postagem no *Twitter* em 2016, já sob o governo Dilma Rousseff, Roger torna não só a criticar as políticas de transferências de renda, mas chama as pessoas de miseráveis e que não sabem receber esmolas, denotando uma fala claramente classista nos moldes de sua canção oitentista que fala “a gente pede grana e não consegue pagar”.

Figura 13 - Roger criticando o Bolsa Família



Acesso em: 25 abr. 2024.

A partir de 2011, Roger Moreira passou a compor a banda do programa *talk show* do apresentador Danilo Gentili, humorista do gênero *stand-up comedy* que desde sempre tece duras críticas ao PT e à esquerda no Brasil. Seu discurso e posicionamento político estão muito alinhados com a “nova direita”. O apresentador responde a diversos processos devido a suas declarações ofensivas contra mulheres, negros, pessoas com deficiência, dentre outras minorias. Neste programa, Roger não só coaduna com o tipo de humor que Gentili trabalha, mas também se sente muito confortável para destilar toda sua ira contra a esquerda, contra as instituições públicas, contra as minorias e contra a suposta “ditadura comunista” que afirmam categoricamente que o Partido dos Trabalhadores queria implantar no Brasil.

Figura 14 - Roger diante de uma imagem de Lula como “presidiário”



Acesso em: 25 jul. 2024.

Figura 15 - Roger ao lado de Jair Bolsonaro, pouco antes das eleições de 2018



Acesso em: 25 jul. 2024.

Em 2017, na ocasião da produção do livro *Guia Politicamente Incorreto dos anos 80 pelo rock*, Roger foi convidado por Lobão para uma conversa sobre a época de sucesso dos dois como músicos, “sobre a trajetória do Ultraje, a produção musical daquele período, o papel das gravadoras, a rapaziada do metiê, as panelinhas, sua visão sobre Tropicália, a MPB, entre outras tantas coisas” (Lobão, 2017) Lobão destaca, nesta parte do livro, o Ultraje como uma das bandas mais importantes do rock brasileiro, com letras somando “um humor anárquico e esbaldante” (Lobão, 2017). O encontro acabou rendendo uma parceria inédita: a composição de uma canção pelos dois músicos denotando todas as suas insatisfações com a política de esquerda no Brasil. A canção cujo título é *O Bobo*, que critica os jovens universitários de esquerda, critica manifestações, e algumas partes que são faladas os músicos tentam “imitar” a voz e forma de falar de Lula da Silva. Fala em “patrulha” provavelmente fazendo alusão ao *patrulhamento de esquerda* que a nova direita sempre reitera

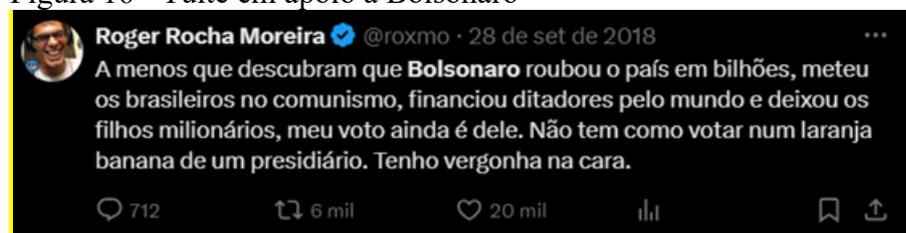
“é tão rebelde quanto um carneirinho/ que obedece a patrulha pra não ser patrulado/ e alguém ta rindo da sua certeza/ um revoltado bobo é uma beleza de se enganar/ você caiu feito um marreco no esquema/ que pena/ mas é que o burro não sabe que é burro/ ele só quer tirar onda no meio da manada/ Papai Noel te fez de rena” (Lobão e Roger Moreira, 2017).

A música foi a primeira parceria de Roger e Lobão. Com uma execução bem rápida, com a bateria sobressaindo bem aos outros instrumentos e a guitarra bem delimitada, Lobão afirmou que embora a gravação tenha ficado uma “pedrada, e, como já esperávamos, a repercussão foi próxima ao nulo, mas nos divertimos a beça” (Lobão, 2020, p. 180).

Nas eleições presidenciais de 2018, Roger manifestou apoio ao candidato Jair Messias Bolsonaro, alinhado à extrema-direita. Roger é muito atuante em suas em suas redes sociais,

principalmente *Instagram* e *Twitter*, nos quais posta diariamente. Em relação a seu apoio a Bolsonaro, o músico afirma no *Twitter*, conforme imagem abaixo, que:

Figura 16 - Tuíte em apoio a Bolsonaro



Acesso em: 21 jul. 2024.

Podemos observar diversas de suas postagens a favor do discurso armamentista, militarista e anticomunista. Em entrevista para o site *UOL* e questionado sobre o seu discurso contribuir com a extrema-direita, ele afirma que sim, e que deveria contribuir mesmo, porque, segundo ele, já foi muito polarizado para o outro lado e muitas coisas simples não são compreendidas por conta do “politicamente correto”. Que em sua opinião deveria sim, radicalizar para o outro lado.<sup>73</sup>

Figura 17 - Roger em defesa do armamentismo, umas das principais pautas da extrema-direita



Acesso em: 25 jul. 2024.

É possível observarmos postagens com cunho racista, misógino, homofóbico e xenofóbico, como foi o caso de uma postagem na rede *Twitter* em 2016, na qual o jornal *Folha de São Paulo* fez uma matéria acerca da popularidade de Lula no Nordeste. Roger postou que

<sup>73</sup> Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2019/11/13/roger-do-ultraje-a-rigor-ataca-a-esquerda-e-nega-radicalismo-ponderado.htm>. Consultado: 10 jul. 2024.

se ele falar que é por conta do alto número de ignorantes comprovados no Nordeste, aí “detona o mimimi”.<sup>74</sup>

Atualmente, Roger tem sido lembrado por suas constantes declarações sobre temas sensíveis, conforme já fora citado aqui anteriormente. Gostaríamos de ressaltar aqui, também, a polêmica referente à ditadura civil-militar, na qual envolveu o escritor e jornalista Marcelo Rubens Paiva, na 12ª Feira Literária Internacional de Paraty (FLIP) em 2014. Na ocasião, o jornalista, que teve o pai, o engenheiro civil e deputado federal Rubens Paiva, assassinado pelo regime, participava de um evento comemorando os 50 anos do golpe militar. Marcelo Rubens Paiva causou comoção ao falar do pai. Em momento posterior, pontuou que lamentava o fato de muitas pessoas hoje não saberem realmente o que foi a ditadura. E citou o músico Roger como exemplo, pois segundo Marcelo, se até o Roger Moreira que compôs músicas sobre as Diretas Já, criticando a ditadura, hoje está alinhado ao conservadorismo, que dirá os jovens que podem não ter tanto acesso às informações. Roger não só se incomodou com o exemplo dado, mas também reagiu com postagens ofensivas:

"Não sofri na ditadura porque não estava fazendo merda. A pessoa tem que saber quais são os riscos do que está fazendo", afirma Roger. O cantor diz ter vivido "uma vida absolutamente normal" durante o período. "Era melhor do que essa ditadura disfarçada que vivemos hoje."<sup>75</sup>

Os comentários tiveram grande repercussão nas redes e Roger apagou as postagens posteriormente. As polêmicas envolvendo Roger Moreira e seus comentários reacionários não são poucas.

Em 2021, Roger foi condenado a pagar 100 mil reais de indenização a uma artista plástica por ofensas misóginas proferidas a ela na internet em 2017. Nesta ocasião, diversos apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro realizaram ataques nas redes sociais contra a artista e a obra que comporia a exposição *Queermuseu*. Sua exposição foi cancelada cerca de um mês antes de sua estreia.<sup>76</sup> Em 2023, também teve que pagar 60 mil reais por danos morais, além de fazer um acordo com a Promotoria da Infância e Juventude de São Paulo, no qual ele precisaria

---

<sup>74</sup> Disponível em: [https://x.com/roxmo/status/756150020076810242?ref\\_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etwettermbed%7Ctwterm%5E756150020076810242%7Ctwgr%5E8bc6164b815b6baeb32680c851604c09a282946f%7Ctwcon%5Es1\\_&ref\\_url=https%3A%2F%2Fcelulapop.com.br%2Ffreuvin-do-inutil-a-luz-da-historia%2F](https://x.com/roxmo/status/756150020076810242?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etwettermbed%7Ctwterm%5E756150020076810242%7Ctwgr%5E8bc6164b815b6baeb32680c851604c09a282946f%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fcelulapop.com.br%2Ffreuvin-do-inutil-a-luz-da-historia%2F). Consultado em: 07 jul. 2024.

<sup>75</sup> Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/2014/8/13/cantor-roger-xinga-jornalista-debocha-de-perseguidos-pela-ditadura-9950.html>. Consultado em: 13 maio 2023.

<sup>76</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/06/11/roger-moreira-e-condenado-a-pagar-r-100-mil-a-artista-plastica-adriana-varejao-apos-ataques-na-web.ghtml>. Consultado em: 15 jul. 2024.

fazer postagens em suas redes sociais durante sete dias seguidos com conteúdo de combate à exploração sexual infantil. Após tecer críticas e desinformação sobre o caso de uma menina de 11 anos, grávida pela segunda vez e ambas as vezes por ter sido vítima de estupro, o Ministério Público de São Paulo decidiu mover a ação contra o músico.<sup>77</sup>

Os dois músicos, Roger e Lobão se alinham a personagens do humor politicamente incorreto, mas Roger é sem sombra de dúvidas o mais reacionário entre os dois. Sua figura representa exatamente a personificação dessa “nova direita” que tem se configurado no Brasil. Seja agredindo minorias, rechaçando programas sociais, minimizando ditaduras ou disseminando notícias falsas, Roger, enquanto pessoa pública, angariava mais seguidores que coadunavam seu pensamento. Durante o curso desta pesquisa, suas redes sociais, sobretudo o *Twitter*, foram bastante acessadas. Cada vez que entrávamos em seus perfil, observamos o número de seguidores aumentados em cada acesso. O que não ocorria com Lobão, visto que ele já manifestou críticas e rompimento com Jair Bolsonaro e Olavo de Carvalho já nos primeiros anos de mandato de Bolsonaro. É um demarcador social o fato de que o mais reacionário entre os dois tenha cada vez mais seguidores, enquanto o outro perde seguidores a cada postagem mais “progressista” ou crítica a Jair Bolsonaro. Álvaro Bianchi é pontual e assertivo quando fala que é no terreno cultural que estamos perdendo a guerra, no qual as “correntes tradicionalistas, conservadoras, liberais e fundamentalistas estão ganhando a guerra” (Bianchi, 2016, p.121). Roger serviu muito bem a esse projeto que Castro Rocha chama de *guerra cultural*, que se retroalimenta, dentre outras coisas, do discurso de combate à corrupção, do sentimento do *antipetismo*, da moralização aliada à pauta dos costumes que juntas vão constituir o combustível perfeito para construir cada vez mais as narrativas polarizadoras. A constante iminência de um inimigo comum, de algo constantemente a ser combatido é parte constitutiva desse radicalismo das direitas o que João Cezar de Castro Rocha vai definir como:

“uma matriz de produção em série de narrativas polarizadoras cuja radicalização crescente engendra sem trégua inimigos imaginários, mantendo a militância em estado permanente de excitação. Sua força consiste em associar a ação política à dinâmica das redes sociais, produzindo um curto-circuito no sistema político representativo por meio do engajamento típico do universo digital” (Rocha, 2023, p.19).

Essa é uma diferença pontual entre os dois músicos. Lobão recebeu apoio de setores da esquerda em determinadas épocas de sua vida e de sua carreira e teve sim posturas e posicionamentos progressistas em vários momentos de sua carreira. Em mais de uma ocasião

---

<sup>77</sup> Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/guitarrista-roger-faz-acordo-com-mp-por-desinformacao-sobre-estupro-e-gravidez-de-menina-de-11-anos/>. Consultado em: 15 jul. 2024.

foi convidado por programas de entrevistas como *Roda Viva*, o qual já foi entrevistado algumas vezes, o que não ocorre com Roger. Até a dificuldade de coleta de material é um demarcador, pois a quantidade de material relacionado a Roger ou ao Ultraje a Rigor é ínfima e isso foi um ponto de dificuldade para a realização da pesquisa. Mesmo com todo sucesso que foi atribuído ao grupo quando do lançamento do *Nós Vamos Invadir Sua Praia*, como o primeiro disco de rock brasileiro a ganhar o Disco de ouro e de platina, foi difícil acessar material referente a eles nos anos 1980. Atualmente, Roger é muito ativo em suas redes sociais, publicando diariamente. Entretanto, suas postagens têm tido basicamente o mesmo teor de críticas ao PT e de tudo que permeie o social. Lobão, por sua vez, tem bastante material produzido, cinco livros publicados, entrevistas, *podcasts*, programas televisivos o que demandou uma filtragem em seu material para nossa análise.

## CONCLUSÃO

Não temos como afirmar que o rock, assim como outro estilo musical e mesmo a arte em geral é, por si só, um movimento necessariamente de “direita” ou “esquerda”. No entanto, podemos depreender que um movimento advindo de uma musicalidade negra, como o rock veio do *rythim & blues*, aliado aos temas das primeiras músicas que tratavam de sexualidade, de duplo sentido, além das danças e movimentos corporais, teria sim um cunho mais progressista. O rock surge juntamente com o conceito de contracultura. Nesse sentido, é possível inferirmos um viés progressista no que tange à sua gênese como música negra, como música que abordava temas-tabu numa sociedade americana conservadora. Minimamente, os jovens ansiavam contestar os padrões impostos pela sociedade e, sobretudo, contestar seus próprios pais. Assim, mesmo sendo jovens em sua maioria brancos, advindos de classes que dispõem de boas condições financeiras, acabavam flertando com ideias mais progressistas por querer contestar essa moral burguesa, cristã, branca, apesar de gozarem desses privilégios. Porque o ideal progressista perpassa não só o econômico, mas também o social, ligado aos costumes e as tradições. E, conforme podemos observar em Weber, os costumes e as tradições, mesmo não racionalizados no âmbito do direito formal, normativo, exercem grande influência na ordem social, tendo por muitas vezes força de lei, desempenhando papel importante nas formas de dominação (Weber, 1999).

Para Paul Friedlander (2006) existem diversas maneiras pelas quais as canções adquirem significados. Primeiramente, o significado e intencionalidade que o artista quer conferir àquela canção. Depois, a canção vai sofrendo alterações devido aos vários processos inerentes à produção fonográfica: desde a gravação, as tecnologias, todo o processo de produção em si. Quando esse trabalho é eternizado na gravação de um disco, na impressão da letra da música, ele é direcionado a um ouvinte que vai recebê-lo e percebê-lo a partir de um filtro social. Ou seja, a partir de determinadas condições sociais que aliadas à sua vivência irão conferir o sentido dessa interpretação para o receptor, no caso, o ouvinte (Friedlander, 2006, p. 17). Sendo assim, podemos inferir que o rock, enquanto história social, precisa ser pensado pelo seu tempo. Friedlander cita o exemplo de uma canção da banda Rolling Stones lançada na década de 1960, “*Let’s Spend the Night Together*” que se tivesse sido lançada na década anterior teria sido uma blasfêmia, e se tivesse sido lançada na década seguinte, passaria despercebida (Friedlander, 2006, p. 20). Ou seja, assim como qualquer outro elemento cultural, não é possível descolar a música do contexto histórico e social no qual está inserida. E a própria configuração do Estado,

as demandas sociais vão moldar as características culturais daquele período (Almeida; Lourenço Neto, 2012, p. 12).

Ao analisarmos as trajetórias de vida de cada um desses músicos, podemos constatar que se assemelham em muitos aspectos. Ambos falam de um lugar de privilégios. São homens brancos, advindos de famílias com excelentes condições financeiras se compararmos com a maioria da população brasileira. Viveram uma vida financeiramente confortável, estudaram nas melhores escolas, tiveram a oportunidade de morar fora do país, embora por motivos diferentes. Roger Moreira era morador da região dos Jardins em São Paulo, e estava longe dos jovens engajados que militavam no movimento estudantil recém-surgido. Assim, “adolescente, a transgressão não ia além dos sapos que apanhava na fazenda dos pais e soltava nas aulas. Em vez de contestação juvenil, algazarra inconsequente” (Pilagallo, 2023, p. 73).

Lobão, por sua vez, sempre fora conhecido por seu comportamento considerado inadequado, sempre tecendo críticas acirradas a tudo que para ele possa soar como “transgressor”. Quando, em 2013, recebeu o convite para ser colunista da *Veja*, aceitou porque a revista era vista pela esquerda como um “ninho de reacionários incorrigíveis. E pensando com os meus botões, divaguei: nada mais underground e provocador que escrever na *Veja*. Simbora nessa!” (Lobão, 2020, p. 80). O período em que passou preso também fez observar mais de perto como era o sistema carcerário no Brasil e isso o causou incômodo na época, mesmo gozando de privilégios durante sua detenção. Tal fato pode, provavelmente ter influenciado em alguns de seus posicionamentos à época. Podemos observar em suas composições, álbuns e entrevistas pós detenção uma crítica social mais acirrada, um elemento de indignação com o sistema prisional, com a política em si, contra a ditadura, mas sempre de forma abrandada ou até mesmo superficial. Em nossas análises pudemos depreender que possivelmente nunca houve uma crítica mais aprofundada em relações a essas questões sociais e o próprio músico já pontuou mais de uma vez que não gostava de fazer canções políticas ou de protesto. Suas canções poderiam até ter um cunho aparentemente mais contestador, mas isso não era ratificado de forma mais contundente por suas falas em entrevistas, por exemplo. Ao traçarmos um comparativo com outras bandas da mesma época, como a Legião Urbana, por exemplo, que contava com uma série de composições contra o regime militar, contra as torturas e abusos por parte dos militares e forças policiais, vemos que sustentavam suas convicções ideológicas também fora das canções.<sup>78</sup> Como pontua Mattos (2016) e também conforme foi analisado nesta pesquisa, já é possível vislumbrarmos traços desses posicionamentos ainda nos anos 1980

---

<sup>78</sup> Disponível em: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/a-critica-a-ditadura-militar-na-obra-da-banda-brasiliense-legiao-urbana/>. Consultado em: 12 jan. 2025.

quando percebemos a questão do nacionalismo e da corrupção em algumas das composições de Lobão e uma ojeriza à política em canções de Roger (Mattos, 2016, p.252). Isso nos possibilita depreender que tais músicos nunca guinaram à direita, mas que já demonstravam esse posicionamento de longa data, por mais que um deles tivesse por alguns momentos essa oscilação, entre se encaixar em algum padrão ou ir contra à ordem vigente, como é o caso de Lobão. A possibilidade da retomada às mídias também foi um fator condicionante, pois obtiveram lucros com o reerguimento de suas carreiras, mas não foi o único fator. Podemos inferir que ambos tornaram-se militantes da direita, sobretudo no período das eleições de 2018.

Em relação ao apoio a Jair Bolsonaro, logo nos primeiros anos de seu mandato, Lobão já discordava de sua gestão e de sua pessoa, tornando-se um crítico tanto do presidente quanto de Olavo de Carvalho. Já Roger Moreira mantém seu apoio incondicional a Bolsonaro até os dias de hoje. Além disso, suas redes sociais estão sempre recheadas de postagens grosseiras, ácidas e ofensivas às minorias. Como já citado anteriormente, algumas já lhe renderam alguns processos e ordens de retirada de postagens falsas pela ministra do Supremo Tribunal Federal, Carmem Lúcia.<sup>79</sup>

A origem de classe de ambos os músicos é relevante, contudo, por si só, não justifica e nem elucida historicamente seus posicionamentos. O ostracismo no qual se encontravam, aliado ao ressentimento e ao recalque manifesto na crítica à MPB como uma instituição inalcançável, ao “intelectual de esquerda” e todos os cânones que permeiam este universo também são aspectos fundamentais para que possamos compreender este posicionamento. Outra questão importante é o fato de a “reinvenção” de suas carreiras coincidir com esse avanço do conservadorismo que está inserido em um processo histórico da construção desse novo projeto de estruturação da hegemonia burguesa e diretamente ligado à atualização do movimento das direitas no Brasil (Casimiro, 2020, p.11).

Essa atualização dos mecanismos de dominação das direitas perpassa também os espaços digitais. A revolução digital no campo da política tem sido muito bem utilizada pela direita, que vem dominando com maestria este universo. E ambos, como pessoas públicas, utilizam-se desses espaços digitais e colaboraram com a difusão da ideologia dessa nova direita e com a propaganda bolsonarista, vale ressaltar. Sobretudo porque atuam ainda no campo da cultura, que sempre foi um espaço de disputas, que exerce papel importante na formação dos consensos (Buci-Glucksmann, 1980). É necessário, portanto, que entendamos a cultura como

---

<sup>79</sup> Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/09/19/tse-determina-que-roger-moreira-apague-postagens-com-mentiras-sobre-lula.ghtml>. Acesso em: 20 ago. 2023.

espaço importante do conflito de classes, constituindo um espaço no qual as visões de mundo vão se organizar e se enfrentar.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis – Punks e Darks no espetáculo urbano*. São Paulo: 1994.
- ADORNO, Theodor W. *A Filosofia da Nova Música*. 1.ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.
- ALBERTO, Thiago Pereira; PILZ, Jonas; JANOTTI JÚNIOR, Jeder (Orgs.) *O Rock errou?* Belo Horizonte, MG: PPGCOM/UFMG, 2022. Formato PDF. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/publicacao/o-rock-errou/>. Acesso em: 11 jan. 2023.
- ALEXANDRE, Ricardo. *Dias de luta: o rock e o Brasil dos anos 80*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.
- ALTMAN, Breno; CARLOTTO, Maria Caraméz (orgs.) *Junho de 2013: a rebelião fantasma*. São Paulo: Boitempo, 2023.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Brasília: Ed. UnB, 1998. v. 1.
- BOITO JÚNIOR, Armando. *Reforma e crise política no Brasil: os conflitos de classe nos governos do PT*. Campinas, SP: Editora da Unicamp/São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- BRANDÃO, Antônio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. *Movimentos culturais de juventude*. São Paulo: Moderna, 1990.
- BRANDÃO, Rafael Vaz da Motta; ALMEIDA, Gelsom Rozentino de; CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira (orgs.). *Miragem do Brasil: dos governos PT ao golpe de 2016 e à ascensão conservadora*. Rio de Janeiro: Garamond, 2020.
- BUCCI-GLUCKSMANN, Christine. *Gramsci e o Estado: por uma teoria materialista da filosofia*. Rio de Janeiro, Paz e Terra: 1980.
- BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a Revolução em França*. Tradução José Miguel Nanni Soares. São Paulo: Edipro, 2014.
- CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. *A nova direita no Brasil: aparelhos de ação político-ideológica e atualização das estratégias de dominação burguesa (1980-2014)* 2016. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História. Niterói, 2016.
- \_\_\_\_\_. *A tragédia e a farsa. A ascensão das direitas no Brasil contemporâneo*. 1ed. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Rosa Luxemburgo, 2020.

CAIAFA, Janice. *Movimento Punk na cidade: A invasão dos bandos sub.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

CASARA, Rubens R.R. *Bolsonaro: o mito e o sintoma.* São Paulo: Contracorrente, 2020.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia.* São Paulo: Brasiliense, 2008.

COELHO, Eurelino. *Uma esquerda para o capital: crise no marxismo e mudança nos projetos políticos dos grupos dirigentes do PT (1979-1998).* Universidade Federal Fluminense, 2005.

COELHO, Priscilla Passos. O papel da Embrafilme no desenvolvimento do cinema brasileiro. 2009. Dissertação (Mestrado em Economia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político.* São Paulo: Editora Campus, 1992.

CRUZ, Sebastião Velasco e; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (orgs.) *Direita, volver! o retorno da direita e o ciclo político brasileiro.* São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

DEMIER, Felipe; HOEVELER, Rejane (orgs.). *A Onda Conservadora: Ensaio sobre os Tempos Atuais Tempos Sombrios no Brasil.* Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

DEMIER, Felipe. *Depois do Golpe: a dialética da democracia blindada no Brasil.* Rio de Janeiro: Mauad X 2017.

ESSINGER, Silvio. *Punk –Anarquia Planetária e a cena brasileira.* São Paulo: Ed.34. 1999.

FREITAS, Carolina; BARROS, Douglas; DEMIER, Felipe (orgs). *Junho e os dez anos que abalaram o Brasil (2013 a 2023).* São Paulo: Usina Editorial, 2023.

FRIEDLANDER, Paul. *Rock na droll: uma história social.* Rio de Janeiro: Record, 2008.  
HOBSBAWM, Eric. *História social do jazz.* Rio de Janeiro: 1990.

HORTA, Rodrigo César Ribeiro. Os protestos de 2013 nos acordos do rock nacional. *ArtCultura.* Uberlândia, v. 25, n. 46, p. 240-258, jan./jun., 2023. 241.

KAYSEL, André. *Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro.* São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

KANAAN, Gabriel Lecznieski. O Brasil na mira do tio Sam: o projeto Pontes e a participação dos EUA no golpe de 2016. In: Encontro de História da ANPUH-Rio, 18. 2018. *Anais[...].* Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2018.

KIRK, Russel. *Breve manual de conservadorismo.* São Paulo: Trinitas, 2021.

LOURENÇO NETO, Sydenham; ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. *Estado, hegemonia e luta de classes: interesses organizados no Brasil Recente.* Bauru, SP: Canal 6, 2012.

MAGI, Érica Ribeiro. *Rock and roll é o nosso trabalho: a Legião Urbana, do underground ao mainstream*. São Paulo: Alameda, 2013.

MARTINS, Ana Carolina Campos Pereira Serpa. *Lobão: do Vimana a Veja*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal de Juiz de Fora. 2016.

MATTOS, Hebe; BESSONE, Tânia; MAMIGONIAN, Beatriz G. *Historiadores pela democracia: o golpe de 2016 e a força do passado*. São Paulo: Alameda, 2016.

MATTOS, Romulo. Lobão e Roger Moreira: A guinada conservadora de dois roqueiros dos anos 1980 (companheiros de viagem dos humoristas “politicamente incorretos”). In: DEMIER, Felipe; HOVELER, Rejane (orgs.). *A Onda Conservadora: Ensaios sobre os Tempos Atuais Tempos Sombrios no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

MELO, Demian Bezerra de. Revisão e revisionismo historiográfico: os embates sobre o passado e as disputas políticas contemporâneas. *Marx e o Marxismo*, v.1, n.1, jul./dez. 2013.

\_\_\_\_\_. *A miséria da historiografia: uma crítica ao revisionismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Contemporânea, 2014.

MOBY, Alberto. *Sinal Fechado – A música popular brasileira sob censura*. Rio de Janeiro: Obra Aberta, 1994.

MONTEIRO, Geraldo Tadeu Moreira; ISMAEL, Ricardo (orgs.) *Brasil e as eleições nacionais 2018: mudanças, continuidades e novos desafios*. Rio de Janeiro: Gramma Livraria e Editora, 2020.

MORAIS, Luana de Azevedo. *A Revista Outra Coisa e a difusão da cena independente do rock nacional*. 2018. 32f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande – PB, 2018.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX*. São Paulo: Editora Forense Universitária, 1967, v. 2.

MOTTA, Nelson. *Noites tropicais: Solos, Improvisos e Memórias Musicais*. Rio de Janeiro: 2000.

NAPOLITANO, Marcos. MPB: a trilha sonora da abertura política (1975/1982). *Estudos Avançados*, p. 389-402, 2010.

PATSCHIKI, Lucas. *Os litorais da nossa burguesia: O Mídia Sem Máscaras em atuação partidária (2002-2011)*. 2012. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Candido Rondon, 2012.

PEREIRA, Carlos A. *O que é Contracultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Col. Primeiros Passos).

PILAGALLO, Oscar. *O girassol que nos tingem: uma história das Diretas-Já, o maior movimento popular do Brasil*. São Paulo: Fósforo, 2023.

POULANTZAS, Nicos. *O Estado, o poder, o Socialismo*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.

ROCHA, Camilla. ‘*Menos Marx, mais Mises*’: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). 2019. Tese (Doutorado em Ciência Política). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2019.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós político*. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico: Retórica do ódio e dissonância cognitiva coletiva*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

SAGGIORATO, Alexandre. *Anos de chumbo: rock e repressão durante o AI-5*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012.

SENA, Raffael Silveira. *Da transgressão ao conservadorismo: a escalada da extrema direita na cena metal*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2019.

SINGER, André; JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (orgs.) *Por que gritamos golpe? para entender o impeachment e a crise*. São Paulo: Boitempo, 2016.

SINGER, André. A reativação da direita no Brasil. *Opinião Pública*, Campinas, v. 27, n. 3, set./dez., 2021. p. 705 – 729.

\_\_\_\_\_. *Os sentidos do Lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. *As contradições do lulismo: a que ponto chegamos?* São Paulo: Boitempo, 2016.

SCRUTON, Roger. *Conservadorismo: Um convite à grande tradição*. Tradução de Alessandra Bonrrunquer. Rio de Janeiro: Record, 2021.

STEPHANOU, Alexandre Ayub. *Censura no regime militar e militarização das artes*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

STROBL, Natascha. *La nueva derecha: una análisis del conservadorismo radicalizado*. Buenos Aires: Katz Editores, 2022.

SCHWARTZ, Germano. *Direito e Rock: o BRock e as expectativas normativas da Constituição de 1988 e do junho de 2013*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2014.

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Vol.2 Editora: Unb / São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

ZANELATTO, João Henrique; MAGNUS, Lucene Candido. A revista *Veja* na desconstrução da imagem da presidenta Dilma Rousseff: o processo de construção do golpe no Brasil em 2016. *Revista Eletrônica História em Reflexão, [S. l.]*, v. 17, n. 33, p. 01–20, 2023. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/article/view/13413>. Consultado: 03 dez. 2024.

## **FONTES PRIMÁRIAS:**

### **I- Fontes de imprensa (jornais e revistas)**

- *O Globo, Jornal do Brasil, Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Veja, Isto é; Época; Revista Fórum* (edições de 2013-2018).

### **II- Revistas especializadas**

- Revistas: *Bizz; Showbizz* (Edições dos anos 1980); *Revista Rolling Stone Brasil* (edições de 2013-2018)

### **III- Livros de memória, biografias e livros publicados por/sobre os músicos**

ASCENÇÃO, Andréa. *Ultraje a Rigor: nós vamos invadir sua praia*. Caxias do Sul: Belas Letras, 2011.

LOBÃO, TOGNOLI, Cláudio. *50 anos a mil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

LOBÃO. *Manifesto do Nada na Terra do Nunca*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

LOBÃO. *60 anos a mil*. São Paulo: LeYa, 2020.

LOBÃO. *Guia Politicamente Incorreto dos anos 80 pelo rock*. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

### **IV- Fontes digitais**

- Redes sociais de músicos e bandas: *Facebook; Twitter e Instagram*.

- Canal de músicos e bandas no *Youtube*.

- Sites especializados em *rock*: <https://www.wikimetal.com.br/>; <https://whiplash.net/>; <https://www.rockbrasileiro.net/>; <https://www.bandaderocknacional.com.br/>;

<https://canalдорock.com.br/rock-nacional/>; [http://armazemdamusicabrasileira.blogspot.com](http://armazemdamusicabrasileira.blogspot.com/);

- Sites de notícias: <https://www.cnnbrasil.com.br/>; <https://g1.globo.com/>; <https://exame.com/noticias-sobre/sites/>; <https://www.terra.com.br/noticias/>; <https://www.uol.com.br/>.

### **V- Fontes audiovisuais**

LOBÃO – *Cena de Cinema* – Rio de Janeiro: RCA Victor, 1982

LOBÃO – *Ronaldo Foi pra Guerra* – Rio de Janeiro: RCA Victor, 1984.

LOBÃO – *O Rock errou* – Rio de Janeiro: RCA Victor, 1986.

LOBÃO – *Vida Bandida* - Rio de Janeiro: RCA Victor, 1987.

LOBÃO – *Cuidado!* - Rio de Janeiro: RCA Victor, 1988.

LOBÃO – *Sob o Sol de Parador* – Rio de Janeiro: RCA/BMG Music Brasil, 1989.

LOBÃO – *O Rigor e a misericórdia*. São Paulo: Tratore, 2016.

ULTRAJE A RIGOR – *Nós vamos invadir sua praia*. São Paulo: WEA, 1985.

ULTRAJE A RIGOR – *Sexo!!* São Paulo: WEA, 1987.

ULTRAJE A RIGOR – *Crescendo*. São Paulo: WEA, 1989.